



CLÁUDIA NEVES

O Reino Encantado de Luzia

**A crónica da vivência e a
eterna busca do “Eu”**

O REINO ENCANTADO DE LUZIA

**A CRÔNICA DA VIVÊNCIA E A
ETERNA BUSCA DO “EU”**

FICHA TÉCNICA

Título: *O Reino Encantado de Luzia. A crónica da vivência e a eterna busca do “Eu”*

Autora: Cláudia Sofia Silva Neves

Foto da capa: Fotografia de Luzia tirada em 12 de Março de 1901, chapa nº 19.009, Luísa Grande de Freitas Lomelino, espólio de José de Sainz-Trueva, Arquivo Regional da Madeira.

Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Instituto Europeu Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes
Lisboa, março de 2017

ISBN – 978-989-8814-62-3

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto “UID/ELT/00077/2013”

Cláudia Sofia Silva Neves

O Reino Encantado de Luzia
A crónica da vivência e a eterna
busca do “Eu”

CLEPUL

Lisboa

2017

Índice

Agradecimentos	7
Introdução	9
1 Quem foi Luzia?	13
1.1. – O percurso de vida	13
1.2 – O percurso literário	27
1.3 – A receção da obra na sociedade da época	45
2 A eterna busca do “Eu”	53
2.1 – A vagabundagem pelo mundo e a saudade do que foi	53
2.2 – A permanência da solidão no meio da multidão	65
2.3 – Ser/Parecer da alta sociedade	72
3 O reino encantado de Luzia	83
3.1 – As paisagens dos seus reinos mágicos	83
3.2 – Luzia: fada, mulher e escritora	92
3.3 – O fim da magia, o que fica depois da morte?	99
Conclusão	109
Bibliografia	113
Anexos	119

A voz canta, feiticeira... Repete mil queridas, velhas coisas que eu julgava não ouvir nunca mais, acorda lembranças que eu trazia adormecidas, semimortas dentro do coração... A voz murmura, triste como todas as vozes que consolam... A voz embala, monótona, igual, num ritmo doce de carícia... A voz evoca... ah! quantos paraísos perdidos! Sim, é a voz do mar, o meu grande amigo. O mar de que conheci todos os encantos, de que adivinhei todos os tesouros. O mar que, tantas vezes, calçou de prata os meus pés, encheu de pérolas, os meus braços. O mar imenso, solitário, profundo como a alma. O mar que tem rendas e tem soluços. O mar...

Luzia, *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa,
Edições Europa, 1936, pp. 11-12.



Luzia com 26 anos de idade.

Fotografia tirada em 12 de Março de 1901, chapa nº 19.009, Luísa Grande de Freitas Lomelino, espólio de José de Sainz-Trueva, Arquivo Regional da Madeira.

AGRADECIMENTOS

O meu agradecimento vai para todos os que, de alguma forma, contribuíram para que esta obra se concretizasse da forma mais positiva possível.

Um especial obrigada:

À querida Professora Doutora Luísa Marinho Paolinelli, um imenso obrigada por ter referido Luzia nas suas aulas, sem isso, este livro nunca tinha existido. Obrigada por sempre estar totalmente disponível para ajudar, pelo constante apoio, amizade, boa disposição, e pelas suas assertivas palavras de encorajamento.

Ao meu amigo Joaquim Castanho que sempre me apoiou, sempre se prontificou a ajudar, e que mesmo não me conhecendo me conduziu por Portalegre em busca de Luzia. Sem a sua ajuda, esta obra nunca se teria concretizado de forma tão completa.

À D. Angelina Conde, D. Teresa Saporiti e D. Conceição Saporiti, pela amável hospitalidade, graciosa disponibilidade, e pela cedência de documentos fulcrais.

Aos meus amigos Carlos Barradas, Sofia Santos, Liliana Martins, e Yan Li, meus companheiros desta viagem, e que percorreram comigo os caminhos, nem sempre fáceis, da edificação e conclusão de um grande projeto.

Aos meus queridos pais e irmão Tiago, pelo seu apoio e amor absoluto.

A ti, Margarida, minha fada madrinha, por melhorares sempre os meus momentos.

À Daisy e ao Boris, os meus gatos, que me aquecem o colo, me fazem sorrir, e que me iluminaram os momentos de maior fadiga.

E a ti Juan, o meu maior obrigada, por acreditares sempre, pela paciência, pelo amparo, pelo amor mais que incondicional, por absolutamente tudo.

INTRODUÇÃO

“Esquecer é matar e, muitas vezes, morrer...”¹, escreveu Luzia, uma escritora de fins do século XIX e inícios do século XX, que, talvez nunca o imaginando, acabou por cair no esquecimento. Apesar de bastante consagrada na sua época, de ter visto os seus livros esgotarem e serem impressos em várias edições, a obra, depois da sua morte, nunca foi reeditada. É contra o esquecimento da autora, da sua dupla morte, que este estudo pretende contribuir, e é neste ponto que se encontra a sua pertinência, na tentativa de resgatar para o panorama literário português o que se acredita ser um exemplo de grande valor literário.

Contextualizar Luzia relativamente ao seu percurso e modo de estar na vida, às suas convicções e à família a que pertencia, bem como aos momentos que mais marcaram o seu trajeto, é vital para um melhor entendimento de quem foi a mulher e escritora, e é através de toda a sua obra, dos seus papéis, e da imprensa da época, que se irá traçar uma crónica da sua vivência e da busca do “eu”.

Sendo Luzia uma escritora pouco estudada e conhecida, um dos objetivos desta investigação passa por responder a questões relacionadas com quem foi Luzia, como foi o seu percurso de vida, o seu percurso literário, bem como saber de que forma era recebida na sociedade da época, e como via e vivia nessa mesma sociedade.

O estudo tem também por objetivo refletir sobre como o “eu” e a vivência de Luzia marcaram a estrutura da obra literária. A busca do “eu” está refletida na obra? A criação de um reino encantado deve-se às suas vivências? A obra espelha a sua existência?

¹ *Sobre a vida... sobre a morte, máximas e reflexões*, Lisboa, s.e., 1931, p. 78.

Pretende-se também descortinar, através da imprensa da época, como é que Luzia foi lembrada nos anos seguintes ao da sua morte, tentando determinar quais, ou qual, a razão do seu esquecimento.

Acima de tudo, ambiciona-se encontrar o “eu” de Luzia, a sua multiplicidade, por trás das belas e encantadas imagens que cria. Como escreve Bachelard, “discernir todos os sufixos de beleza, tentar encontrar por trás das imagens que se mostram, as imagens que se ocultam, ir à própria raiz da força imaginante”², demonstrando assim, a escritora de excelência que é Luzia, combatendo o seu esquecimento e divulgando a sua obra com esta investigação.

O estudo divide-se em três grandes partes.

Na primeira parte, tenta-se responder diretamente à necessidade de saber exatamente de quem se está a falar, onde nasceu e como se formou, que vida teve e como a usou na criação da sua obra, bem como o tipo de receção que a sua obra teve na época. Será traçada uma breve biografia em conjunto com o delinear do percurso de Luzia pelo mundo da literatura, desde como se apaixonou pelos livros na infância à primeira publicação de um conto no *Correio da Manhã*, das suas influências literárias à composição de toda a sua obra.

Na segunda parte, analisa-se qual a trajetória existencial que traçou, como reagiu face às vicissitudes e experiências, o que se esperava dela e como deu resposta às expectativas. Dar-se-á relevo a temas que são uma constante em toda a obra, como as viagens pelo mundo, a solidão no meio da multidão e a sociedade de aparência em que vivia, na qual tinha de representar, e ostentar sempre a máscara do que não era.

Por último, na terceira parte, far-se-á um percorrido pelo mundo encantado criado por Luzia, procurando e resgatando da sua obra as paisagens, todas as chaves que abrem as portas para esse reino, tentando perceber a relevância que este teve no equilíbrio de Luzia. Será demonstrado também como se compõem em Luzia as suas três facetas de fada, mulher e escritora. Nesta última parte inclui-se também um levantamento de artigos de jornais da época, tentando perceber o que ficou depois da morte de Luzia, como é lembrada nos anos seguintes e por quem.

² Gaston Bachelard, *A Água e os Sonhos, Ensaio sobre a imaginação da matéria*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 2.

Relativamente à metodologia usada é de salientar que a investigação se baseou em toda a obra literária publicada de Luzia, obra esta “em que avultam as crónicas de viagem, o romance, o conto, e a crítica de costumes que tratou sob a forma de diálogos ricos de subtil, mas devastadora ironia, fotocópias da sociedade elegante em que ela própria se movia, e cujo snobismo e hipocrisia detetava como ninguém”³, como refere Irene Gil.

A pesquisa apoiou-se também em documentos de arquivos, fundações, artigos da imprensa da época, e nas obras dos dois principais autores que escreveram sobre Luzia: Feliciano Soares e José Martins dos Santos Conde.

Procuraram-se também os lugares e as paisagens que habitam os livros de Luzia e o seu imaginário, tendo sido realizadas visitas à Quinta da Piedade, no Jardim do Mar, à Quinta das Cruzes, à Quinta na Rua do Jasmineiro, onde Luzia faleceu, bem como à casa onde Luzia viveu na infância, em Portalegre, e à Quinta das Assomadas, na Ribeira de Nisa, entre outros locais.

A investigação teve por vezes algumas contrariedades, pois para além das obras publicadas de Luzia, sabe-se da existência de volumes e cadernos de apontamentos inéditos da autora, bem como de uma obra pronta a divulgar, mas que nunca veio a público, intitulada *Pelos caminhos da vida*.

Não se teve acesso a toda essa matéria em bruto, diários, cartas e inéditos da autora (salvo alguns apontamentos), mas não foi por falta de empenho que não se conseguiram tais documentos, porque foram feitas diversas inquirições por Portalegre, Lisboa e Madeira, contactou-se com os familiares de Luzia de Portalegre, com familiares do ex-marido de Luzia, com a família de J. M. S. Conde, e foram feitas pesquisas em vários arquivos, de Lisboa, ao Funchal, passando por várias Fundações, como a Fundação António Quadros. Existiram momentos em que se parecia estar muito próximo do inédito de Luzia, *Pelos caminhos da vida*, mas o certo é que ele nunca foi disponibilizado para a investigação, devido a de um momento para o outro, ninguém saber da sua localização.

Relativamente à disposição da informação neste livro, a opção das citações extensas e a transcrição dos excertos longos apresentou-se como a única viável ao propósito desta subintitulada tentativa de fazer a “crónica das vivên-

³ Irene Gil, *apud*, José Martins dos Santos Conde, *Luzia, o Eça de Queiroz de Saias*, Portalegre, Edição de autor, 1990, p. 101.

cias e eterna busca do “eu” da escritora quase omitida dos estudos literários nacionais.

De salientar também a atualização de todos os trechos para a nova ortografia em vigor, devido à existência de muitas ortografias distintas, tanto nas obras de Luzia, como em citações de outros livros e jornais, e numa tentativa de minimizar confusões, optando-se assim por uniformizar todo o texto.

Partir-se-á, então, à descoberta deste reino encantado de Luzia, em que a obra fala por si. Uma obra que é como um puzzle da sua vida, do seu “eu” mais profundo.

Capítulo 1

Quem foi Luzia?

1.1. O percurso de vida

*[...] já eu estava sentada ao canto do fogão, remexendo cinzas... as cinzas da memória, aquelas em que é mais doce e mais perigoso tocar...*¹

Luísa Susana Grande de Freitas Lomelino, cujo pseudónimo era Luzia, nasceu a 15 de fevereiro de 1875, em Portalegre². O seu pai era o capitão Eduardo Dias Grande, bisneto do Dr. Francisco Grande e Metelo, este último nascido em 1755 na freguesia de Galinde, reino de Leon, e formado pela Universidade de Salamanca. Dr. Francisco Grande e Metelo casou em 1797 com D. Antónia Isabel Caldeira d'Andrade, natural do Crato e oriunda de uma família brasonada, fixando a sua residência em Portalegre. Dos sete filhos do casal, apenas uma teve descendência, Antónia Benedita Grande e Caldeira³.

O pai de Luzia tinha dois irmãos, o general José Maria Grande e D. Sofia Cândida Dias Grande, que foram os padrinhos de Luzia⁴.

¹ *Cartas d'uma vagabunda*, Lisboa, Portugália, s.d., p. 252.

² Registo de batismo de Luísa Grande, Arquivo Distrital de Portalegre.

³ V. José Martins dos Santos Conde, *Luzia, o Eça de Queiroz de Saias*, Portalegre, Edição de autor, 1990, p. 40.

⁴ V. Registo de batismo de Luísa Grande, *ibidem*.

Eduardo Dias Grande foi Secretário-geral do Governo Civil do Distrito do Funchal⁵ e apaixonou-se por uma rapariga da alta sociedade madeirense, com quem casou, Luísa de Freitas Lomelino, filha do morgado da Quinta das Cruzes, Nuno de Freitas Lomelino e D. Ana Welsh de Freitas Lomelino.

“Os primeiros deste apelido que passaram à Madeira, por 1470, foram Urbano Lomelino e seu irmão Baptista Lomelino, aristocratas de Génova, que fizeram assento em Santa Cruz”⁶.

Do casamento de Eduardo Dias Grande e Luísa de Freitas Lomelino nasce a primeira filha do casal, Ana Luísa, a 7 de dezembro de 1867, na freguesia de S. Pedro, no Funchal⁷. Luzia nasce oito anos depois, e, logo ao nascer, o seu percurso de vida fica marcado por uma ausência, a da mãe, que morre após o parto⁸. Escreve José Martins dos Santos Conde que “a infeliz criança, envolta num cobertor, foi imediatamente transportada da casa onde nasceu, na Rua 1.º de Maio, para a *casa grande de sacadas de ferro*, na Rua dos Canastreiros, onde morava a tia Sofia Cândida”⁹.

O mesmo autor refere também que foi com a tia que Luzia viveu dois períodos importantes da sua vida: os seis meses que passou com ela quando nasceu, e, mais tarde, aos nove anos, quando é mandada de novo para casa da tia Sofia.

Ao fim dos seis meses passados em Portalegre, o pai de Luzia, que sofria de uma grave doença pulmonar, decidiu mudar-se para a Madeira com as duas filhas, em busca de um clima mais favorável à sua doença. Claudina, a fiel serviçal, viaja com eles também, e virá a falecer na Madeira em 1904 quando Luzia tem vinte e nove anos. Foram viver para a Quinta das Cruzes (homónima da de Portalegre), propriedade dos avós maternos de Luzia¹⁰.

Claudina fez muitas vezes o papel de mãe para Luzia, que a adorava e com quem sabia poder sempre contar. No trecho seguinte, retirado de *Última Rosa*

⁵ Luís Peter Clode, *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses, século XIX e XX*, Funchal, Caixa Económica do Funchal, 1983, p. 251.

⁶ Luís Peter Clode, *Registo Genealógico de Famílias que passaram à Madeira*, Funchal, Typografia Comercial, 1950, p. 188.

⁷ Registo de batismo de Ana Luísa (irmã de Luísa Grande), Arquivo Regional da Madeira, livro 1372.

⁸ Registo de óbito de Luísa Lomelino Dias Grande (mãe de Luísa Grande), Arquivo Distrital de Portalegre.

⁹ *Op. cit.*, p. 40.

¹⁰ *Idem*, p. 42.

de Verão, Luzia troca o nome de Claudina por Francisca, mas percebe-se que é de Claudina que fala:

São ingratas, cruéis, as almas das crianças. Também muito tinha de vaidosa e covarde, a minha alma. Mostrando a Francisca o carinho que nunca deixei de sentir, receava desmerecer no conceito da avó. Tantas vezes lhe ouvi: – Devemos tratar bem os criados, mas sempre a devida distância. Não são iguais a nós. – E na verdade, Francisca não era igual à avó: era-lhe imensamente, infinitamente superior. Havia, entre elas, o abismo que separa de uma boneca, uma alma.¹¹

A Quinta das Cruzes foi dos lugares onde passou os anos mais felizes da sua vida. Foi nos seus jardins que começou a definir a sua sensibilidade, que mais tarde inspiraria a sua escrita, segundo reporta ao escrever, recordando:

Tenho oito anos. A vida abre-se diante de mim como uma flor maravilhosa. Na Quinta, a água despenha-se de cada cascata, ri, canta em cada levada. O parque tão grande e que ainda me parece maior – tudo, na infância, toma, a nossos olhos, imensas proporções, e fazemos de uma folha uma árvore, da árvore uma floresta – é um encantamento sem fim, um mundo sempre novo, onde se sucedem as descobertas que fascinam a imaginação, esse tesouro das crianças... – Só das crianças? Tudo concorre para o meu prazer. Tudo vive. Tudo me fala.¹²

Com nove anos apenas, Luzia vê a vida levar-lhe a pessoa que mais adora, o pai, que “sucumbiu, enfim à tuberculose que o minava. Foi no dia 12 de setembro de 1884, data que Luzia nunca mais esquecerá”¹³, segundo José Martins dos Santos Conde.

A figura paterna é reiteradamente invocada nas palavras de Luzia, como seguidamente se exemplifica:

Todas as tardes, àquela mesma hora melancólica, em que se ativam os perfumes e desmaiam os gorjeios, atravessava, pela mão do meu pai, a sombria, quase sempre deserta ruazinha. Conversávamos como se fôssemos da mesma idade. Já o meu espírito procurava compreender o seu, a minha alma adivinhar a sua... Às vezes, ele tossia e, num gesto irresistível, levava a mão ao peito... [...] Cada vez que o ouvia tossir, doía-me o seu peito. Adorei-o com uma paixão

¹¹ Última Rosa de Verão, Lisboa, Portugal, 1940, p. 68.

¹² Dias que já lá vão, Porto, Livraria Tavares Martins, 1946, pp. 27-28.

¹³ Op. cit., p. 42.

de criança, tão profunda como nenhuma sentiu a minha alma de mulher. As outras pessoas de família pareceram-me sempre estranhas: teríamos o mesmo sangue, não tínhamos o mesmo coração. – “Lembras tanto o teu pai” – pretendiam os que o conheciam. “Herdaste-lhe as qualidades e ... – acrescentavam sorrindo – os defeitos também.” [...] Eu tinha nove anos quando o perdi.¹⁴

José Martins dos Santos Conde refere não se conhecerem quais as razões que levaram ao embarque de Luzia para a casa da família de Portalegre depois da morte do pai. Luzia fica de novo com a tia Sofia, que é casada com António Bernardo Xavier Tavares, e cuja filha, Maria Antónia, é mais velha que Luzia três anos¹⁵.

Segundo nos conta Luzia na sua obra, foi este tio, inteligente, erudito, com uma cultura pouco vulgar num provinciano do seu tempo, que andava a par de todas as novidades literárias, portuguesas e estrangeiras, e, querendo inspirar à filha o mesmo gosto pelas boas letras, não cessava de enriquecer a biblioteca com o que de mais interessante aparecia para crianças, o responsável indireto pela sua excelsa erudição e formação literária. Observe-se, portanto, como a escritora salienta a sua influência: “Ah! vejo-a e parece-me até que outra vez me faz palpitar o coração, essa estante onde se alinhavam, com as suas encadernações vermelhas e doiradas, todas as obras de Madame de Ségur, os adoráveis contos de Perrault, de Andersen, um volume cujo autor esqueci mas cujo texto me encanta ainda: *Infâncias Célebres*”¹⁶.

A estadia de Luzia em Portalegre dividia-se sempre entre dois espaços, a *casa grande das sacadas de ferro* e a Quinta das Assomadas¹⁷: “mas lá vinha o mês de abril e o tio anunciava que era tempo de ir para a Quinta das Assomadas. O entusiasmo de Luísa não tinha limites. Em lado algum se podia expandir tão livremente, dar largas à fantasia e brincar o dia inteiro com a amiga Gina”¹⁸. Tal como Luzia também conta:

“Em fins de abril, quando se vestia de mil flores a charneca e até na cidade as ruas cheiravam bem, o tio, que era igualmente meu padrinho

¹⁴ *Idem*, pp. 53-54.

¹⁵ *Idem*, p. 43.

¹⁶ *Dias que já lá vão*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1946, p. 32.

¹⁷ A investigação levou a que estas duas casas fossem visitadas, foram efetuadas viagens a Portalegre mas não foram autorizadas fotografias pelos atuais proprietários.

¹⁸ José Martins dos Santos Conde, *ibidem*.

e o mais indulgente amigo, chegava a Portalegre. Via-o com infinito gosto, sabendo de antemão, o que ele diria: “– Esta pequena tem má cor, está magríssima, fraca decerto... Precisa de férias, ar do campo: Vai comigo para a Quinta”¹⁹.

Aos catorze anos, como refere José Conde, “os tios estavam preocupados com a sua educação. Como não havia, em Portalegre, qualquer instituição para educar as meninas de família, decidiram interná-la no colégio das Salesas, em Lisboa”²⁰. Luzia refere esta mudança em *Cartas d’uma vagabunda*:

*Viva, real como a tarde de hoje, parece-me ainda aquela em que entrei nas Salesas, com um tão assustado, confrangido coração. Pássaro que vê fechar-se, sobre o largo espaço, a porta da gaiola... Sufocavam-me as grades. Tinha frio nos sombrios corredores. Tinha medo nos silenciosos claustros. E durante toda a noite, entre os cortinados brancos do dormitório, exilada, nostálgica, chorei... Porém quando na manhã seguinte, umas lindas mãos cor de marfim tomaram as minhas pobres mãos e a Irmã Maria Matilde indagou a causa das minhas penas, já um princípio do que havia de tornar-se encanto incomparável, único, ternura nunca mais encontrada, infiltrou-se suavemente, como uma carícia, como um bálsamo, no meu assustado coração.*²¹

José Martins dos Santos Conde também refere que, atingida a maioria, Luísa “viveu algum tempo em Lisboa em casa dos viscondes de Geraz de Lima. Seguidamente acompanhou-os até à Madeira e passou a residir em casa da avó Ana, na Rua dos Netos, n.º 19”²².

É na Madeira que Luzia casa com Francisco João de Vasconcelos, a quatro de abril de 1896²³, noticiando no dia seguinte o *Diário de Notícias* como decorreria a cerimónia, com redação sucinta, caprichada e minúcias de Menu:

Realizou-se ontem na igreja paroquial de S. Pedro, o casamento da Exm.^a Sr.^a D. Luísa Grande de Freitas Lomelino, uma menina muito distinta pela sua primorosa educação, com o Sr. Francisco João de Vasconcelos, um excelente e digno rapaz, sobrinho do nosso presado amigo e diretor deste Diário, Sr. Tristão V.

¹⁹ *Idem*, p. 68.

²⁰ *Op. cit.*, p. 42.

²¹ *Cartas d’uma vagabunda*, Lisboa, Portugaláia, s.d., p. 117.

²² *Op. cit.*, p. 42.

²³ Registo de casamento de Luísa Grande de Freitas Lomelino e Francisco João de Vasconcelos Couto Cardoso, Livro 6814 A, Arquivo Regional da Madeira.

T. Bettencourt e Câmara. A noiva trajava uma elegante “toilette”. Serviram de testemunhas os srs. Conde de Torre Bella e Francisco Anacleto de Freitas. Em seguida à cerimónia religiosa, foi servido um excelente almoço em casa da mãe do noivo, a Exm.^a Sr.^a D. Efigénia de Vasconcelos.

Eis o MENU: “Fondus á la parisienne” | “Poisson au gratin” | “Cotelletes de volaille aux haricots verts” | “Biftecks aux petites pois” | “Timbale de foie gras em bellevue” | “Dindes farcis” | “Macédoine aux legumes” – “Poudings” | “Gateaux assortis” | “Desserts” – “VINS” | “Chablis”, “Bordeaux”, “Champagne” | “Madeira Vieux” – “Café et liqueurs”.

Os noivos foram residir temporariamente para a quinta das Cruzes. Fazemos sinceros votos pelas felicidades de que são merecedores os simpáticos noivos²⁴.

As felicidades de que eram merecedores não se concretizaram, já que “o jovem casal (ela tinha 21 e ele 26 anos) não foi feliz. A enorme ilusão da jovem esposa, de ter um lar e filhos a quem oferecer todo o impetuoso amor que tinha no peito, depressa se desfez”²⁵, nas palavras do estudioso J. Conde.

Após os primeiros tempos na Quinta das Cruzes, os noivos rumaram ao Jardim do Mar e passaram a residir no Solar de Nossa Senhora da Piedade, descrito por José de Sainz-Trueba: “muralhado pela grande rocha do Jardim do Mar, rodeado de vinhedos, terras de cultivo e casario, sobressai na paisagem a antiga casa dos Couto Cardoso, senhores e morgados do Jardim do Mar”²⁶. O Jardim do Mar era um local perdido na ilha, cujo único acesso era feito de barco, e a infelicidade de Luzia começou a fazer-se sentir: “Mar bravo de temporais, que vi despedaçar-se, ouvi chorar, gemer, rugir de encontro à rocha, mar dum estranho jardim onde só desabrochavam, para logo se esfolharem, em pétalas de espuma, as flores das ondas”²⁷. No trecho seguinte, Luzia descreve com mais pormenor essa vivência:

Durante os anos em que vivi na Madeira, passava três meses de inverno numa pequena aldeia de pescadores, que se chama o Jardim do Mar e era então o que há de mais selvagem e primitivo. Ali habitava um triste casarão, velho solar da família do meu marido, junto a uma capela, onde estavam enterrados alguns dos seus avós. Havia semanas inteiras de temporal, que nos deixavam incomunicáveis como Robinson Crusoe.

²⁴ *Diário de Notícias do Funchal*, 04.04.1896.

²⁵ *Idem*, p. 46.

²⁶ “O Solar de Nossa Senhora da Piedade” in *Atlântico, Revista Temas Culturais*, n.º 20, 1989, p. 296.

²⁷ *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa, Edições Europa, 1936, p. 12.

*A chuva açoitava os vidros das janelas e tamanho era o barulho do mar e das levadas, despenhando-se na rocha que, em muitas noites não conseguíamos dormir.*²⁸

José Martins dos Santos Conde refere no seu livro um inédito de Luzia, *Pelos Caminhos da Vida, Jornal I*, que contém indicações dos motivos que podem ter levado à infelicidade e rutura do casal. Menciona o autor que no *Jornal* “transparecem amargas queixas, sugerindo que elas têm origem no abandono, desprezo e prepotência do marido”²⁹.

O sofrimento estava instalado na alma de Luzia. Em junho de 1909, lamenta-se, escrevendo ser já “há doze anos que me pesa nos ombros esta pesadíssima cruz e ainda vivo, ainda posso rir, ter momentos de prazer, mas no fundo do meu coração, alguma coisa morreu”³⁰, num claro e inequívoco desabafo, referindo-se ao seu casamento.

Estava, no entanto, próxima a altura em que a possibilidade legal de divórcio surgiria. Como refere Rui Cascão, o “casamento é como uma aventura numa região desconhecida, em que erros de percurso acarretam por vezes consequências trágicas”³¹. E é por isto mesmo que D. Alberto Bramão, em 1908, afirmava: “O divórcio é a errata do casamento. Quando este se torna um cárcere onde a vida em comum de duas criaturas é impossível, o divórcio é a porta salvadora que se lhes abre”³².

Rui Cascão esclarece que o divórcio tem como consequência “a completa dissolução do casamento, ao contrário da separação de pessoas e bens, consignada no Código Civil de 1867 (art. 1203.^o), que suspende a vida em comum dos cônjuges, mas mantém o vínculo originado pelo casamento”³³. Não se pense, todavia, que o divórcio só foi considerado com a implementação da República. D. Alberto Bramão (1865-1944), através da sua obra, já tinha intensificado a propaganda a favor do divórcio, nos últimos anos da monarquia. Esta lei, segundo Bramão, para além de resolver graves problemas da famí-

²⁸ *Idem*, 1936, p. 221.

²⁹ *Op. cit.*, p. 48.

³⁰ *Apud* José Martins dos Santos Conde, *idem*, p. 51.

³¹ Rui Cascão, “Família e divórcio na primeira república”, in *A Mulher na Sociedade Portuguesa, Visão Histórica e Perspectivas Actuais, Actas do Colóquio*, 1, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 1986, p. 154.

³² *Apud* Rui Cascão, *ibidem*.

³³ *Op. cit.*, p. 154.

lia, como o estatuto jurídico dos filhos adulterinos, favoreceria a situação da mulher e elevaria a sua dignidade moral³⁴.

Ao contrário do Código Civil de 1867, que considerava o casamento como um contrato perpétuo e indissolúvel, a Lei do Divórcio (de 3 de novembro de 1910), que foi um dos primeiros atos legislativos do Governo Provisório saído da revolução de 5 de outubro 1910, “assenta na ideia do casamento como instituição humana de carácter civil e como contrato bilateral eventualmente dissolúvel”³⁵. Como salienta Rui Cascão, “1911-1912 são anos de liquidação do passado: no fim de 1911 existiam já em Portugal 2685 pessoas divorciadas”³⁶.

Relativamente às causas do divórcio, o mesmo autor assinala que as duas causas mais comuns são as injúrias graves (violência física e moral), e o adultério, referindo ainda que a “indissolubilidade do casamento antes de 1910 é uma ficção, [...] cerca de 18% dos divorciados nos anos de 1911 e 1912 já estavam separados de facto há mais de dez anos; muita gente apartava-se sem a sanção legal, processo menos moroso, menos escandaloso, mais cómodo e mais barato, em especial nas cidades”³⁷.

Esta nova lei foi imediatamente aproveitada por Luzia, pois a 19 de novembro de 1911, Luzia escreve no seu *Jornal*: “*Seulette, seulette, sans compagnon ni maître...* E agora, julgo que para sempre. Mas não me sinto feliz... Ai de mim! Ai de todos nós! Passamos a vida a dizer: se não fosse isto, se tivéssemos aquilo... Isto deixa de ser, temos enfim aquilo, e ri dos nossos vãos, temerários ‘ses’, a cruel, irónica felicidade!...”³⁸.

Numa carta enviada a José de Sainz-Trueva, José Martins dos Santos Conde chega a ser mais incisivo quanto ao que podem ter sido as causas deste divórcio:

“– E já agora, um bocadinho de bisbilhotice, tão do agrado da nossa querida escritora. Sabe-se alguma coisa das desavenças do casal Luísa Grande e Francisco João, que possa ter conduzido ao divórcio? Ele era jogador, violento, amador de saias? No diário íntimo de Luzia – que

³⁴ Cf. *idem*, p. 155.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ Rui Cascão, *idem*, p. 157.

³⁸ *Apud* José Martins dos Santos Conde, *op. cit.*, p. 51.

que tenho em mãos – ela deixa adivinhar que era maltratada, desprezada, chega a recear violência mortal por parte do marido...”³⁹.

E através de Ana Guiomar, personagem de *Última Rosa de Verão*, Luzia confessa:

*[...] nunca lhe mereci a mínima importância. Para coisa alguma era consultada, tudo se decidia sem mim. – Vamos para aqui, para acolá... Fazemos isto, fazemos aquilo... – E pouco importava saber qual era a minha opinião, a minha vontade. [...] Uma única função me era exclusivamente reservada: a de assinar. Ah! Para essa, ninguém me fez concorrência! Julgo que nenhum dia passou sem que Carlos⁴⁰ me apresentasse um cheque ou uma folha de papel selado, indicando negligentemente onde devia pôr o meu nome. E eu não pedia explicações. Decerto tratava-se de negócios, assunto que nunca me interessou.*⁴¹

Posteriormente a esta fase da sua vida, Luzia vai ainda passar por grandes sofrimentos, já que para além do divórcio, terá vários problemas de saúde (dos quais a tuberculose⁴² e a neurastenia), cultivará a solidão, com receio de uma nova desilusão, o que quase a conduziu à loucura, à destruição dos seus sonhos, a um desequilíbrio emocional e físico que a levaram a desejar a morte.

“O choque da separação de um marido viciado no jogo, entre outros fatores, dera origem em Luzia, a um abatimento profundo, que ameaçava transformar-se em neurastenia depressiva e arrancara-lhe toda a vontade de viver”⁴³, como não se evitou de referir sobre esta fase da sua vida José Martins dos Santos Conde.

Feliciano Soares também assinala o estado em que Luzia se encontrou, observando que:

Luzia começava, então, verdadeiramente a preparar-se para os grandes sofrimentos morais e físicos que haviam de vir à sua vida. Quando a Dor lhe bateu à porta do coração, Luzia fechou-se dentro de si mesma, perdendo o amor a tudo o

³⁹ Cartas de José Martins dos Santos Conde a José de Sainz-Trueva, relativas a Luzia, espólio de José de Sainz-Trueva, Arquivo Regional da Madeira, carta datada de 3 de junho de 1990.

⁴⁰ Nome modificado usado no romance.

⁴¹ *Última Rosa de Verão*, Lisboa, Portugaláia, 1940, p. 146.

⁴² V. José de Sainz-Trueva, *op. cit.*, p. 304.

⁴³ *Op. cit.*, p. 24.

que lhe é querido. Todo o seu ser se desequilibra, a neurastenia esmaga-a. Não quer viver. Positivamente não quer viver. A sua desmoralização física e moral, é aterradora. Sofre! Sofre!

*Na treva do seu quarto, sem um raio de luz, sem um raio de esperança, não quer ver ninguém. Só quer a morte.*⁴⁴

Os amigos, depois de esgotadas todas as tentativas de a ajudar e preocupadíssimos com aquele desmoronamento rápido da sua vida, têm uma nova ideia: “Fazer uma grande mudança de meio, de clima, de hábitos. A França, a sua querida França vem logo ao pensamento. Arrancam-na do Hotel Nunes. Luzia vai para Pau. É um calvário a viagem. Instala-se no *Hameau*. É rodeada dos mais especiais cuidados pelo grande médico-psicólogo Dr. Mabitt, e por uma enfermeira dedicada, que lhe tratam especialmente da alma”⁴⁵.

É em *Cartas d'uma vagabunda* que Luzia conta, de forma suavizada, algumas das peripécias passadas no sanatório. Feliciano Soares, no seu livro, reproduz algumas das cartas que Luzia lá escreveu⁴⁶, sem retoques, tal como a escritora as escreveu no momento, e que depois foram usadas em *Cartas d'uma vagabunda*, mas já com algumas modificações, como que ocultando os sofrimentos mais profundos, mas mantendo grande parte dos factos, mostrando o quanto a sua obra revela a própria vida, pois muito do que escreveu nos seus livros baseava-se numa reprodução trabalhada das suas cartas e diários íntimos. A sua vida, as suas experiências, as suas cartas, os seus blocos de notas, eram a matéria-prima da sua obra, que espelha sobremaneira a forma racionalizada e metódica como analisando-a e escrutinando-a a sublimou.

Luzia vivia em profundo desalento e foi com os soldados mutilados e traumatizados da Primeira Grande Guerra, que chegavam ao hospital onde estava, que aprendeu e adquiriu a coragem admirável de que deu inúmeras provas na vida e na criação literária, acabando estes por se tornarem os seus grandes mestres. Percebeu que o seu sofrimento, ao lado do daqueles rapazes novos, com a vida para sempre marcada, não podia ser assim tão grave, e tudo fazia para lhes proporcionar alegria, por mais pequena que fosse. A todos dava o que podia, desde a sua sobremesa do almoço aos bilhetes-postais, cartas e guloseimas. Uns pequenos nada que lhes causavam tanto prazer.

⁴⁴ Luzia, *Espectadora das Comédias do Mundo*, inédito, Instituto de Coimbra, s.d, p. 20.

⁴⁵ *Idem*, p. 21.

⁴⁶ V. *idem*, p. 74.

Referia, a propósito: “Nunca é o que eu quero, pois se desse tudo o que quero, mil fortunas como a minha não chegariam. Mas é... alguma coisa”⁴⁷.

Luzia é uma pessoa sensível, cheia de compaixão, que a vida tinha já maltratado, tornando-a mais atenta aos infortúnios dos outros, porém, não se deixando vencer, salienta como e porquê resiste: “Toda a miséria entenece o meu coração, e atraí a minha simpatia. Tenho de vingar-me da vida que me fez tanto mal... Prometi que nunca saberia duma miséria sem fazer tudo (que é tão pouco, aí de mim!) para acudir-lhe. É a minha vingança mas é também o meu prazer”⁴⁸. Promessa que cumpriu, tornando-se na reconhecida filantropa que foi, e que o seu testamento veio a comprovar.

Um outro exemplo do quanto Luzia dava de si mesma para aliviar o sofrimento dos outros verifica-se quando, em 1916, organiza a festa de Natal para os soldados: “Hoje, embora o dia esteja mau, e eu... terrível, lá vou para Pau, com o Berthaul que está tão doente, como eu, comprar coisas para a árvore de Natal dos soldados, e amanhã irei aos hospital, levá-las. Dia de Natal irei levar-lhes também a alegria que não tenho, a coragem que faço diligência de ter”⁴⁹.

No dia de Natal, Luzia oscila entre duas emoções contraditórias. Ao entrar no hospital vê como a árvore está bonita, mas uma tristeza imensa invade-a, perante todos aqueles rapazes na força da vida, mutilados para sempre, ou condenados à morte em pouco tempo. Mas, como a sua vida, tal como reflete a sua obra, foi um equilíbrio/percurso entre rir e chorar – como um dos seus títulos tão bem exemplifica, o *Rindo e Chorando*, – no meio de toda a tristeza, conseguiu acordar o seu outro lado, prestando atenção aos mil incidentes cómicos que estavam a acontecer, dando-lhe “uma vontade de rir quase tão irresistível, como tinha sido a vontade de chorar”⁵⁰. É a partir deste momento que Luzia começa a despertar de novo para a vida, a recuperar o olhar irónico sobre os acontecimentos, a voltar a rir com as *comédias da vida*.

O relato da festa de Natal demonstra o espírito de Luzia a acordar para a existência, bem como revela a eterna simpatia pela monarquia. Apesar de se ter divorciado devido a uma lei aprovada pela república, Luzia nunca aceitou bem as mudanças e os movimentos por esta implementados. Pertencia à

⁴⁷ *Apud* Feliciano Soares, *idem*, p. 49.

⁴⁸ *Apud* Feliciano Soares, *op. cit.*, p. 49.

⁴⁹ *Apud* Feliciano Soares, *idem*, p. 55.

⁵⁰ *Apud* Feliciano Soares, *idem*, p. 58.

aristocracia e não se associava aos movimentos feministas republicanos ou a novos movimentos da época, estando tudo isso ligado a uma nova era, com a qual não se identificava minimamente, resistindo-lhe de forma comedida: “As luzes começavam a apagar-se, as bandeiras aliadas punham ainda a nota viva das suas cores no fundo verde da árvore, e eu olhava com ternura para a minha (podes calcular que não era a encarnada e verde), para a minha linda bandeira, morta, tão morta como eu, mas tão linda sempre, e a que tinham dado em minha honra, uma verdadeira *place d’honneur* [...]”⁵¹.

Também não podia deixar de ser referenciado este trecho, de *Cartas do Campo e da Cidade*, que vem complementar a ideia defendida no parágrafo anterior:

*Era por uma ardente tarde de verão. Havia sol e moscas. Mal se respirava no jardim onde morriam as últimas rosas. Na sala, logo à entrada, esbarrava-se com o busto duma dama arrogante, a liberdade, creio eu, gloriosamente embarretada e engravatada de vermelho e verde... Mas, não ficava por aí a preocupação da ilustre autoridade em marcar bem a cor da sua festa. Até os bolos – deliciosos aliás, dignos do real apetite do Sr. D. João V – eram encarnados e verdes... Observação esta, que não envolve a mínima censura. S. Ex.cia estava no seu pleno direito e a quem custasse digerir vermelho e verde que não fosse lá.*⁵²

Luzia estava perto de ter permissão para abandonar o sanatório, mas promete que iria continuar a escrever aos soldados, para lhes dar esperança: “É um pouco difícil escrever aos soldados, mas já vou aprendendo. Não é preciso senão a inteligência do coração, e essa quem não a teria diante de tanta miséria, de tanta desgraça e, ao mesmo tempo, de tanta coragem e tão sublime e paciente resignação”⁵³.

Luzia sorri sem vontade, para iluminar os outros.

Depois da sua experiência de dor profunda no sanatório e da lenta recuperação, Luzia fica ainda mais caridosa e consciente das diferenças que existem no mundo, e repensa a forma como se veste, oferecendo a Rosa (a sua criada pessoal) e às criadas do sanatório muitas das suas roupas e chapéus, presentes que as deixam felicíssimas. Luzia reflete que não precisa de tantos vestidos e chapéus, que são um luxo inútil e vão, e que só compraria um

⁵¹ *Apud* Feliciano Soares, *op. cit.*, p. 59.

⁵² *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 205.

⁵³ *Apud* Feliciano Soares, *idem*, p. 47.

vestido e um chapéu novo por estação, pois o que sobra “pode levar um bocadinho de conforto e pão ao lar humilde, onde há frio, onde há fome! Quantas coisas o sofrimento tem ensinado à minha alma!”⁵⁴.

Posteriormente, ao longo tempo passado no sanatório e da sua recuperação, Luzia passa anos de uma interessante vida intelectual, tendo começado a publicar os seus livros, e de vida em sociedade, que era circunscrita a um pequeno mundo elegante, bem como inicia as suas viagens pelo estrangeiro. Como escreve F. Soares, é do “Avenida Palace em Lisboa, [que] Luzia parte para a sua vagabundagem pelo estrangeiro. A Itália, com a sua arte, a sua paisagem, o seu céu, atraiu-a fortemente. Mas a sua paixão é a França ou, para melhor dizer, Paris”⁵⁵.

Feliciano Soares refere que Luzia, nas suas viagens, tudo ia comentando nos seus inseparáveis cadernos mencionando igualmente que estes valiosos apontamentos de Luzia formam numerosos volumes em que regista “todas as suas emoções, muitas das cartas que escreve aos seus amigos, contando-lhes os seus interesses: livros novos, e livros velhos, relações sociais que vêm ao seu caminho, aspetos da paisagem, em tudo pondo a nota bem pessoal do seu admirável espírito”⁵⁶.

Luzia, pelas várias terras que vai passando, vai sentindo a nostalgia de todos os lugares por onde *foi deitando raízes*⁵⁷, como refere, em *Cartas do Campo e da Cidade*, mas à medida que os anos vão passando, é da Madeira que sente mais falta, “a Madeira parece-me a minha terra de promessa onde hei de enfim descansar de tantos temporais que têm batido a minha pobre vida”⁵⁸. Tendo andado por terras portuguesas do norte, no Buçaco, nas suas estâncias de águas, decide voltar à Madeira.

Nos primeiros anos, tudo lhe correu a seu gosto, no Funchal, num ambiente calmo e alegre, como refere Feliciano Soares: “Depois de vagabundear por hotéis, instalou-se logo adiante da Ponte Monumental, de tão estranha, impressionante paisagem, na quinta Nogueira de que ela, com os seus qua-

⁵⁴ *Apud* Feliciano Soares, *idem*, p. 50.

⁵⁵ *Op. cit.*, p. 78.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 78.

⁵⁷ *Op. cit.* p. 172.

⁵⁸ *Apud* Feliciano Soares, *idem*, p. 72.

dros, as estantes dos seus livros ricamente encadernados, as suas flores sempre renovadas, fez um *petit chateau de France*⁵⁹.

A escritora declara, no entanto, que a sua deslocação para a Madeira não se deveu apenas à nostalgia, mas também à preocupação com a conjuntura política e social na Europa, que anunciava um conflito bélico: “Além das grandes saudades que a chamavam, a situação europeia inquietava-a sobremodo, e ela sentia a necessidade de refúgio seguro. Luzia encontrava-se em Royat quando se estava na eminência de ver rebentar a Segunda Grande Guerra que Chamberlain abafou... por momentos”⁶⁰. A guerra esmoreceu-lhe toda a vontade de viajar. A saúde de Luzia era precária, e sentia-se sem forças, com vários problemas de saúde que iam surgindo de novo (“Tinha assistência médica constante, e ainda andava em vagabundagem pelos consultórios de especialistas dos vários males que a atormentavam”⁶¹).

Luzia mudou-se da Quinta da Nogueira para a Quinta Carlos Alberto, na rua do Jasmineiro, número 3, onde, como constata Feliciano Soares, mão amiga lhe proporcionou o seu cantinho confortável e convidativo, pois Luzia não suportava qualquer esforço físico, e, desde que se mudou, “todos os males do mundo nela se reuniram para lhe demolirem a vida, numa lentidão tal que os seus amigos chegavam a iludir-se sobre a gravidade do seu estado”⁶². Luzia deixara de se queixar, mostrando relativa boa disposição. Mais tarde, vem a confessar que “olhando o inaudito sofrimento da humanidade inteira, não se sentia com o direito de se queixar”⁶³.

Os achaques foram-se multiplicando, o declínio acentuava-se, os médicos redobravam os cuidados e os amigos começavam a alarmar-se. É F. Soares quem conta a este propósito: “Luzia que, havia muito, já não escrevia cartas – ditava-as – e só as assinava, passou a não as ditar, dando apenas a ideia do que queria dizer para os outros a desenvolverem. E a assinatura diminuía de tamanho, às vezes, reduzida a pouco mais de um traço. A decadência em tudo. Por fim, deixou de assinar”⁶⁴.

⁵⁹ *Idem*, p. 82.

⁶⁰ *Idem*, p. 83.

⁶¹ Feliciano Soares, *op. cit.*, p. 85.

⁶² *Idem*, p. 86.

⁶³ *Apud* Feliciano Soares, *ibidem*.

⁶⁴ *Idem*, p. 89.

Após sofrimentos físicos e morais que se prolongaram ao longo da vida, Luzia falece a 10 de dezembro de 1945, pelas 14h, na Quinta Carlos Alberto⁶⁵.

1.2 – O percurso literário

*Sim, eu amo os livros. Mais do que tudo na terra? Talvez... Eles têm sido os meus grandes, os meus fiéis, amigos. E realmente há-os espalhados por todo o quarto, sobre as mesas, sobre o fogão, sobre as cadeiras, brochados, encadernados, abertos numa página mais querida, de folhas cerradas, guardando o seu mistério, alma, perfume que ainda não se revelou.*⁶⁶

Luzia fez os seus estudos no colégio das Salesas, em Lisboa, tempo do qual guardou sempre belas e pacíficas recordações, definindo-os como os anos mais tranquilos e luminosos da sua vida, apesar da dificuldade que teve em adaptar-se no início: “Tínhamos quase dezoito anos quando saímos definitivamente do convento, e fui eu, a que maior dificuldade sentira em adaptar-me à sua regra, que também com maior pena o deixei”⁶⁷. No colégio, as matérias que mais gostava de estudar eram literatura e história. As composições escritas eram as suas preferidas, já que podia dar largas à imaginação. Não foi, no entanto, no colégio que ganhou o gosto e a paixão pela leitura. Como já foi referido, foi em casa do tio, com a rica biblioteca que este possuía, que começou a fazer da leitura o seu paraíso.

Enquanto os tios estavam muito preocupados com os estudos da sua própria filha, obrigando-a a estudar os manuais escolares, “nalgumas manhãs de dezembro, a água gela no tanque do jardim e toda a vida decorre em volta da braseira, numa pequena sala, onde a minha prima, um pouco mais velha que eu, passa horas curvada sobre os compêndios ou martelando escalas no velho piano. Os pais querem fazer dela uma sábia e uma artista. A mim, graças

⁶⁵ Registo de óbito de Luísa Grande, n.º 1569, Arquivo Regional da Madeira.

⁶⁶ *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa, Edições Europa, 1936, p. 52.

⁶⁷ *Última Rosa de Verão*, Lisboa, Portugalíia, 1940, p. 126.

a Deus, ninguém procura incutir ciência nem música, ninguém obriga a estudar”⁶⁸. A Luzia deixavam-na andar livremente de livro na mão, a qualquer hora do dia, e com qualquer um a que conseguisse chegar na biblioteca do tio:

*todos adormecem, eu ainda não me separei do livro que, durante a maior parte do dia, prendeu, absorveu a minha atenção. Leio no último fiozinho de clareza que vem do jardim, leio à luz vermelha das brasas... – “Estudiosa criança!” – exclamam parentes, amigos. E – feliz de mim! – enquanto Piedade quebra a cabeça nos complicados, fastidiosos problemas, ou se debate com a fúria dos verbos irregulares, eu entro naquele Paraíso, único, decerto, que, pelos anos fora, ainda não me fechou as suas divinas portas. Paraíso da leitura, já ele me cria uma vida à parte, uma deliciosa vida, onde me refugio contra tudo o que me faz mal...*⁶⁹

Para um melhor entendimento do quanto a literatura e os livros faziam parte da vida de Luzia, é pertinente transcrever um excerto do seu diário, de quando tinha quase dezanove anos:

Li hoje Alphonse Karr, o escritor favorito dos meus dezasseis anos, o autor de “Geneviève”, de “Midi à quatorze heurs”, de “Voyage autour de mon jardin”, livros que eu não li mas decorei... li “Clotilde”, que bastante superior a “Geneviève”, vale muito mais que todos os outros livros que conheço de Alphonse Karr. E depois de ter passado três anos quase sem abrir um livro dele, senti-o hoje com o mesmo entusiasmo, com o mesmo gosto... sentindo como dantes tudo o que escreve Alphonse Karr. Por isso eu nunca devia ter aberto o “Clotilde”; para os que leem sentindo, é perniciosíssima a leitura desse livro.

Perniciosíssima, sim! E eu tanto senti o mal que me fazia, que antes de chegar aos últimos capítulos, os piores, tentei deixá-lo, mas não pude, a curiosidade, a tentação foram mais fortes do que eu...

Quis resistir e, como sempre, não pude.

Em mim, na luta entre o bem e o mal, vence sempre o mal.

[...] Envenena-me a alma o seu estilo quente cheio de voluptuosidade e ao mesmo tempo de poesia parece que me sobe à cabeça, que me embriaga como um vinho forte. Tenho medo de tocar num livro onde veja o seu nome... Dir-se-ia que me queima os dedos...

⁶⁸ Dias que já lá vão, Porto, Livraria Tavares Martins, 1946, p. 31.

⁶⁹ Dias que já lá vão, Porto, Livraria Tavares Martins, 1946, p. 31.

*Há muitos livros assim que eu nunca quisera ter lido, mas para os quais uma força misteriosa me impelia... Alguns faziam-me tédio, repugnância, rejeitava-os e voltava a lê-los... Oh! sempre em tudo se revela em mim a atração pelo abismo.*⁷⁰

É também na obra de Feliciano Soares que podemos ler a entrada do diário de Luzia, na qual esta conta o que sente ao ver o seu primeiro conto publicado, a 8 de janeiro 1894, no *Correio da Manhã*⁷¹, quando afirma:

Creio que nada me falta para estar doida de alegria... Há pouco pego no Correio da Manhã e o que vejo?! O meu conto, a minha lenda... E eu li, em grandes letras redondas “A Lenda das Estrelas”, lia... e não acreditava... com uma cara aparvalhada a mais não poder ser...

Olhava para o jornal... não me podia convencer que se realizara, enfim, o meu sonho dourado: escrever para o jornal de Pinheiro Chagas.

Depois, pouco a pouco, quando me fui convencendo que não era um sonho, mas a mais deliciosa das realidades...

*[...] pus de parte a minha dignidade de escritora, a seriedade devida aos meus quase dezanove anos... e dei dois pulos, batendo as palmas, abraçando e beijando o jornal, com uma ternura que poucas pessoas me têm inspirado.*⁷²

Como se pode constatar, é desde tenra idade que Luzia sonha ser escritora. Com os elogios que recebeu com a publicação do primeiro conto, Luzia escreve freneticamente, produzindo mais contos e enviando-os para jornais. No entanto, não foi de longa duração o alimentar deste sonho, segundo Feliciano Soares, já que alguns jornais fizeram uma severa crítica a Luzia, o que fez com que a jovem escritora quase desistisse completamente do seu sonho das letras, pois com a extrema sensibilidade dos dezoito anos, sentiu-se seriamente magoada.

Para se compreender até que ponto a crítica quase afastava Luzia das letras, e fazia-a pensar que uma mulher nunca poderia ser verdadeiramente escritora, seria vantajoso ler mais alguns excertos do seu diário, que se encontram na obra de Feliciano Soares, e que datam de 7 de fevereiro de 1894:

Enfim esta noite apareceu o meu conto nas Novidades. Primeiro alegria, depois desapontamento. Meu Deus! Como é severa a crítica e como ela abre os olhos

⁷⁰ Apud Feliciano Soares, *idem*, p. 9.

⁷¹ *Correio da Manhã*, 08.01.1894, “A lenda das estrelas”.

⁷² Apud Feliciano Soares, *op. cit.*, p. 11.

aos mais cegos! Meu pobre conto que ainda há dias me parecia tão bom. Hoje pareceu-me detestável! Repetições, muito palavreado e nenhuma ideia, faltas de harmonia. Dura, duríssima a crítica! Não tenho coragem para continuar a escrever. Não tenho, não. Ao mesmo tempo que acho um erro quase em cada linha do meu Conto, dizem-me que tenho talento, que de aqui a uns dois ou três anos, hei de escrever bem! Bonita consolação, sim, senhor! Escrever bem, daqui a três anos... e agora não escrever senão asneiras... Ah! que grande golpe sofri eu hoje na minha vaidade! Mas não deixa de fazer-me bem, que eu tinha uma vaidade tola, ridícula, que me cegava [...]

Como o A. é grosseiro!

[...] uma troça monumental ao meu pobre Conto “Amo-te”. Disse-me frases tão grosseiras, tão indelicadas como nunca ouvi.

Mas que triste ideia a minha de publicar aquele conto. Ao mesmo tempo não deixou de ser proveitosa a crítica daquele espirituoso senhor. Curei-me para sempre das minhas literatices. Uma mulher literata! É o suprasumo do ridículo. E ainda àqueles a quem o ridículo não assustasse, devia assustar a ideia de se sujeitarem a uma crítica grosseira, quase brutal como a de A.

Adeus, pois, meus belos sonhos de glória! Adeus para sempre!

Os homens fizeram as leis deste mundo, tudo a seu gosto. Eles são os senhores. Quando mesmo tenham menos talento, menos dotes do que nós, podem aspirar à Glória, ao Poder, a tudo. Nós, a nada. Para sermos alguma coisa, é preciso ficarmos sempre, simples mulheres.

“Ne soyons rien pour rester quelque chose.”⁷³

A crise foi grande, mas, segundo Feliciano Soares, nunca se extinguiu a paixão pela escrita, com “escritos dispersos pelos jornais – Luzia colaborou também na imprensa da Madeira, com o pseudónimo de Lady Butterfly – até que anos depois, a grande chama, de intenso brilho, definitiva, irrompe entre uma verdadeira apoteose de admirações no *Os que se divertem*, em que Luzia se afirma a notável Dialogista. Desde essa hora magnífica ela coloca-se entre os maiores Escritores de Portugal”⁷⁴.

Maria Amália Vaz de Carvalho foi uma das pessoas que incentivou Luzia a escrever, tal como se pode provar no seguinte excerto:

– *Porque não escreve?* [perguntou-lhe Maria Amália Vaz de Carvalho]
 – *Porque me falta tudo o que é necessário para fazê-lo, desde a gramática, ciência com que nunca consegui entrar... até o tempo...*

⁷³ *Idem*, pp. 13-14.

⁷⁴ *Op. cit.*, p. 14.

- *Sem a gramática, passa-se admiravelmente. Eu também nunca a aprendi, declarou, impagável de seriedade, a minha doce amiga – mas quanto a faltá-lhe o tempo, permita-me que duvide... Não tem casa, deveres de família, nenhum trabalho obrigatório...*
- *É por isso mesmo, minha querida senhora. Não há ninguém tão “affairé” como um ocioso... ocupação tão absorvente como a de não fazer nada...*
- *Mas experimente fazer alguma coisa...*
- *É tarde demais. Habituei-me a esta vida inútil, vazia...*
- *Porque diz o que não sente? Eu sei que sofre, que precisa de um interesse... trabalhe. Comece já hoje...*
- *Tenho um “bridge”.*
- *O “bridge” não a contenta...*
- *Diverte-me.*
- *Acho pouco. Melhor companhia lhe fará a pena...*⁷⁵

Luzia e Maria Amália Vaz de Carvalho tornaram-se amigas íntimas. Segundo Feliciano Soares, Maria Amália e Luzia foram confidentes, partilhando muitas das amarguras da vida e de dramas pessoais. Por expressa determinação de Luzia, a correspondência entre ambas foi queimada, depois da sua morte. Luzia frequentou o seu famoso salão, o Salão de Santa Catarina, e como refere Feliciano Soares, “a sua presença tornara-se querida de todos os Grandes de Portugal que rodeavam a notável autora do Duque de Palmela, e era imprescindível já, em tantas horas amarguradas da vida de Maria Amália”⁷⁶.

Este salão foi, “famoso em Lisboa, durante mais de meio século e que nele se reuniram todas as personalidades marcantes do seu tempo”⁷⁷, como refere Júlio Dantas: “O seu salão famoso, que ouviu, não apenas a conversação de tão nobres espíritos, mas a primeira leitura de algumas das obras que os imortalizaram, ficará – mesmo quando a memória desta suave e gentilíssima Mulher se houver desvanecido – na história da sociedade portuguesa contemporânea”⁷⁸.

Existe uma tendência para se pensar que havia poucas mulheres a escrever na época, ou ligadas à escrita, mas, como refere Ana Maria Costa Lopes,

⁷⁵ José Martins dos Santos Conde, *op. cit.*, p. 48.

⁷⁶ *Op. cit.*, p. 20.

⁷⁷ *Apud* Ana Maria Costa Lopes, *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos, Percursos de Modernidade*, s.l., Quimera, 2005, p. 159.

⁷⁸ *Ibidem*.

existia uma produção literária feminina de alguma importância, “enquanto algumas intelectuais nobres ou burguesas se dedicavam exclusivamente à criação e ao consumo de obras literárias, outras de várias classes sociais faziam coisas bem diferentes, mas de maneira nenhuma menos importantes, no que toca ao conhecimento dessas obras: encarregavam-se da sua distribuição e divulgação”⁷⁹.

Tal como se pode perceber no ponto anteriormente abordado, sobre o percurso de vida de Luzia, esta cresce num ambiente de nobreza e riqueza que marcará o modo de se apresentar ao mundo. Apesar de ter nascido em finais do século XIX, a personalidade e gostos de Luzia pertencem ao século XVIII, “eu tenho a alma e até as sobancelhas dizem, segundo os moldes do século XVIII”⁸⁰, e, como tal, era natural para Luzia o exprimir-se em público e a nível literário, uma vez que, “a mulher, no século XVIII, exprimia-se com algum à-vontade em público, muitas vezes mesmo a nível literário ou artístico [...]”⁸¹, e às senhoras nobres exigia-se uma postura, a nível literário ou artístico, bastante elevada, principalmente às que frequentavam reuniões e salões⁸². É neste espírito que emerge Luzia, nas casas que se abrem aos amigos que se reúnem para cantar, tocar, jogar, conversar e fazer poesia.

Escreve, a propósito do ambiente cultural do século XIX, Ana Maria Costa Lopes:

*Herda o século XIX do anterior, como se viu, práticas culturais em que o sexo feminino participa ativamente, designadamente em outeiros e salões literários, [...] Muitos intelectuais que se queriam projetar no campo das letras, das artes ou das ciências lutavam por frequentar salões literários dirigidos, regra geral, por mulheres. Aí se condensavam as discussões, se conheciam os novos talentos, se protegiam os melhores ou os mais favorecidos pela sorte. A frequência dos salões era, para alguns, a oportunidade de tomarem contacto com o escol intelectual e, para outros, o meio de reconhecimento do seu valor e da sua obra.*⁸³

O que se destaca em Luzia é que esta atreve-se a escrever na primeira pessoa como mulher, algo que foge ao mais comum da época, já que escreve do

⁷⁹ *Idem*, p. 162.

⁸⁰ *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugalia, 1923, p. 32.

⁸¹ Ana Maria Costa Lopes, *idem*, p. 144.

⁸² *Idem*, p. 145.

⁸³ *Op. cit.*, p. 173.

ponto de vista feminino, não se escondendo numa voz informal ou masculina, e isso transpira na sua obra. Como lhe escreveu Augusto de Castro, “o seu êxito minha senhora, era já muito grande; será com o *Rindo e Chorando*, maior. A sua soberba independência moral, a sua sensibilidade crítica, finíssima e cultíssima, o seu eminente talento de escritora – tão profundo, tão nervosamente mulher! – marcam, no marasmo da atual vida portuguesa, alguma coisa de imprevisto, de forte, de original”⁸⁴.

E é esta a marca de originalidade de cariz feminino que faz o orgulho de Luzia. O facto de a sua obra ser indubitavelmente escrita por uma mulher, numa época em que muitas escrevem, mas ou sobre pedagogia ou dedicando-se à literatura infantil, ou simplesmente tentando imitar o estilo de escrita masculino, torna-se num fator distintivo. Como nos conta a própria Luzia:

*Depois, encanto maior de todos – pelo menos para mim – madame de Noailles é tão deliciosamente mulher! Porque, tu bem o sabes, eu não suporto aquelas escritoras de quem se diz: têm a inteligência viril, escrevem como um homem... Com esta minha perigosa mania de evocação oiço-lhes logo a voz grossa, vejo-as de peitilho de goma, colarinho alto, bengala e cachimbo.*⁸⁵

Tal como refere Joaquim Castanho, “Luzia desde sempre tentou traduzir a feminilidade numa língua com tradições enraizadas na narrativa dos aventureiros descobridores, todos eles homens, onde a mulher aparecia sempre como objeto, alvo, inspiração, ilha de amores e prazeres, e raramente como protagonista verve, ou sendo-o, nunca em seu nome mas sob pseudónimo, mais ou menos impessoal. Tentou sempre escrever no feminino – e conseguiu-o. Custou-lhe caro, é óbvio, mas jamais o travestiu e masculinizou [...]”⁸⁶.

Também o Visconde do Porto da Cruz aborda esta temática:

Fialho dizia que uma Escritora que foge da banalidade deve chamar-se “um homem de génio”. Na verdade, na mais das Vezes as intelectuais capricham em exteriorizar uma certa masculinidade, no trajar e nos conceitos, que lhes tira

⁸⁴ Apud Feliciano Soares, *op. cit.*, p. 39.

⁸⁵ *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 195.

⁸⁶ “Do Verbo Andarilho nas Fadas de Portus Alacer” in *Plátano, Revista de Arte e Crítica de Portalegre*, n.º 5, 2012, p. 5.

*a característica de mulheres. Com a Senhora Dona Luísa Grande não aconteceu assim, porque foi dos espíritos mais geniais e das Artistas de mais refinado gosto, sem nunca perder o seu aprumo e a sua dignidade de Senhora.*⁸⁷

Deve-se destacar também a forte influência francófona que Luzia sofreu, dado que a França era o país que mais adorava e para onde viajava pelos mais diversos motivos, desde a moda a problemas de saúde, tendo a sua cultura muito influído no seu desenvolvimento e aperfeiçoamento literário. São abundantes nas suas obras as referências a autores franceses e a utilização de estrangeirismos gálicos. Também os há em inglês, mas não em tamanha abundância. No Anexo 1, encontra-se um levantamento dos estrangeirismos utilizados na obra *Os que se divertem*, a *comédia da vida*, bem como um glossário dos mesmos, no qual se pode verificar esta mesma tendência. Também Feliciano Soares defende que se “encontram nas suas páginas numerosíssimas citações francesas, vocabulário francês e também inglês – Luzia frequentava os meios ingleses nas horas e noites de *bridge* – mas a construção da frase não deixa de ser genuinamente portuguesa, [...] o que se pode dizer é que a sua obra tem o espírito francês, a fina ironia francesa, por vezes o humor inglês”⁸⁸.

Uma análise mais pormenorizada das suas duas primeiras obras permitiu comprovar a forte influência francófona em Luzia. Após um levantamento de todas as referências de escritores e obras citadas de *Os que se divertem* e *Rindo e chorando*, referências essas presentes no Anexo 2, são vários os aspetos que se evidenciam e que permitiram caracterizar o contexto literário e cultural em que a sua obra se desenvolveu.

Luzia era, de facto, uma mulher muito cosmopolita, de uma cultura alargada, o que se revela na sua obra, demonstrando que conhece bem os clássicos pela referência vasta aos principais autores da cultura oriental e ocidental, Shakespeare, Cervantes, Dumas, Verlaine, Rosseau, *As Mil e Uma Noites*, Musset, entre outros.

Uma das particularidades que se destaca é que a maior parte dos autores que Luzia menciona são seus contemporâneos, e que é seduzida sem dúvida maioritariamente pela literatura francesa. Luzia, que viajava frequen-

⁸⁷ *Notas & Comentários para a História Literária da Madeira*, III Volume, 3º Período 1910-1953, Funchal, Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1953, p. 85.

⁸⁸ *Op. cit.*, p. 31.

temente para Paris, fazia parte da elite de intelectuais da época, frequentava esses círculos, essa efervescência cultural, e verifica-se que foi fortemente influenciada por eles.

A escritora sempre evidenciou ter uma personalidade forte e ideias contestatárias, consideradas avançadas para a sua época. As escolhas das suas leituras acabam por ser um instrumento para compreender as influências que sentiu e o desenvolvimento do gosto pela ironia e pela sátira social.

Muitos dos autores nomeados são mulheres, tal como se pode comprovar no Anexo 2, escritoras que causaram sensação na sua era, que escreviam rábulas humorísticas e romances não convencionais com o objetivo de denunciar a sociedade, que versavam temas escaldantes, nada bem vistos na época, todas elas ligadas à elite literária e com ligações a grandes nomes. Há várias referências à literatura feminina, que tem um grande peso na escrita de Luzia, como se pode deduzir pelas referências exemplificadas nos quadros do Anexo 2. Uma das escritoras frequentemente citada é a Comtesse de Noailles, personalidade de grande prestígio, visto ter sido mecenas em Paris dos salões literários e ter travado amizade com a elite literária e artística da época.

Outra observação pertinente que se pode fazer, e já referida, é que Luzia cita abundantemente autores contemporâneos, e tendo ela pertencido e sido reconhecida nos círculos intelectuais da época, pode-se deduzir que a escritora deva ter conhecido e se relacionado diretamente com muitos destes escritores e artistas. Luzia, pelo menos em Portugal, pertenceu ao círculo que juntava os artistas portugueses, fez parte desse mundo intelectual efervescente e em expansão. A análise dos muitos autores citados revela que quando são referidos os círculos e as personalidades com quem contactavam, testemunha-se que muitos dos nomes se repetem, eram amigos, mantinham contacto, frequentavam os mesmos lugares, o que pode sustentar o ponto de vista que Luzia pertencia ao seu meio ou pelo menos se relacionava de forma constante com eles.

Em relação às grandes influências, Anatole France aparece várias vezes mencionado, autor de renome na época, já citado em *Os Que Se Divertem*, escrito em 1920, Anatole France vencerá o prémio Nobel da Literatura em 1921. Analogamente, é mencionado Sully Prudhomme, o primeiro escritor a receber o prémio Nobel da Literatura. Paul Gerdely, o poeta das mulheres e das coisas do coração, aparece em contraposição ao curioso Marcel Prévost, que

escrevia sobre as mulheres do ponto de vista estritamente masculino e evidenciando o efeito corruptor da sociedade parisiense nas mulheres jovens.

Quanto a referências a autores e personalidades portuguesas, os nomes mais recorrentes são Luís de Camões, Júlio Dantas, D. João de Castro, Vasco da Gama e Eça de Queirós.

“Eu tenho uma paixão pelo Eça”, diz pela voz de Clara, personagem autobiográfica. “Li, e sobretudo reli, todo o Eça, o meu grande Eça. Não posso resignar-me à sua morte, pensar que nunca mais o leio... Decerto, relê-lo é muito agradável, mas tenho, terei sempre saudades do entusiasmo, tão forte que me fazia bater o coração, ao começar um novo livro desse genial, único escritor”, afirma no seu *Jornal*⁸⁹.

São várias as referências na sua obra a Eça de Queirós e às suas personagens, chegando a dar voz ao sobrinho do conselheiro Acácio, personagem inventada, “No Chiado, o Conselheiro X, herdeiro e sobrinho diletto de saudoso Acácio, que Deus haja, correu a abraçar o Conde [...]”⁹⁰. Outras personagens queirosianas aparecem no interior dos seus textos, existindo inclusive em *Rindo e Chorando* um capítulo com o nome de “Em Margem dos Maias”, onde se podem rever inúmeras personagens, desde o Conde de Gouvarinho:

*Através de todas as lutas, vicissitudes, desilusões e chinfrins dos últimos anos, caluniado pelos correligionários, perseguido pelos adversários, desacatado no seu interior pela sr.^a condessa, que ainda não perdeu aquele hábito desagradável de manda-lo à Tabua, Gouvarinho conservou-se, quase como o conhecemos, na saleta verde e oiro de S. Marçal, entre os seus retratos de família.*⁹¹

Ao Conde Salsede: “O Conde de Salsede – o inefável Damasco apareceu conde logo que a república suprimiu os títulos – considerava de absoluta necessidade a reforma dos tratados de Genealogia e Heráldica, que declarou duma lamentável insuficiência”⁹².

E nem Eusébio ficou de parte: “Eusébio, que se tem dedicado ultimamente ao estudo da flauta, deplorou o atraso em que vivem as nossas províncias, com relação à música e outras Belas Artes, aconselhando, que, além

⁸⁹ Apud José Martins dos Santos Conde, Luzia, *o Eça de Queiroz de Saias*, pp. 64-65.

⁹⁰ *Rindo e Chorando*, Lisboa, Portugal, 1922, p. 204.

⁹¹ *Idem*, p. 201.

⁹² *Idem*, p. 207.

da fundação de novas flarmónicas, se promovessem concertos clássicos em todas as cabeças de concelho”⁹³.

“Muitas vezes a sua obra literária parece uma projeção daquela análise cuidada do nosso Eça imortal, mas logo verificamos que está bem dentro da sua inconfundível personalidade e do seu sentir característico”⁹⁴, escreve Visconde do Porto da Cruz, Alfredo de F. Branco.

Mas, acima de tudo, Luzia foi a *espectadora das comédias do mundo*, escritora que, desde a primeira publicação, agitou o mundo das letras portuguesas, entrando na intimidade intelectual das suas grandes figuras, e que, mesmo no meio literário feminino, se viu rodeada de uma unânime admiração⁹⁵.

Nunca gostou que lhe chamassem mulher de letras, ou lhe dessem outros títulos, e são muitos os que conviveram com a escritora que o confirmam, bem como o testemunha a sua própria obra, na qual, a título de exemplo, em *Dias que já lá vão*, afirma:

*A mim, começa por chamar-me “deliciosa poetisa”, continua chamando-me “notável historiadora”, acaba, concedendo-me honras de “arguta jornalista”... Deixo-a dizer... sem a mínima veleidade de protestar. Só as intenções contam, e quer decerto ser amável comigo, a Marquesa. A um único título, aliás, julgo ter direito: ao de espectadora das comédias do mundo, e foi esse, exatamente, que ela omitiu.*⁹⁶

Como refere também Feliciano Soares, “Luzia não quer ser Mulher de Letras, não quer ser Literata. Tem uma aversão por semelhante título. E toda-via, desde menina de colégio, a literatura é, de todos os seus estudos, além da História, o que mais interessa ao seu espírito”⁹⁷.

A obra de Luzia tem uma forte componente autobiográfica. Ao lermos os seus textos, começamos logo a traçar paralelos com a sua vida. Quase se pode afirmar que, estudando unicamente com toda a atenção a sua obra, podemos traçar com alguma certeza vários traços de personalidade e de vivências da autora.

⁹³ *Idem*, p. 206.

⁹⁴ *Op. cit.*, p.86.

⁹⁵ Cf. Feliciano Soares, *op. cit.*.

⁹⁶ *Dias que já lá vão*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1946, p. 239.

⁹⁷ *Op. cit.*, p. 2.

Feliciano Soares, jornalista e escritor que privou de perto com Luzia, no seu livro inédito sobre a mesma, afirma justamente que:

*Em todos os livros de Luzia se pode encontrar um pouco do seu eu. A sua obra literária é sempre um pouco de autobiografia. A Espectadora das comédias do mundo faz passar personagens e factos através da sua alma, da sua sensibilidade, do seu eu, diga-se, romântico, apaixonado. Todos os seus livros – não é só o último, Dias que já lá vão – são livros de memórias.*⁹⁸

Outro traço que é importante realçar, é a ironia presente na pena de Luzia, que, como *espectadora das comédias do mundo*, construiu em si uma disposição psicológica que se manifestava para além da pena, levando-a “a usar, por vezes, daquela fina, subtil, elegante ironia que não conseguia dissimular totalmente uma pontinha de irreverência por certos climas intelectuais que as circunstâncias a obrigavam a frequentar”⁹⁹.

Luzia desdenhava das reuniões intelectuais, fazendo realçar o ridículo e a fachada de determinadas situações sociais. Particularmente as suas duas primeiras obras, *Os que se divertem* e *Rindo e chorando*, transbordam de exemplos mordazes que têm como alvo pessoas, costumes e protocolos sociais. A escritora sentia uma tal aversão a esse mundo de pseudoliteratos, intelectuais e novos-ricos, que queria ser apenas considerada espectadora de todas essas “comédias”, abominando que a tentassem incluir nesse círculo.

A sua obra foi longamente meditada. Não era fruto de uma primeira inspiração, ou simples reproduções das cartas que enviava, trabalhando as suas obras, encadeando-as e pensando-as, antes de as dar a público.

Um excerto do livro de Feliciano Soares valida esta mesma conclusão:

Lembro-me bem de que num verão que passámos no Monte Palace Hotel, no Monte, [...] Luzia pediu-me, uma noite, depois do jantar, que lhe lesse o original dum livro seu que pensava publicar.

Li-lho todo, nesse serão. Durante a leitura, Luzia fixou os seus olhos míopes no vago, e não fez o mínimo comentário. Tinha as feições descaídas, um ar triste e desalentado. Recreei que a minha leitura não a satisfizesse. Mas continuei sempre até ao fim.

Eram altas horas quando acabei. Só então Luzia falou: – Que acha?

Não me deu tempo a responder, porque logo continuou: – Não vale nada. Tenho

⁹⁸ *Ibidem.*

⁹⁹ *Idem*, p. 4.

*de o refundir todo... talvez bem pouco possa aproveitar. [...] Tempos depois, o livro foi publicado. Era outro. Tinha sido completamente modificado. E à custa de quanto trabalho!*¹⁰⁰

O lançamento do primeiro livro de Luzia, *Os que se divertem, a comédia da vida*, aconteceu quando a escritora tinha já quarenta e cinco anos, em 1920, e não foi uma surpresa no mundo das letras portuguesas. Como refere Feliciano Soares, na frequência assídua no salão de Maria Amália Vaz de Carvalho, Luzia foi conhecida de perto e logo admirada. Dir-se-ia que já se esperava que ela se afirmasse grande desde a primeira hora.

O sucesso foi enorme e imediato e a obra conheceu três edições, a primeira em 1920 (229 pp.), a segunda em que não aparece data de publicação (223 pp.) e a terceira edição em 1929 (305 pp.), esta última uma edição aumentada e com ilustrações de Bernardo Marques¹⁰¹.

Os que se divertem, a comédia da vida é um retrato da alta sociedade em que Luzia se movimentava. Os novos e velhos ricos, os vestidos, os eventos, a sociedade das aparências em que se movia são o cenário e protagonistas das suas histórias. A ironia prevalece praticamente sobre todos os quadros que “pinta”, apontando os ridículos do que a rodeia. Dos retratos mais comuns, aparece o das mulheres, a mulher vaidosa, que só se importa com a aparência e tudo faz para ocultar a idade; a mulher que inveja, que desdenha das amigas íntimas e de outras mulheres; a escrava do *chic*; a intriguista; os *flirts*; as novas-ricas com seu mau gosto, a falta de cultura e educação; entre outras situações ridículas e pequenas.

Como expõe José Martins dos Santos Conde, relativamente a esta obra: “Vinte e três episódios e cartas, dialogados uns, monologados outros, apresentam-nos, sobretudo, um vasto friso de personagens da alta sociedade lisboeta do pós-Primeira Guerra Mundial. Velhos e novos-ricos exibem a sua mentalidade e hábitos sociais típicos, num recorte supremo de fina ironia”¹⁰².

Rindo e Chorando (291 pp.) é publicado dois anos depois, em 1922, e mantém os mesmos traços e até as mesmas personagens do livro anterior. Sente-se quase como uma continuação das “comédias da vida”, mas revela uma iro-

¹⁰⁰ *Op. cit.*, p. 79.

¹⁰¹ Nesta edição novos capítulos são acrescentados, mas um é retirado, “As Cartas de Clara”, sendo substituído pelo capítulo “A Récita de Caridade”, já publicado em *Rindo e Chorando*.

¹⁰² *Op. cit.*, p. 9.

nia mais trágica que faz o leitor flutuar entre episódios de riso genuíno e de sorriso amargurado, de tão trágica que pode ser a ironia da vida.

Cartas do campo e da cidade vem a público em 1923 (222 pp.), e, tal como o próprio nome indica, situa-se entre as paisagens e ambientes opostos destes dois lugares: das quarenta e quatro cartas, vinte e oito são escritas na cidade, algumas em Lisboa, outras no Funchal, e dezasseis no campo, a maioria delas nas Quintas de Portalegre.

Como refere José Martins dos Santos Conde, todas “estas cartas, do campo e da cidade, foram escritas, entre 9 de agosto de 1918 e 20 de setembro de 1919, o que de imediato nos traz à lembrança a experiência do Sidonismo, no nosso país, e o fim do primeiro grande conflito mundial. Estes eventos históricos, aliás frequentemente aludidos nas cartas, marcaram fortemente toda a vivência das pessoas da época”¹⁰³.

Cartas d'uma vagabunda é o quarto livro de Luzia (310 pp.), no qual não aparece a data de publicação. Esta obra revela a enorme paixão que Luzia tem pela epistolografia e como ela própria se destaca como grande epistológrafa.

Fazendo referência a Horace Walpole, discorre:

*E, no século em que, com mais encanto e graça, se praticou a arte epistolar, commerce de lettres, como então se chamava, foi ele sem dúvida, um dos mais brilhantes, infatigáveis, espirituosos e... bisbilhoteiros – não há missiva verdadeiramente interessante sem um bocadinho de bisbilhotice – epistológrafos. [...] Atribuíste-me tu a mesma exclusiva ocupação. Pretendes que, como a vida de Walpole, a minha se resume em uma longa carta. E não deixas de ter razão. Desde sempre cultivei com entusiasmo os prazeres da correspondência.*¹⁰⁴

Nas cartas, Luzia testemunha que acaba de chegar de França e descreve como encontra Lisboa e os seus hotéis favoritos. Depois de instalada, retrata de novo a cidade e os seus ridículos. Nada escapa ao olhar de Luzia, dos políticos à moda, dos hábitos culturais à alta sociedade, todos são alvo da sua ironia. Mas um grupo em particular é alvo do seu mais violento sarcasmo, os novos-ricos. Nesta obra, Luzia continua a caracterizar-se pela sua irreverência, não faltando exemplos, como o trecho: “Parece-me que escolheste péssi-

¹⁰³ *Idem*, p. 13.

¹⁰⁴ *Cartas d'uma vagabunda*, Lisboa, Portugal, s.d., p. 7.

ma conselheira. Por distração e... talvez por um bocadinho de implicação também, faço sempre o contrário do que o código elegante manda fazer”¹⁰⁵.

Em *Cartas d'uma vagabunda*, Luzia também relembra os doces momentos passados no colégio das Salesas, e algumas das histórias da temporada passada em Pau, no sanatório, fazendo referência ao conflito mundial que o mundo tinha atravessado. A chegada a Portugal, a estadia em Lisboa, seguidamente, em Pedras Salgadas e, por fim, de novo a sua amada França. É o percurso que *Cartas d'uma vagabunda* leva o leitor a fazer.

Sobre a vida... sobre a morte, máximas e reflexões surge em 1931 (84 pp.) e é um livro de pequeno formato em que Luzia faz reflexões sobre o que lhe ensinaram as suas vivências, iniciando um diálogo com a morte. Tem cinquenta e seis anos e abate-se sobre a sua alma a desilusão de sonhos desfeitos, de uma vida muito sofrida até ao momento: “Não sejas tão severo com os novos. Lembra-te que já seguiste a tua esperança e que eles caminham já para a tua desilusão...”¹⁰⁶. Como refere José Martins dos Santos Conde, Luzia, inteligente, culta e viajada, já sofrera “a morte dos seres mais queridos, a separação cruel do marido gastador e os espinhos da depressão e da doença, estava credenciada para transmitir aos menos experientes, em forma de breves sentenças e avisos, as suas experiências sobre a vida e os seus pensamentos sobre a morte”¹⁰⁷.

Almas e terras onde eu passei é publicado em 1936 (285 pp.) e é constituído por relatos de fragmentos da vida de Luzia, pedaços de memórias, das pessoas, das coisas e dos lugares por onde passou. O texto fixa impressões dos tempos vividos no Jardim do Mar, pedaços de histórias vividas em Portalegre, as “personagens” que com ela conviviam no sanatório, a vida elegante de Lisboa, o colégio das Salesas, a Madeira, a revolução, os seus bem-amados livros, entre muitos outros assuntos. Tudo desfila, de forma aprazível e bem contada, com toques de nostalgia e saudade, perante o leitor.

Última Rosa de Verão (cartas de mulheres) surge quatro anos depois, em 1940 (329 pp.). O livro conta a história de Ana Guiomar, que é incumbida de “educar” o primo da sua amiga íntima Maria do Carmo, que vai uns tempos para fora. O primo de Maria do Carmo, Nuno, tem metade da idade de Ana Guiomar, e com a convivência ambos se apaixonam. O romance entre os dois é

¹⁰⁵ *Op. cit.*, p. 31.

¹⁰⁶ *Sobre a vida... sobre a morte, máximas e reflexões*, Lisboa, s.e., 1931, p. 45.

¹⁰⁷ *Op. cit.*, p. 23.

contado maioritariamente em cartas escritas de Ana Guiomar a Nuno. Como Conde refere, “maneja o género epistolar com a destreza que já lhe conhecemos – neste caso o uso da carta poderá ser um artifício literário – Luzia consegue uma perfeita urdidura de romance”¹⁰⁸.

São aqui retratados um amor impossível, a expressão de genuínos sentimentos e as condenações sociais. As semelhanças com a história de vida são evidentes. A morte da mãe de Ana Guiomar, o marido que a despreza, o divórcio, as vivências de infância, tudo no romance encontra um paralelo com vida real de Luzia. Como sublinha José Martins dos Santos Conde, “Luzia está aqui retratada de corpo e alma. Ninguém diga que este romance não é profundamente autobiográfico”¹⁰⁹.

Quatro anos antes da sua morte, em 1941, Luzia lança *Lições da Vida, Impressões e Comentários* (108 pp.), mais um livro de pequeno formato, com reflexões sobre as efemeridades da vida, o amor, a beleza, as ilusões, os sonhos, a morte.

Dias que já lá vão foi publicado um ano depois da morte de Luzia, em 1946 (248 pp.), pois: “apesar de muito doente e quase cega Luzia continuava a escrever. Estava preparando um novo livro, intitulado *Dias que já lá vão*. Não teve tempo de o acabar”¹¹⁰, conta J. Conde. A edição apresenta um prefácio de Fernanda de Castro e Teresa Leitão, com ilustrações de Anne Marie Jauss.

A maior parte das narrativas deste livro lembram os episódios da infância de Luzia em Portalegre, o início da sua paixão pelos livros, as aulas em casa, os invernos rudes que passava de livro na mão em frente à lareira, e descrevem a Quinta das Assomadas, nos meses de bom tempo, que fazia as suas delícias, cheia de flores campestres, águas da ribeira, onde brincava com a sua amiga Georgina e fingia ser D. Quixote. Escreve J. Conde: “A alegria esfusante, a criatividade assombrosa, a irreverência da linguagem e das atitudes de duas crianças terrivelmente endiabradas surgem, aqui, com um relevo e uma vivacidade insuperáveis. Raramente a língua portuguesa terá alcançado, como nestes episódios, tanta força, adequação e naturalidade”¹¹¹. Os episódios do livro constituintes da segunda parte, não sofreram os retoques da autora e isso faz-se notar. Sobressai um estilo definido pelo ritmo dos apontamentos,

¹⁰⁸ *Op. cit.*, p. 26.

¹⁰⁹ *Idem*, p. 28.

¹¹⁰ *Idem*, p. 32.

¹¹¹ *Ibidem*.

a que Luzia teria acrescentado sem dúvida graça e vivacidade se tivesse tido oportunidade de os trabalhar.

José Martins dos Santos Conde refere que, logo após Luzia ter publicado o romance *Última Rosa de Verão*, tencionava editar um original intitulado *Pelos Caminhos da Vida*, e, de facto, é o que é anunciado na página seguinte à capa de *Última Rosa de Verão*, referindo-se à preparação daquela obra. O mesmo autor esclarece: “Desconhecemos os motivos por que o original em causa, já datilografado e rigorosamente corrigido, não chegou nunca a ser editado. Há, no entanto, uma suposição, que é quase uma evidência: as referências constantes a pessoas ainda vivas poderiam vir a melindrar muita gente”¹¹².

O estudioso informa que o inédito *Pelos Caminhos da Vida* tem como subtítulo *Jornal*, e trata-se, na verdade, de um diário íntimo da autora, de trezentas e cinquenta e nove páginas datilografadas. Abrangendo um período que vai de 24 de julho de 1902 a 10 de maio de 1915, Luzia começa-o com vinte e sete anos, quando era casada, e termina-o quando tinha já quarenta, depois do divórcio, na fase da sua vida em que não queria nada, apenas morrer.

Conde também salienta que no volume que consultou a “capa que resguarda o inédito, que temos em mãos, está encimada pelo número romano I, o que pressupõe a existência de mais volumes”¹¹³.

No momento do presente estudo, até este volume parece estar perdido, e dos diários de Luzia anteriores ao casamento, da sua correspondência com numerosos escritores e linguistas, bem como dos vários cadernos de apontamentos que fazia em todas as viagens, nada se sabe.

Como se pode depreender, tendo em conta o seu percurso literário e a sua obra, Luzia é uma ecletista de inspiração feminista francófona, balizada por um iluminismo recorrente e por aquilo que em Portugal se estabeleceu ser o decadentismo saudosista.

Porém, não é fácil concluir acerca da sua fidelidade a qualquer doutrina/corrente literária da época, e talvez nunca tal se venha a conseguir efetivamente, uma vez que Luzia era uma grande leitora – mesmo compulsiva, segundo escreve – o que lhe trouxe influências discursivas desde os nossos bucólicos românticos – como Bernardim Ribeiro (*Menina e Moça*), Cristóvão Falcão (*Crisfal*), Júlio Dinis, Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco – até Eça

¹¹² *Op. cit.*, p. 32.

¹¹³ *Idem*, p. 33.

de Queirós, Voltaire, Anatole France, etc., etc., mas sempre com uma notória preocupação de tentar agradar pelo avesso de Xerazade das *Mil e Uma Noites*: negando-se a amar muito uma corrente de escrita ou pessoa por temer que isso lhe provocaria a morte.

Há também uma contínua busca do tempo perdido, como fez Proust ao analisar a aristocracia e seu *modus vivent*, e chega inclusive a fazer algumas citações do autor francês, como quando afirma: “Penso como Marcel Proust, que a lisonja pode ser uma manifestação de ternura, enquanto a demasiada franqueza, vem quase sempre da má vontade ou, pelo menos, do mau humor”¹¹⁴.

Contextualizar um discurso romanesco da natureza do de Luzia não é tarefa fácil, considerando que a escritora não era atreita a arregimentações de qualquer espécie. Foi simbolista, modernista, feminista, romântica, realista, tradicionalista, bucólica, parnasiana...

Luzia, de facto, demonstra nos seus textos um ecletismo que permite descrevê-la em vários movimentos literários e em nenhum em particular. Pelo gosto do pitoresco, do quotidiano, da expressão direta e realista aliada ao termo raro e expressivo e pela, por vezes, opção pela impessoalidade. Luzia tem qualquer coisa de parnasiano, de cujos poetas Eça escreveu: “A estes poetas deu-se o nome de cinzeladores. A sua obra, realmente, pertence mais à joalharia do que à poesia”¹¹⁵. Era no dia-a-dia que se inspiravam na busca das temáticas. Como refere Hernâni Cidade, “a poesia deixa de ser efusão sentimental de quem vai *empós* o coração e passa a ser a expressão artística, pictural, mas preferentemente escultórica, colaborada pela inteligência vigilante, da visão da realidade exterior”¹¹⁶.

O poeta parnasiano buscava a beleza em si, e isso é percebido em muitos trechos de Luzia. Mas, Luzia também é romântica, na identificação dos seus estados de alma com a natureza, no sentimento de que é incompreendida pelo mundo que a rodeia, pelo gosto sensorial, formas e cores, pela adesão a um mundo fantástico, de fadas e castelos, tão ao gosto do romantismo inglês. Não pode, no entanto, não ser influenciada pelo realismo de Eça, pela ironia

¹¹⁴ *Lições de Vida*, Lisboa, Portugal, 1941, p. 66.

¹¹⁵ *Apud Lições de Literatura Portuguesa, 2º Ano do Curso Complementar, (Séc. XIX e XX)*, António Bragança, 12ª ed., vol. 3, Porto, Livraria Escolar Infante, 1978, p. 270.

¹¹⁶ *O Conceito de Poesia Como Expressão da Cultura, sua Evolução Através das Literaturas Portuguesa e Brasileira*, 2ª ed., Coimbra, Armínio Amado, 1957, p. 247.

no retrato da realidade, pelo ceticismo em relação aos finais felizes, pela crítica à confusão de valores que caracteriza a sociedade. A escritora depois, naturalmente evoluiu pouco a pouco, conforme aqueles tempos o exigiam, para anunciar o Simbolismo Decadente, mas sempre sem nunca se fixar a nenhuma corrente ou estilo.

1.3 – A receção da obra na sociedade da época

*Deu-me em perfumadas palavras a certeza da sua simpatia, deu-ma mais uma vez, e eu honro-me muito e envaideço-me com ela; e contou-me com a sua maneira tão espirituosa o que sempre me agrada saber. O seu grande talento literário prima na narração descritiva, descritiva das rápidas comédias da sala, e consegue, como raros, comunicar a quem lê, as sensações que experimenta, passando-as pela verve do espírito e polvilhando-as do sal duma inocente malícia verdadeiramente encantadora!*¹¹⁷

Luzia era uma mulher que frequentava os círculos intelectuais e salões literários da época, era reconhecida e respeitada por todos, podendo verificar-se através da imprensa e dos que conviveram com a escritora no seu tempo, que gozava de grande prestígio.

Fernanda de Castro (n. 1900 – m. 1994, autora de *Maria da Lua* e *Fontebela*) e Luzia comungavam uma amizade e respeito mútuo, mas também interesses literários. A escritora enviava a Luzia “cópias dos originais dos seus versos, antes de entrarem no prelo, e também da sua prosa – *Maria da Lua* – foi conhecida de Luzia antes de ser entregue ao editor – porque a opinião justa mas bondosa da Mestra que dava *Lições de Vida*, era de um valor acima de toda a dúvida”¹¹⁸.

As duas autoras trocaram uma correspondência considerável ao longo do tempo. Fernanda de Castro chegava a compor versos para falar a Luzia, como se verifica no pequeno excerto seguinte, retirado de uma longa carta em verso datada de 27 de abril de 1928:

¹¹⁷ António Cândido, *apud* Feliciano Soares, *op. cit.*, p. 43.

¹¹⁸ Feliciano Soares, *idem*, p. 33.

*Luísa, é quase a hora da saudade...
Nasce a noite da própria claridade
que ainda se estende pelos campos fora.
Vamos ambas sonhar... É quase a hora
do silêncio, do mar, das estrelas.
Estas nuvens irreais são caravelas
que vão levar-nos para lá da vida...
É esta a hora suave e enternecida
em que não apetece falar alto...
Na sua voz serena de contralto
reúne o mar as vozes de mil almas...
Vamos sonhar... Há nestas horas calmas
tantos sonhos errantes, que é pecado
abandonar o que passa ao lado...*¹¹⁹

Mas não era só Fernanda de Castro que escrevia lindos versos e palavras a Luzia. Muitos nomes da literatura portuguesa conheciam, apreciavam e escreviam a Luzia, como seguidamente se irá demonstrar.

Feliciano Soares, para além de ser amigo de Luzia, era também marido de Laura de Castro Soares, amiga íntima da escritora e a quem esta deixa em testamento todas as suas cartas e papéis. Foi desta forma que o marido de Laura de Castro teve acesso aos papéis de Luzia e cartas, partilhando com os leitores alguns excertos. Destes, alguns explicitam a forma como era recebida pelos seus contemporâneos.

António Correia de Oliveira (n. 1878 – m. 1960, autor de *Elogio dos Sentidos* e *História Pequenina de Portugal Gigante*), depois de ler *Cartas d'uma Vagabunda*, envia-lhe um poema, datado de abril de 1926:

*Que belas cartas! Que suaves linhas!
São “vagabundas”, boa Amiga? Qual!
Todas se voltam para Portugal,
Como voltam, de longe, as andorinhas.*

*Ora, tão altas, como as estrelinhas,
Em viva nebulosa espiritual;
Ora soluços de água; ou roseiral;
Ou sol, cantando, entre a seara e as vinhas.*

¹¹⁹ Apud Feliciano Soares, op. cit., p. 43.

*A Senhora de Lurdes é de França:
Acaso entende a nossa Língua? Alcança
Que falam d'Ela? Talvez não, talvez...
Mande-lhe as “Cartas”. Santo António é luso
E lhe dirá: – “Deixai, que eu vos traduzo...
Que pena, não saberdes português!”¹²⁰*

Branca de Gonta (n. 1880 – m. 1945, autora de *Auto dos Faroleiros* e *Poetas de Ontem*), a 4 de agosto de 1922, escreve a Luzia:

*... Logo que o Rindo e Chorando apareceu, eu precipitei-me sobre ele; li-o...
– e ri, ... e chorei!... É uma maravilha de graça, de sentimento, de malícia, e de
bondade! ... E de talento! E como Luzia conhece a vida, e os corações... e como
sabe falar de Amor!...
Adoro-a, e aos seus livros lindos!
Não há nada de que eu tanto goste, na vida, como de gostar; e de si, do seu
espírito, da sua alma, gosto plenamente.¹²¹*

Feliciano Soares revela também que, já em 1920, Branca de Gonta pedira a Luzia a sua assinatura, datada de 28 de setembro daquele ano, “para mandar à Rainha, tão infeliz e que está tão triste... para dulcificar um pouco aquela imensa amargura”¹²².

Virgínia Vitorino (n. 1895 – m. 1967, autora de *Namorados* e *Apaixoadamente*), em 1937, escreve a Luzia:

*[...] Gostei muito do seu livro, muito. Há nele uma calma de oceano fundo, uma
poesia como que disfarçada e involuntária, um delicioso espelhar de comoções
que não chegam quase a formular-se.
Aqui, além, a sua consagrada ironia não quer perder os seus direitos; mas é
como sempre foi – um modelo de sorriso sem azedumes.
Gostei imenso da forma por que, sem se esquecer de diálogos, também como sem-
pre, deixou que o dialogar escorregasse, aqui, além, para um filosofar discreto,
elegante.¹²³*

Virgínia Vitorino também questiona Luzia sobre o teatro, pergunta-lhe quando é que ela irá escrever teatro, uma vez que muitas das suas páginas

¹²⁰ *Apud* Feliciano Soares, *ibidem*, p. 36.

¹²¹ *Apud* Feliciano Soares, *op. cit.*, p. 36.

¹²² *Ibidem*.

¹²³ *Apud* Feliciano Soares, *ibidem*.

parecem momentos de género dramático. Mas não é a única que a questiona a este respeito. Chagas Roquete (n. 1875 – m. 1940, autor de *O Homem Fatal*, comédia original em um ato, e *Coisas Minhas*) aponta que em relação “ao seu belo trabalho, ele veio revigorar em mim a convicção de que deve a minha ilustre camarada, abordar com decisão a literatura do teatro. Quem tem o dom da observação e quem dialoga assim, com uma naturalidade extrema, encontrará no palco o triunfo certo. Porque não experimenta?”¹²⁴.

Também Câmara de Lima (n. 1868 – m. 1928, autor de *Beco do Fala – Só e Cartas a Mulheres e Bilhetes a Toda a Gente*) refere “... e aqui vem a propósito lamentar que V. Ex.^a dispondo de um tão grande poder de observação e análise, e dialogando como só o fazem os mestres, não tente o teatro, na alta comédia, que lhe reservaria sem dúvida um completo triunfo”¹²⁵.

Augusto de Castro (n. 1883 – m. 1971, autor de *Chá das Cinco*, comédia em três atos, e *As Nossas Amantes*, comédia em três atos) num dos seus artigos do *Diário de Notícias*, chegou a chamar a Luzia, o *Eça de Saias*¹²⁶. Com esta afirmação, Augusto de Castro quis enfatizar alguns traços de Luzia, a espontaneidade, a graça natural, a improvisação inesgotável, a admirável independência moral, a sensibilidade crítica e culta. Quanto à denominação, Joaquim Castanho evidencia que “por melhores que tenham sido as suas intenções, esta classificação está eivada de uma subtil afronta, quiçá frequente entre a intelectualidade de descendência antropocêntrica, com um discurso declaradamente masculinizado, comparando uma mulher com um homem, ainda que ele fosse considerado – e talvez ainda o seja atualmente, e de facto – o expoente máximo das letras nacionais, hoje um clássico quase em vias de descrédito, e a intenção fosse elogiar-la”¹²⁷.

Carlos Malheiro Dias (n. 1875 – m. 1941, autor de *O Filho das Ervas* e *O Grande Cagliostro*) é da opinião que a leitura das obras de Luzia é uma “leitura que tantas vezes lembra a graça sibilina do grande Eça: a graça e o airoso estilo que é a elegância e a boa educação do espírito”¹²⁸.

Numa outra carta, de 1937, Augusto de Castro diz-lhe: “Os seus livros, são mais conversados do que escritos. Nessa espontaneidade, nessa graça natu-

¹²⁴ *Apud idem*, p. 38.

¹²⁵ *Apud ibidem*.

¹²⁶ *Diário de Notícias*, 13.12.1956.

¹²⁷ *Op. cit.*, p. 5.

¹²⁸ *Apud Feliciano Soares, op. cit.*, p. 40.

ral, nesse milagre de improvisação inesgotável, a sua literatura não tem rival. Que grandes, excepcionais faculdades de romancista existem na sua obra! Porque dispersa-las? Os seus admiradores esperam de há muito, do seu talento, o grande romance da Lisboa atual, que falta entre nós, para continuar a galeria de Eça”¹²⁹.

Luzia era muito apreciada pela alta-roda da literatura portuguesa da época, são, por isso, muitos os testemunhos espalhados quer em cartas a ela enviadas, quer em artigos de jornais.

O Conde de Sabugosa (n. 1851 – m. 1923, autor de *Gente de Algo* e *Donas de Tempos Idos*), escreve a Luzia:

Este volume, “Cartas do Campo e da Cidade”, coloca-a, sem sombra de discussão, na plana mais elevada da nossa literatura. Tem interesse, graça, observação aguda, nobreza no pensar, elegância no dizer, é senhoril sem ser intolérante, é malicioso sem maldade, é irónico sem veneno. Tem além disso tudo, aquela veia de sentimento sem a qual uma obra de arte é um corpo inerte.

Atrai todos desde a Madame frívola que verifica sorrindo como é bem desenhado o gabinete de modas do Sr. Pinto, até o velhote como eu que aprecia logo no princípio aquela página magistral consagrada a Lisboa (eu sou um alfacinha irredutível) e se deixa comover com aquelas páginas tão palpitantes dedicadas ao Albergue dos Velhinhos. E tudo, tudo o mais que neste volume denota um escritor de raça.

*Em França, que era dantes a Pátria do espírito onde as mulheres do século XVII e XVIII brilharam pela graça e as de hoje, Gyp, Noailles e algumas outras ainda sustentam as tradições, não se escreve melhor.*¹³⁰

Também Agostinho de Campos (n. 1870 – m. 1944, autor de *Língua e má Língua* e *Falas sem Fio*) trocava correspondência com Luzia, muitas vezes expressando opinião sobre os seus livros. Relativamente à obra de máximas *Sobre a Vida e Sobre a Morte*, comenta:

Há lá coisas lindas e grandes que lembram Heine e estão pedindo um metrificador que ponha em verso a sua poesia profunda, e depois um compositor que as ponha em Lieders.

Grande consolação me deu esta leitura que muito fez crescer a grande admiração que eu já tinha por V. Ex^a.

¹²⁹ Apud *ibidem*.

¹³⁰ Apud Feliciano Soares, *op. cit.*, p. 40.

A propósito de *Almas e Terras Onde Eu Passei*, reitera o seu apreço:

[...] li com prazer, proveito e apreço. Encontrei nele muita sensibilidade, reações prontas perante o natural humano e o da paisagem, ironia velada por aquilo que o nosso amigo France chamou “un bienveillant mépris des hommes” – e também lirismo e também poesia.

Li tudo, gostei de tudo, (menos do título, porque sou inimigo pessoal de “eus” em títulos), e não vi neste livro nada de livresco, salvo as citações de outros livros, mas essas mesmas revelam o fino sentimento de quem as notou e escolheu.

E também a respeito de *Última Rosa de Verão*: “Não faltam no livro de V. Ex.^a frases lapidares que não se nos desprendem da memória: Um defeito que me tirassem era um roubo que te faziam”¹³¹.

Como se pode observar, a apreciação da obra de Luzia caracteriza-se pelo entusiasmo e admiração, sendo feita pelos grandes nomes da sociedade e cultura contemporânea.

Feliciano Soares refere também um livro de autógrafos feito para Luzia, no qual se encontram dos melhores nomes de poetas que assinaram as composições, algumas das quais pensa serem inéditas, e que podem ser consideradas como “joias preciosas” da língua portuguesa: *Comunhão* de Fernanda de Castro; *O Teu Andar é Tão Leve* de Laura Chaves; *Bruges* de Cândida Ayres de Magalhães; *Ambição* de A. de Oliveira Soares; *Cinco Laranjas Douradas* de Eugénio de Castro; *Infortúnio* de Manuel Ribeiro; *Sevilha* de António Ferro; *Soror Água* de Américo Durão; *Sonetos* de Branca de Gonta Colaço; *Que Tristeza!* de António Botto; *Compasso de Espera* de Henrique Lopes de Mendonça; *Ó Portugal, Florida Alpendurada* de Afonso Lopes Vieira; *Mistério* de Maria de Carvalho; *Duas Pérolas Dum Colar que se Partiu* de Alfredo Pimenta; *A Parábola da Areia e da Lágrima* de Ramiro Guedes dos Campos; *O Amor e a Arte* de Maria do Carmo Peixoto; *Minerva* de João de Barros; *A um Moribundo* de Florbela Espanca; *Halos de Sonho* de Albertina Paraíso; *Fim* de Virgínia Vitorino; *Oscilações* de Oliveira Guerra; *A Vida é tão Pequeninina* de Augusto de Santa Rita; *Carta de um Aldeão* de Marta de Mesquita; *Sonho Eterno* de Domitila de Carvalho; *Procissão à Beira do Mar* de Teresa Leitão de Barros¹³².

De onde se infere, como, aliás, todas as referências vêm comprovar, o quanto Luzia era lida e apreciada pelos seus contemporâneos, mas também

¹³¹ *Apud ibidem.*

¹³² Feliciano Soares, *op. cit.*, p. 45.

que o seu nome andava lado a lado com os nomes que hoje reconhecemos como relevantes para a história da literatura portuguesa.

Capítulo 2

A eterna busca do “Eu”

2.1 – A vagabundagem pelo mundo e a saudade do que foi

*Saudades e esperanças andam sempre de mão dada.
Quase todas as esperanças choram um bocadinho de saudade e nem por isso
são tristes... Tristes são as saudades que choram sem esperança...*¹

Luzia foi uma eterna viajante, corria o mundo por diversos motivos, desde o desejo de desaparecer na multidão (“Não invejes tanto os que viajam. Há quem o faça por prazer, bem sei. Mas há quem ande de terra em terra, para fugir a uma lembrança, para enganar uma saudade, trocar o nome que teve e foi querido só de alguém, por um número nos hotéis, que já foi de toda a gente!...”²), à urgente necessidade de sentir saudades:

À pena do que deixo, junta-se a incerteza, o terror do que vou encontrar. Tenho medo de partir. Tenho medo de chegar. É toda a angústia da despedida, já mil vezes renovada, e a que jamais me habituarei! [...]

¹ *Sobre a vida... sobre a morte, máximas e reflexões*, Lisboa, s.e., 1931, p. 59.

² *Idem*, p. 65.

Espalhei saudades pelo mundo, que me impelem irresistivelmente... Quantas vezes, avistando, após uma longa ausência, as oliveiras cinzentas do meu Alentejo, ou os luminosos jardins desta terra, que, por ser tua, eu queria escolher também, penso: Aqui é que vou ficar para sempre, fazer o meu ninho, descansar, enfim! E, pouco depois, invade-me a nostalgia doutro país, outras saudades chamam-me, levam-me...

Não é de viajar que gosto. O desconhecido não me atrai. Mas os lugares em que uma vez pus os olhos do meu coração, as queridas paisagens da minha infância e da minha mocidade, aquelas onde mais vivi... porque mais sofri, preciso voltar a vê-las, se estou muito tempo longe delas é como se me faltasse alguém, se elas me dizem: – Vem – nenhuma voz, nenhuns braços humanos, são capazes de prender-me.³

Viajar, viajante, viagem, caminhante, andarilho, experimentação, impressão... Palavras que levam à reflexão sobre o ato de viajar. São inúmeras as situações que se podem considerar, pensar, experimentar como viagem. Em todas elas, um aspeto deve ser destacado, como afirma Michel Onfray, no “centro da viagem, descobrimos apenas e somente o eu”⁴. O encontro com o “eu” no centro da viagem põe em evidência o facto de que qualquer tipo de viagem envolve sempre uma viagem interior.

Luzia deambulava de terra em terra, sempre saudosa e nostálgica da terra que tinha deixado para trás, sempre querendo estar onde não estava, como tão bem exemplifica este trecho:

A quem espalhou tantas saudades pelo mundo é difícil escolher canto para o ninho, porque, todos os lugares atraem ao mesmo tempo e nenhum contenta... A lembrança deste estraga aquele. No Alentejo eu teria a nostalgia da viçosa Madeira, no inverno da Madeira, cheio de flores e de sol, lembrar-me-ia dos Pirenéus, sob o seu manto de neve... E em toda a parte – Ai de mim! – hei de sofrer da minha estranha dualidade, a minha alma decadente de civilizada, há de lutar com a outra, a minha alma simples de provinciana...

Nâitre, vivre et mourir dans la même maison! Único destino invejável, como dizia Sainte-Beuve!⁵

Aqui Luzia demonstra o seu traço romântico. Uma insatisfação constante, um sentimento de injustiça perante o destino, e a presença do cha-

³ *Cartas d'uma vagabunda*, Lisboa, Portugal, s.d., pp. 309-310.

⁴ Michel Onfray, *Teoria da Viagem, Uma Poética da Geografia*, Lisboa, Quetzal Editores, 2009, p. 84.

⁵ *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 62.

mado “mal du siècle”, manifestando cansaço e melancolia, uma angústia de viver.

Ana Carvalho salienta o facto que não “raramente esta deambulação física reflete uma errância introspetiva, uma busca de si próprio, do Outro e do Conhecimento”⁶. Pode-se pois afirmar que em qualquer tipo de viagem, encontramos sempre a viagem interior, como sublinhou Maria José Meira: “Duma maneira ou doutra a viagem realizar-se-á sempre em função duma busca de identidade própria”⁷.

Sentimentos como a saudade, a dor e a nostalgia, impregnaram o espírito de Luzia, desde muito cedo:

*Tenho dez anos. Já estou de luto. Já tudo o que fez o encanto da primeira infância se apartou de mim; conheço a saudade, o vão, ansioso desejo de voltar a ouvir palavras que irremediavelmente se calaram. Fecho os olhos, na trémula esperança de que, ao abri-los, um milagre me restitua a casa, o jardim da Madeira; estendo as minhas mãos para o calor, a ternura das queridas mãos rugosas... Mas é a terra onde nasci que, longe, na ilha encantada, já o meu pai me ensinara a conhecer, como única sua, e que, um dia – oh! um dia tão próximo decerto! – minha se tornaria também.*⁸

Luzia passou a sua primeira infância entre os jardins, que considera como jardins encantados, da Quinta da Madeira, onde, entre flores, fontes e fadas, desenvolveu a sua sensibilidade, e onde já sonhava com terras distantes, para onde partiam os vapores que via do muro da Quinta, terras distantes, como a terra onde nasceu. Já com a alma sensível de poeta, órfã de mãe e de pai, fica órfã também da terra que conheceu nos seus primeiros anos de vida, e é ao ser mandada para a terra onde nasceu, mal morre o pai, que a alma vagabunda desperta em Luzia, e esta inicia a sua viagem em busca do “eu”, das origens e raízes.

A morte do pai é um marco na vida de Luzia. A morte e a viagem determinaram o início de uma busca de tudo o que conheceu como seu. Até a morte

⁶ “Filipa Nesse Dia de Urbano Tavares Rodrigues: uma viagem deli(er)ante e ‘heliocêntrica’ ou a busca do sentido”, in *Literatura de Viagem*, Ana Margarida Falcão, et al. (org.), Lisboa, Ed. Cosmos, 1997, p. 337.

⁷ “A viagem no imaginário ficcional de Mário de Sá-Carneiro”, in *Literatura de Viagem*, op. cit., p. 481.

⁸ *Dias que já lá vão*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1946, p. 30.

do ser mais adorado pela autora à face da terra, foi vista como uma grande viagem:

– E contudo, já a morte passou perto de mim, levando aquele que era todo o meu encanto na terra. Mas eu não o vi morrer, a última vez que nos encontramos, ele andava, falava, sorria como os vivos. “– Voltarei” – prometeu, e o meu pai nunca mentia. A sua ausência tornou-se, pois, como uma viagem prolongada, de que espero ainda a volta, uma saudade que hei de contentar amanhã, depois, mas, certamente, um dia... E tantas vezes adormeço julgando que vou acordar ao seu lado!⁹

É esta busca pelo contentamento da saudade que faz com que Luzia não possa viver sem a viagem, sem o sentimento de nostalgia, pois é ela que a liga às suas raízes, a tudo o que conhece, que a mantém viva, dando-lhe a esperança de um dia reencontrar tudo o que conhecia como o “eu”.

Os familiares referiam que Luzia fazia lembrar o pai, mas a autora pergunta-se onde estarão nela as características que lhe pertenciam?

Mas, pobre de mim, onde tenho eu aquela esplêndida alegria que, através de muitas horas negras, espalhou sempre o bom tempo...? A linda coragem diante do maior perigo como o doce bom humor, capaz de resistir às preocupações miudinhas, veneno de cada dia...? E, antes de tudo, mais do que tudo, o pudor do sofrimento, que foi o seu grande orgulho ou a sua heroica virtude? O meu pai nunca admitiu que o vissem sofrer. Em vinte anos de doença, conservou os seus hábitos de “gentleman”, o seu fino espírito, a sua arte de encantar. Morreu conversando, como se estivesse numa sala. Eu tinha nove anos quando o perdi. Sobre a longínqua infância, toda uma dolorosa vida passou. Mas – abençoada seja a saudade! – há pouco, na sombria travessa, junto do muro das “Cruzes”, voltei a sentir o calor da tua mão, Pai, tu andaste comigo!¹⁰

Neste trecho, assinala-se com clareza a saudade como sendo uma presença companheira, doce, desde o luto pelo pai. Luzia descobriu uma identidade intrinsecamente ligada à saudade. A saudade que é tudo o que conhece, que é uma certeza desde tenra idade e que ainda lhe traz o calor da mão do pai. A doce, por vezes amarga, saudade, a quem perdoa todas as amarguras, “pela doçura de tudo o que fica, esqueço a amargura de tudo o que passa. Não

⁹ Dias que já lá vão, Porto, Livraria Tavares Martins, 1946, p. 131.

¹⁰ *Idem*, p. 54.

será duas vezes o mesmo o coração em que pus o meu desejo, a minha esperança, mas daqui a muitos anos, se eu voltar, as mesmas sombras discretas me acolherão e, como agora, a terra me sorrirá pacificadora e linda”¹¹.

Através da sua obra é possível ir traçando as diversas viagens da escritora que são simultaneamente viagens físicas, literárias, pelas memórias, sonhos e esperanças. Viagens que são como uma tentativa de se recuperar a si própria, de buscar aquilo que foi, o sonho, a idealização da felicidade.

Para além da saudade, Luzia tem outros eternos companheiros de viagem, os livros. Leitora compulsiva, jamais se separa dos seus fiéis companheiros, “Vivo com as saudades: único bem de que jamais se despoja o coração. E com os livros, velhos e novos amigos, lidos, relidos... Eterno encantamento!”¹². E é com eles que Luzia também faz as suas viagens interiores, e comunica ao leitor o que tanto busca na sua vida:

*Ao serão releio os velhos romances demodés que fizeram o encanto dos meus quinze anos... Ce qu'on aime dans un livre c'est soi même... – Decerto, o que avidamente procuro, nesses volumes amarelecidos pelo tempo, é a minha alma de rapariga romanesca e cheia de ilusões e, o que neles me encanta e prende, é a saudade de mim mesma...*¹³

A autora dá a conhecer através do texto o que já se suspeitava, e que com o avançar das leituras se vai tornando cada vez mais evidente, a constante procura do “eu” profundo através da viagem espiritual, literária e da escrita. Tal como afirma Anne Martina Emonts, a literatura é um meio de construção da sua identidade¹⁴, referindo também que a “sua personalidade – como pessoa e como escritora – é multifacetada, dissocia-se, agrega-se de novo. A vida e a escrita de Luzia revelam o desmoronamento do conceito de identidade”¹⁵.

Cassiano Reimão, no seu livro *Consciência, Dialética e Ética em J.-P. Sartre* afirma que ao “escolher as suas possibilidades, o homem, [...] define um projeto, projeto esse que se realiza no futuro, intrometido na ameaça constante

¹¹ *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 13.

¹² *Cartas d'uma vagabunda*, Lisboa, Portugal, s.d., p. 148.

¹³ *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 25.

¹⁴ Cf. “Cartas do Campo e da Cidade”, LUZIA no seu jogo de identidades, in *Lusofonia: Tempo de Reciprocidades, Actas do IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Vol. I, Porto, Edições Afrontamento, 2011, p. 210.

¹⁵ *Idem*, pp. 207-208.

de outras possibilidades negadoras da sua possibilidade essencial. É isto, precisamente, que constitui a essência do ser humano. A essência do homem é “aquilo que foi” em função da possibilidade escolhida”¹⁶. Luzia procura incessantemente “aquilo que foi”, tentando reconstruir um novo “eu”, ter mais uma possibilidade de escolha, dissociando-se de Luísa, e recompondo-se em Luzia.

Cassiano Reimão afirma que a “essência” do homem é esse “eu” com o seu conteúdo “*a priori*” e histórico. “E a angústia como manifestação da liberdade face a si significa que o homem está sempre separado por um nada da sua essência”¹⁷. Luísa Grande ao criar Luzia tenta encurtar essa distância entre aquilo que é e quem escolheu ser, não parando nunca de procurar o seu “eu”, numa tentativa de se encontrar.

Como já referido, esta busca inicia-se com a morte do pai e consequente viagem para a terra onde nasceu e para a qual a acompanhou já a saudade. Seguidamente, é uma incessante busca, nos livros, memórias, vivências, dos quais irá traçar um roteiro/percurso percorrido, para assim se tornar mais evidente e sustentado, que corresponde a uma incessante busca do “eu”, acompanhada da presença de uma eterna saudade.

A recorrência da temática da memória, especialmente a memória de infância, caracteriza a escrita de Luzia, como expressão da procura desse “eu” perdido:

*Saudade de um jardim, doce, inútil saudade, em que procuro encontrar, ainda, um pouco do que tive, um pouco do que fui. Mas a outros pertence, agora, a sombra das lindas árvores, a água que corre na fonte, o murmúrio do regato; outros descobrem, entre as folhas, o mistério das violetas, colhem a flor da magnólia, o fruto dos medronheiros... Do que fui, do que tive, nada resta. Passou o meu reflexo no lago. Eu passei no jardim...*¹⁸

Foi com as paisagens de infância, com os livros e com a saudade (“Em cada sala, em cada jardim, em cada rua, quase em cada canto, um doce motivo para sonhar, para lembrar, para ter saudades...”¹⁹) que Luzia criou um

¹⁶ *Consciência, Dialética e Ética em J.-P. Sartre*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 123.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ *Dias que já lá vão*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1946, p. 63.

¹⁹ *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa, Edições Europa, 1936, p. 27.

mundo próprio de esperança e de sonho ao longo da sua juventude, idealizando um mundo em que iria ser feliz:

*Devemos esperar, esperar sempre, por tudo o que é possível e ainda mais por tudo que é impossível; esperar pelo prodígio, pelo milagre, pela sorte grande, pela cura do incurável, pela volta que já passou, pela ressurreição do que já morreu; esperar contra toda a esperança...*²⁰

Um período importante da vida de Luzia foi também o passado no colégio das Salesas, onde Luzia e as suas companheiras idealizavam e sonhavam com o mundo exterior: “Vem-me uma saudade das Salesas. Ah! foi o melhor tempo! Ignorávamos o mal. Acreditávamos no bem. Pensávamos que a vida podia resumir-se nessas duas tão doces coisas: rezar e sonhar! Lembras-te?...”²¹.

Luzia, protegida no ambiente do convento, imersa nos seus contos de fadas e romances, sonha com um príncipe encantado, sonha casar, ter filhos, constituir família. A sua alma estava impregnada de sonhos, amor, esperança: “Sobre a minha saudade, que julgara eterna, sem remédio, já subtilmente pousavam as asas maravilhosas do sonho. E quem sonha, espera...”²².

Luzia esperou pela concretização do sonho, acreditou que tudo se iria concretizar, e lembra mais tarde:

*Volta a saudade a cruzar os caminhos do passado... Oh! minha alma, bate as tuas velhas asas, atravessa o oceano e o tempo, – oceano mais profundo ainda. Oh! minha alma, procura, entre as tuas mil lembranças, a de certo vestido, de cetim branco também que, numa distante festa da Madeira, cobriu o teu corpo fino... E sob os carvalhos deste parque de França, na limpidez desta manhã de Outono, revive a tarde de Maio, respira os mil perfumes da ilha jardim, embebeda-te de mocidade e de rosas... Ri, sê alegre ainda. Depressa minha alma, que o tempo foge...*²³

O sonho não se concretizou porque o casamento não foi feliz. A amargura, a solidão, o medo começaram a ser os seus companheiros diários, e,

²⁰ *Lições da vida*, Lisboa, Portugália, 1941, p. 7.

²¹ *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugália, 1923, p. 147.

²² *Última Rosa de Verão*, Lisboa, Portugália, 1940, p. 107.

²³ *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa, Edições Europa, 1936, p. 157.

mais uma vez, mergulhou no poço do tempo, sem fundo, viajou nas suas memórias, com a saudade, sua eterna companheira: “Ah! como a minha saudade – vagabunda incorrigível! – ainda me transporta a esse tempo das modas irreverentes, da mocidade sem cuidados, a tudo a que disse adeus, o adeus irreparável em que a vida se resume”²⁴.

A saudade é o único sentimento com que pode contar, ela é tudo o que conhece, Luzia chega inclusive a ter saudades até do que não foi: “Com que enternecida alma os percorri e, comigo, sempre comigo, a pena do que... podendo ser, não foi, a saudade duma ventura... perfeita, porque nunca a tive!”²⁵. Sentimento que exprimirá Pessoa, que também refere a saudade do que não conheceu: “Saudades! Tenho-as até do que me não foi nada, por uma angústia de fuga do tempo e uma doença do mistério da vida. Caras que via habitualmente nas minhas ruas habituais – se deixo de vê-las entristeço; e não me foram nada, a não ser o símbolo de toda a vida”²⁶.

Na solidão do Jardim do Mar, pensou que iria enlouquecer, mas mais uma vez o amor pela natureza foi a sua salvação. Todo o amor que tinha aprisionado em si, os sonhos reprimidos, na sua árida alma de sonhos desfeitos, foi entregue ao mar. Para os místicos, o mar simboliza o mundo e o coração humano, enquanto sede das paixões²⁷. E Luzia desenvolveu uma relação de amor pelo mar:

Passei a viver com o mar – foi ele o feiticeiro – e para o mar, ouvindo só a sua voz e, quer ela murmurasse docemente certa embaladora romance, suave canção das ondas mansas, quer rugisse numa fúria, atirando contra a terra, os doidos vagalhões, era sempre a mim que falava, era eu só que a entendia! Perdi o medo dos precipícios que ladeavam as veredinhas escorregadias, onde as pedras fugiam debaixo dos pés e, a cada passo, me arriscava a rolar com elas. Corria a rocha para conhecê-lo de todas as alturas, em todos os aspetos, queria adivinhar-lhe todos os segredos... Lembro-me que, uma vez, me levantei de noite para ir vê-lo do cemitério. Havia luar e uma grande paz silenciosa... invejei os mortos que, para sempre, ali dormiam, tão perto do seu coração!

²⁴ Dias que já lá vão, Porto, Livraria Tavares Martins, 1946, p. 206.

²⁵ Almas e terras onde eu passei, Lisboa, Edições Europa, 1936, p. 31.

²⁶ Fernando Pessoa, Livro do Desassossego, Composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, 3ª edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001, p. 418.

²⁷ Cf. Jean Chevalier, Alain Cheerbrant, Dicionário dos Símbolos, Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números, Lisboa, Teorema, 1994, pp. 439-440.

*Tudo lhe dei e tudo o mar me deu, até o que estava longe, o que ficava para trás,
no domínio da nostalgia!*

Em tardes serenas, veladas por um brando nevoeiro, a sua superfície lisa, estendendo-se indefinidamente, a confundir-se com o céu, restituía-me as longas planícies da minha querida província...

E se tinha saudades de Lisboa, ele fazia, do poente, sobre as ondas, um jardim de olaias, uma velha catedral, uma torre rendilhada...

E se desejava sedas, joias, flores – essas mil futilidades que amam as mulheres – logo me depunha aos pés, entre a franja do seu vestido, um colar de opalas, uma rosa de prata...

*Quantas, quantas razões tive para querer-te, e quanto te quis, mar bravo, mar manso, mar azul, verde, cinzento, mar que rugias, mar que choravas, mar que cantavas, mar do Jardim do Mar – Oh! meu tesoiro encontrado, oh! meu tesoiro perdido!*²⁸

Este trecho é uma revelação do que manteve Luzia viva, sem se deixar levar permanentemente pela loucura, no tempo em que vivia com o marido no Jardim do Mar. O mar foi a fuga e ao mesmo tempo a salvação. Mas este amor não era um amor qualquer, era um amor que vinha do mar, sobre as ondas de espuma. Um amor muito antigo, que reporta à origem da civilização ocidental, sobretudo greco-romana, tendo nascido Vénus da espuma do mar e aportando à terra sobre uma concha aberta, sendo a sua pérola humanizada numa esbelta e lindíssima “deusa”.

O valor das águas, o seu simbolismo, a relação com o nascimento, que acontece quando rebentam as águas maternas, da mesma forma que rebentaram as ondas cuja espuma aflora ao areal, é por demais evidente. Como escreve A. Ronnberg:

“Ecossistemas inteiros, intocados pela luz do sol, florescem no mar assim como as redes de experiência acumulada florescem na psique, enriquecendo as águas independentemente do nosso conhecimento acerca da sua existência. Nas veias mnemónicas de cada um de nós correm salgadas águas amnióticas”.²⁹

²⁸ *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa, Edições Europa, 1936, pp. 219-223.

²⁹ *O Livro dos Símbolos, Reflexões Sobre Imagens Arquetípicas*, s.l., Taschen, 2012, p. 36.

Bachelard salienta: “A água leva-nos. A água embala-nos. A água adormece-nos. A água devolve-nos a nossa mãe”³⁰. E foi ao mar que Luzia foi buscar a sua força, equilíbrio, onde mergulhou em estado de desesperança e de onde saiu renascida, “mergulha-se na água para renascer renovado”³¹.

Com o divórcio, Luzia tornou-se mais vagabunda que nunca, reiterando-o plenamente ao afirmar: “Desde que vim a este mundo, sou involuntariamente, aliás, uma vagabunda... Não gosto de mudar, não gosto de viajar. Mas caminho sempre!”³², procurando-se cada vez mais em tudo o que perdeu, porém nunca abandonando o sonho, que apesar de a ter desiludido, é o que a mantém viva, sempre como uma réstia de esperança no negro mundo, nos amargurados corações: “Doce, perigosa aproximação da primavera, quando a terra se renova, quando tudo dá flor... [Pelo que] nos envelhecidos, quase mortos corações, um querido sofrimento renova-se também, volta a doer uma adormecida dor, volta a sonhar-se o sonho que fez tanto mal... e fez tanto bem!”³³.

Apesar dos períodos tão dolorosos e negros por que passou, por muito que por vezes desejasse a morte, o seu coração nunca se toldou totalmente de negro, pois Luzia era uma sonhadora, e como sonhadora que era, tinha no coração sempre um fio de luminosidade, como elucida:

Todo o Hameau aquece, ao bom sol da luminosa manhã, os corpos cansados, as almas inquietas. Há solidões que nenhuma companhia admite, desalentos que consolação alguma atinge. Há manias, obsessões, tiques dum grotesco cruel, angústias, círculos de ferro, apertando o coração e a garganta, o inferno da ideia fixa... [...]

*Mas há também a doçura incomparável da convalescença, quando, na escuridão do cárcere, entra o primeiro raio de luz, abrem-se de novo os olhos ao encanto da terra, tudo é surpresa, descoberta; cada flor, cada frémito de folha contém um perfume, uma harmonia, a memória acorda, volta a saudade a cruzar os caminhos do passado, corre a esperança em busca dos bons dias que hão de vir... Fazem-se projetos, esboçam-se sonhos, idílios... E já a vida sabe a rosas, a vida sabe a mel!*³⁴

³⁰ *A Água e os Sonhos, Ensaio sobre a imaginação da matéria*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 136.

³¹ *Idem*, p. 151.

³² *Apud Evocação de Luzia, no 11º aniversário da sua morte*, Funchal.

³³ *Cartas d'uma vagabunda*, Lisboa, Portugalíia, s.d., p. 279.

³⁴ *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa, Edições Europa, 1936, pp. 153-154.

No despertar do cárcere, está sempre presente a saudade do que foi, tal como a escritora confessa: “sinto-me bem-disposta, dormi sem calmante e, em vez do habitual pesadelo, tive um delicioso sonho, onde de novo foi meu tudo o que já perdi”³⁵.

São eternas constantes no discurso de Luzia as saudades do que já passou e a vontade de reaver o perdido: “Fogem, fogem os dias, levam-nos talvez para dias melhores... Feliz quem pode viver de esperanças! Ah! por que tenho eu hoje tantas saudades, esta pena do que já passou?!”³⁶.

Recuperadas as energias, depois de dolorosa luta pela boa convalescença, a alma de vagabunda reacende-se com mais força em Luzia, quase como um desespero, uma ânsia, de voltar onde já esteve, numa tentativa desesperada de se reencontrar. Procura-se de terra em terra, lutando sempre com a sua alma, a sua vontade que quer ficar e ao mesmo tempo que a obriga a partir (“Partir, sempre partir! Oh! como estou cansada de dizer adeus, de ter saudades!”³⁷). Se está cansada de dizer adeus, de sentir saudades, ao mesmo tempo, não pode deixar de as sentir: “– Esteja onde estiver – seja embora em Paris, que é como quem diz o Paraíso – uma flor, um perfume, uma palavra, oh! qualquer pequenino nada, bastam para que a minha inquieta alma vá habitar a saudade do país onde não estou!”³⁸.

Percorria-a o terror de partir e ao mesmo tempo o terror de chegar, mas não podia resistir aos encantos de se reencontrar e se reconhecer nas paisagens que um dia reconhecera como suas: “Também eu chorei, mal surgiram, ante os meus olhos encantados, os sobreiros e as oliveiras da minha terra. Porque estou na minha terra, enfim! Cheguei com a primavera, quando tudo abotoa, tudo quer dar flor, e até as velhas árvores, os troncos carcomidos, se enfeitam de gorjeios e de folhas tenras...”³⁹.

Por isso, sente e saboreia o sofrimento da saudade, “Oh! esperem... Não me mandem já entrar... Não venham já receber-me... Deixem-me a sós com este mal... tão bom! Deixem-me ter saudades!”⁴⁰.

³⁵ *Idem*, p. 49.

³⁶ *Última Rosa de Verão*, Lisboa, Portugal, 1940, p. 303.

³⁷ *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 36.

³⁸ *Cartas d'uma vagabunda*, Lisboa, Portugal, s.d., p. 198.

³⁹ *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa, Edições Europa, 1936, p. 21.

⁴⁰ *Idem*, p. 229.

Não se encontrando a si própria nos lugares que vai frequentando, a alma de Luzia impele-a de novo a partir, por muito que deseje ficar, por muito exausta que esteja de, como um andarilho, caminhar de terra em terra, tem de novo de fazer as malas e procurar os seus sonhos, as suas esperanças, o seu “eu”, que um dia lhe pertenceu, mas que entretanto se perdeu.

O simbolismo da viagem, particularmente rico, resume-se no entanto na busca da verdade, da paz, da imortalidade, na procura e na descoberta dum centro espiritual⁴¹, porém, refere também que nunca será bem sucedida a viagem que é uma fuga de si mesmo.

Mas, já o meu humor vagabundo me leva para longe, outra vez. Onde estarei quando abrirem as beladonas? Donde evocará a minha saudade, o brando aroma das azáleas?

– Partir! Mudar! Ver sempre novos horizontes, novas terras! Ah! Como tu és feliz! Como nós te invejamos! – exclamam em coro, as minhas amigas.

E eu não ousou confessar-lhes quanto lhes invejo a doçura de ficar...⁴²

São inúmeros os exemplos que Luzia dá na sua obra, relativamente à ansia de partir, simultânea à ansia de ficar:

E eu tive o mal da Madeira: um estranho mal. Tu não sabes o que é. Só os madeirenses o conhecem. Horrível acesso de nostalgia, saudades, ânsia de outra coisa, desejo de partir, de mudar, de fugir a este excesso de cores e perfumes. Susana chama-lhe: o sangue do Zarco, do aventureiro, turbulento descobridor, a pular-nos nas veias.⁴³

Contudo, não era só da Madeira que Luzia ansiava fugir, em cada terra instalava-se a dualidade do querer ficar e do querer partir:

Estou triste, Maria. Vou partir mais uma vez. Tu dirás que incessantemente eu me queixei desta cidade de sangue e de desordem, de luxo e de miséria, de política e de parlapatices; que declarei ser meu único desejo deixá-la quanto antes, fugir para nunca mais voltar. Sim, declarei, senti tudo isso... As eternas contradições do coração humano! Bastou que me resolvesse a partir para que os meus olhos vissem Lisboa sob um outro aspeto e logo lhe descobrissem mil encantos, mil razões de querer-lhe mais e melhor...⁴⁴

⁴¹ Cf. *Dicionário dos Símbolos*, op. cit., p. 691.

⁴² *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 222.

⁴³ *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 186.

⁴⁴ *Idem*, p. 148.

Alma vagabunda a de Luzia, sempre em busca do amor, do seu mundo encantado de fadas, podia possuir tudo materialmente, mas apercebeu-se de que nada possuía, porquanto as suas viagens, o seu sofrimento, apenas realçaram nela a efemeridade da vida, e era isso que tentava agarrar com a sua escrita, a fragilidade de uma flor, as cores de um pôr-do-sol, a música dos regatos: “O passado é uma sombra apenas, nem eu já sei se o vivi! Da manhã de fadas e flores, desfaz-se em pó, em fumo, a saudade...”⁴⁵.

Apesar da sua incessante busca, das viagens de hotel em hotel, de livro em livro, de paisagem em paisagem, de memória em memória, tudo o que encontrou foi a profunda solidão. Solidão esta, por vezes imposta, mas grande parte das vezes cultivada.

Luzia sentia não pertencer ao seu tempo, nem a nenhum tempo, pertencia a uma dimensão diferente, dimensão essa onde vivem os poetas, os sonhadores, e os reinos encantados de fadas.

2.2 – A permanência da solidão no meio da multidão

*Temos um lindo tempo. Dias deslumbrantes. Dias que fazem mal. Dão o desejo, a ânsia da impossível felicidade. Pergunta a gente porque há tanta luz na terra quando os corações humanos andam quase sempre às escuras...*⁴⁶

A obra de Luzia revela a existência de um profundo drama íntimo. A escritora exprime vários sentimentos reveladores de um estado de alma perturbado, tal como o tédio, a solidão interior, a inquietação perante o enigma indecifrável do coração dos homens e do mundo: “Sinto em tudo que me rodeia, a profunda melancolia de uma despedida. Parecem-me lágrimas a cor-

⁴⁵ Última Rosa de Verão, Lisboa, Portugal, 1940, p. 221.

⁴⁶ Cartas do Campo e da Cidade, Lisboa, Portugal, 1923, p. 18.

rer das árvores, as folhas que caem... E se as árvores vivem, por que não hão de sofrer, por que não hão de chorar, como sofre, chora, tudo o que vive?”⁴⁷.

Aos olhos da sociedade, Luzia possuía tudo, era uma mulher rica, viadada, cosmopolita, inteligente e frequentadora dos mais altos círculos da sociedade. Porém, para Luzia, mulher de alma romântica e sonhadora, isso de pouco valia, já que dos sonhos e ilusões cultivados na juventude recolhe apenas, segundo o que escreve, amargura, desilusão e solidão. Utilizando a imagem das rosas do seu jardim, destruídas pelo mau tempo, Luzia retrata-se a si mesma: “Rosas em botão que o temporal destruiu, lembram-me as almas feridas em plena mocidade, as almas que morrem, quando iam dar flor...”⁴⁸.

As rosas, sempre tão presentes na vida e na obra de Luzia, simbolizam “a evanescência da inocência e da juventude”⁴⁹, mas acima de tudo, “as rosas significam amor, em todos os seus matizes terrestres e celestiais: aquilo ou aquele que amamos no presente; aquele que amamos e perdemos e o desejo de algo que não tem nome [...] e que nos acena ao mesmo tempo que nos escapa”⁵⁰, conforme *O Livro dos Símbolos*, dirigido por Ami Ronnberg.

De destacar também a figura de Vénus, já referida quando se mencionou a imagem da espuma do mar, e que volta a surgir de novo no contexto das rosas. Embora “a rosa seja associada a várias divindades masculinas, ela é predominantemente da Grande Deusa, evocando a sua sensualidade, a sua fertilidade e a sua régia paixão. Consagradas a Vénus (Afrodite), as rosas flutuam ao vento na mais famosa pintura de Botticelli, que representa a deusa nascendo do oceano”⁵¹.

Luzia demonstra nas suas confissões que realmente tudo o que gostaria era de viver eternamente com os sonhos e a inocência da juventude, sendo o que mais importa, o amor e a paz:

Nos caminhos verdes do parque do Hotel do Monte, pairava um silêncio impressionante a deixar ouvir a voz da solidão... Luzia disse baixinho para acordar o silêncio:

– Como será o Céu?

⁴⁷ *Última Rosa de Verão*, Lisboa, Portugal, 1940, p. 304.

⁴⁸ *Lições da vida*, Lisboa, Portugal, 1941, p. 15.

⁴⁹ *O Livro dos Símbolos*, op. cit., p. 162.

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ *Op. cit.*, p. 162.

Não tive resposta. Sentia em mim uma abstração da terra, de tudo... E Luzia continuou comovida:

*– Eu queria que o Céu fosse um jardim com canteiros de rosas, muitas rosas que não mais se desfolhassem...*⁵²

O amor evocado pelas rosas que aparecem tanto na vida, como na obra de Luzia, representa o amor que perseguiu toda a sua vida, aquele que amou e perdeu, tal como foi a idealização do seu casamento, e, principalmente, aquele amor que lhe acenou e ao mesmo tempo lhe escapou, devido a, segundo a autora, ter chegado demasiado tarde: “Deixa-me ir devagarinho, deixa-me habituar à luz. Pensa que, durante anos, vivi infeliz e só. Chegaste tarde: à hora em que as alegrias costumam despedir-se, é que tu chegaste, minha alegria maravilhosa! E não vi mais nada, não vi mais ninguém...”⁵³.

Luzia teve um vislumbre daquilo que ansiou toda a sua vida, do que idealizou, do que sonhou, mas tem a consciência de que apenas tocou ao de leve no seu sonho, um sonho que já não lhe era possível viver, segurar: “A vida, a ardente, intensa vida, quando eu já não devo viver. A felicidade – a grande, a doida, a absurda, a inverosímil – quando eu já não posso ser feliz. Ilusão de um raio de sol na escura noite...”⁵⁴.

Essa escura noite, em que há muito andava mergulhada, fazia parte da dualidade da sua alma. O lado negro, da escuridão, da solidão, e, por vezes, a referência aos raios de sol, à natureza caracterizam as suas cartas e textos.

A obra de Luzia cobre-se de diversos véus, que lhe vão conferindo várias tonalidades, das mais sombrias, às mais ensolaradas, e o leitor como que flutua, sem dificuldade, entre os diversos véus da obra inteira, absorvendo todos os graus de luminosidade, como se lá estivesse, dado a abertura e franqueza com que coloca o “eu” nos seus textos.

O que mais interessava a Luzia eram as coisas que aqueciam o coração, talvez por ter ficado sem elas desde tão nova, e nunca mais as ter encontrado. Desenvolveu, por isso, uma personalidade solitária e carente, “como ele faz falta na minha pobre, solitária vida onde toda a afeição, toda a simpatia é um raio de sol que me aquece”⁵⁵, ansiando por amizades genuínas, mas no meio

⁵² Feliciano Soares, *apud Evocação de Luzia, no 11º aniversário da sua morte*, Funchal.

⁵³ *Última Rosa de Verão*, Lisboa, Portugal, 1940, p. 24.

⁵⁴ *Idem*, p. 22.

⁵⁵ Feliciano Soares, *idem*, p. 55.

em que circulava, muitos a rodeavam apenas por interesse, tal como se irá abordar no próximo ponto sobre o ser/parecer da alta sociedade. É por este motivo que Luzia muitas vezes habita a solidão por opção, pois descobriu, ainda bastante jovem, o que era sentir-se só, no meio da multidão: “Relembro a angústia dos primeiros dias das Salesas, a sufocação que me davam as grades, tantas lágrimas choradas às escondidas, para que as outras não rissem de mim, o primeiro encontro com a solidão por entre gente – a pior solidão!”⁵⁶.

Foi nesta solidão, a pior das solidões, que Luzia viveu grande parte da sua vida, o que a levou a cultivar o gosto de viver no isolamento. Enclausurava-se propositadamente e deliciava-se com a sua solidão. Porém, deu-se conta que a solidão ora pode ser doce, ora muito rapidamente se torna amarga:

*A minha orgulhosa solidão conhece essas horas de ansiedade pelo tom de uma voz amiga, que quebra o silêncio, quase tão profundo como deve ser o da morte. Ai de mim, ai de todos nós! Tudo na terra contém o seu perfume de doçura e o seu travo de amargura. A solidão pode ser um tesouro e pode ser um deserto, sem oásis, onde morra de sede a alma. Dantes, quando trabalhava, quando, sem cansaço e sem esforço passava horas – dias inteiros! – a ler, a solidão era para mim o tesouro e nem supunha, nem admitia a possibilidade dela se tornar o deserto, sem oásis, onde morresse de sede a minha alma!*⁵⁷

Luzia tenta criar por várias vezes a ilusão de que não está só, através das viagens pelo mundo, pelos hotéis, pelo que conhece, e procura, como já foi referido, um contacto com ela própria, com a saudade, com aquilo que já foi seu, mas, no fundo, tem consciência do carácter ilusório da sua procura, como se pode constatar: “Mais tarde, na amarga vida, quando fazia as malas, para mudar de solidão, os olhos enchiam-se-me de lágrimas, lembrando-me do carinho que protegera a minha primeira viagem”⁵⁸.

Verifica-se uma consciência amarga, já que apenas muda de tipo de solidão, lembrando-se ou imaginando uma época distante, Luzia procura apenas a ilusão de casa, que nunca mais encontrou em parte alguma, “[...] recolheu todos os objetos, livros, retratos, bibelots, que andam sempre comigo, dão à

⁵⁶ *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa, Edições Europa, 1936, p. 218.

⁵⁷ “Três Inéditos de Luzia”, *Das Artes e da História da Madeira*, Revista de Cultura da Sociedade de Concertos da Madeira, Luís Peter Clode (direção), v. 5, n.º 25, 1957, p. 12.

⁵⁸ *Última Rosa de Verão*, Lisboa, Portugalá, 1940, p. 78.

minha solitária vida um doce engano de companhia, aos banais quartos de passagem, uma doce ilusão de casa...”⁵⁹.

Esta solidão viaja de mãos dadas com a saudade, e ambas começam a pesar demais em Luzia, já maltratada por todos os acontecimentos trágicos da sua vida, a escritora começa a perder as forças, para as pesadas nuvens negras, e mergulha num estado em que as saudades já não lhe bastam:

É que, em dia de Natal, lembranças e saudades não bastam. E não basta a companhia dos mortos, o silêncio que fala pelos olhos dos retratos. Volta-se o coração irresistivelmente para tudo o que vive, da humana, efêmera vida. Precisa-se de uma companhia tangível, duma voz que oiça e responda à nossa voz. Em dia de Natal, não se pode, oh! não se pode, amar a solidão!

*Entretanto eu estive, eu estou só, porque assim o quis, assim o escolhi.*⁶⁰

Solidão escolhida, mas que já não suporta: “E após ter escolhido a solidão, como o supremo bem, já não posso, não quero estar só!”⁶¹.

Em determinados períodos, a dor é tal, que Luzia chega a desejar a morte: “Hoje o nevoeiro voltou, a odalisca encolhe-se, tiritando de frio, a humidade penetra até à alma. Sinto-me triste, triste e é a morte que eu desejo outra vez. A morte em que descansarei enfim... Suave amada que traz as mãos cheias de papoilas, a flor do esquecimento”⁶².

Luzia não quer mais lutar, perdeu todas as ilusões, vê a morte em todo o lado: “Ah! Maria, como a vida anda cheia de morte! Vamos sempre, entre agonias, a caminho do cemitério. Cada dia enterramos uma ilusão. Cada dia vemos morrer e um pouco de nós morre também... Estou triste. Porquê, não sei... Tristeza vaga, sem causa, que é muitas vezes a pior”⁶³.

Sem esperanças e ilusões, pouco lhe resta, nem sequer “uma esperança, uma razão de continuar o caminho. Eu sigo-o não sei porquê, nem para quê... Ficam-me para trás – tanto para trás! – sonhos e ilusões, luxo vão com que se enfeita a vã mocidade. Adiante só avisto doença, solidão, morte...”⁶⁴. Luzia antevê a velhice, sente que falhou em algo na sua vida, não acha possível ser feliz:

⁵⁹ *Cartas d'uma vagabunda*, Lisboa, Portugal, s.d., p. 308.

⁶⁰ *Idem*, p. 252.

⁶¹ *Última Rosa de Verão*, Lisboa, Portugal, 1940, p. 308.

⁶² *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 75.

⁶³ *Idem*, p. 171.

⁶⁴ *Idem*, p. 18.

*Já não se é nova e não se é velha ainda, como naquela hora em que o dia se despede, já se não vê e ainda não está escuro. A claridade teima em lutar com as trevas que lentamente a invadem. Em cada instante foge um pouco de luz. Cada instante rouba-nos um pouco de encanto... Encanto físico, encanto moral. Beleza, graça, elegância... tudo se estraga, tudo se fana. Até a sensibilidade, até o coração! Há velhos felizes?! Talvez os que têm filhos e tornam a viver neles e por eles, com mais doçura ainda.*⁶⁵

A escritora nunca concretizou o sonho de ter filhos, de constituir família, sendo essa uma das suas maiores amarguras, restando-lhe apenas como companhia os mortos e as lembranças:

*Sim, a vida toda faz-me companhia... Lembranças e saudades estendem-me os misericordiosos braços, cantam-me aquela doce canção do velho tempo, embaladora de mágoas. Nos retratos dos meus mortos, tantos já, quase todos os que me quiseram bem, parecem acordar os olhos, humedecidos de ternura, a seguir-me, a envolver-me... E dizem os olhos dos meus mortos: – O melhor de nós mesmo não morreu, está contigo...*⁶⁶

Por vezes, na comunhão da tristeza e de outras solidões, encontrou bálsamos para a alma, como no período em que voluntariamente auxiliou os soldados da guerra. A sua vontade de viver de novo despontou. A experiência com os soldados deu-lhe uma outra perspetiva da vida:

*Inverno de 1916, frio inverno de guerra. O parque do Hameau amanhecera coberto de neve. Um desalento, mais pesado e mais fundo, apoderara-se de cada coração. Lágrimas assomavam aos olhos. Ninguém ousava dizer boas festas. O pensamento estava longe, com os que se batiam sobre a neve. E, entretanto, eu não experimentava este sentimento de abandono e solidão que hoje me punge. Achava-me em casa, em família, entre os doentes do Hameau e depois, naquele hospital de tuberculosos de guerra, Noulibos, onde, para distrair os soldados, organizáramos uma árvore. É que a falsa alegria, o vão divertimento do mundo, afastam, separam as almas e, na tristeza, há uma comunhão profunda em que as mais distantes podem sentir-se irmãs...*⁶⁷

Seguindo a mesma ordem de ideias, observa a empatia estabelecida confessando que “instintivamente aproximávamo-nos, como se das nossas duas

⁶⁵ *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 124.

⁶⁶ *Cartas d'uma vagabunda*, Lisboa, Portugal, s.d., p. 251.

⁶⁷ *Idem*, p. 256.

solidões, pudéssemos fazer uma companhia, e da comunhão das nossas lembranças, uma realidade”⁶⁸. Constatação, aliás, sintomática dessa nova percepção, equilíbrio e perspetiva.

Luzia ganhou de novo alento, mas jamais se separou da dor, da solidão, das saudades, do sofrimento, o tecido da sua alma já era entretecido por tais sentimentos, a ponto de existirem dores das quais nem desejava separar-se: “Há dores de que desejaríamos não nos separar jamais, dores que, ao perderem-se, deixam a alma em maior, mais profundo isolamento”⁶⁹. Assumindo uma atitude saudosista e decadentista que se aproxima da poesia de António Nobre, que conhece e chega mesmo a citar em *Cartas do Campo e da Cidade* referindo: “E, para quantos a vida é isto: longa estrada da desesperança! «Ai! Dos que neste mundo ainda esperam!» disse o mais triste, o mais português dos nossos poetas. Mas, não é verdade António Nobre, não é. Felizes os que esperam! Guarda cuidadosamente a tua esperança. Não a deixes morrer ainda que tenhas de regá-la, às vezes, com as lágrimas da saudade”⁷⁰.

A escritora tem o coração dividido, ama a beleza, a energia criadora dos raios de sol, mas ama também a escuridão, a solidão. Vive com este antagonismo, sofre com ele, mas não pode viver sem ele. Mostra assim com a atração pela escuridão, o seu lado romântico, pois como explica Franklin Baumer, em “oposição ao mundo de Newton, cheio de luz, os românticos ofereciam o seu mundo noturno. A noite, em contraste com o dia ou a luz, significava aquilo que «exaltava as pesadas asas da alma» e as levava para além do mundo espaço-temporal em direção às regiões infinitas”⁷¹.

Como se pode ler no *Livro dos Símbolos*, a “escuridão é mais simplesmente definida como a ausência de luz, e a nossa experiência de uma pode, inicialmente, formar-se como o reverso da nossa experiência da outra. Pensamos na luz, por exemplo, como algo que esclarece e caracteriza. O mundo caracteriza-se ao romper do dia. A escuridão, por outro lado, como nos recorda Rilke, absorve e reúne muitos num só:

Mas a escuridão detém tudo:

⁶⁸ *Última Rosa de Verão*, Lisboa, Portugal, 1940, p. 111.

⁶⁹ *Lições da vida*, Lisboa, Portugal, 1941, p. 70.

⁷⁰ *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 18.

⁷¹ Franklin L. Baumer, *O Pensamento Europeu Moderno, Volume II, Séculos XIX e XX*, Lisboa, Edições 70, 1990, p. 26.

*Formas e fogos, animais e eu próprio,
Quão facilmente os junta!*⁷².

Conscientemente, Luzia mergulha muitas vezes na escuridão e sabe que ela oculta valiosos tesouros, suportando assim o seu envolvimento, “neste processo, a escuridão tornar-se-á a misteriosa e familiar fonte de transformação e inspiração, crescimento lenitivo a que, gratamente, regressamos”⁷³.

Luzia serve-se dela, e regressa a ela de bom grado, mas, por vezes, passa tanto tempo na escuridão, que, quando quer voltar à luz, não consegue, é engolida por uma força superior a si própria, as energias esgotam-se, e chega a deambular na linha entre a sanidade e a loucura, já só sente a dor sem prazer, já só pensa “tristemente em tudo o que morre para não reflorir nunca mais...”⁷⁴, e sentindo que está a entrar numa espiral cada vez mais descendente, apela a uma força superior, revelando que: “Deus é aquela voz que fala à tua dor, quando todas as vozes se calaram”⁷⁵.

2.3 – Ser/Parecer da alta sociedade

*Por amor da beleza da terra perdoo a fealdade do coração dos homens –
pode sempre acrescentar mulheres, que, entre os dois...*⁷⁶

Aliada à sua extrema sensibilidade e às vivências da saudade, solidão e dor, há uma nota particular na personalidade de Luzia que não pode deixar de ser salientada: a sua irreverência, que pincela de ironia e sátira toda a obra. Um tom mordaz, um sorriso dissimulado espicaça o leitor, leva-o a refletir, e a rever-se em muitas das personagens, à semelhança da escrita de Eça de

⁷² *O Livro dos Símbolos*, op. cit., p. 100.

⁷³ *Idem*, p. 102.

⁷⁴ *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 7.

⁷⁵ *Lições da vida*, Lisboa, Portugal, 1941, p. 7.

⁷⁶ *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 13.

Queirós, que se volta sempre para toda a sociedade, com um “olhar agudo”⁷⁷, como refere Massaud Moisés.

Irreverência adquirida, muito provavelmente, como já foi mencionado, quando endiabrada e livre corria pelos montes da Quinta do Alentejo, com a sua amiga Gina, companheira das mais disparatadas e divertidas folias. E, tal como conta Luzia, foi nessa altura que descobriu Cervantes, o seu primeiro grande amor literário, e vestia-lhe a pele nas suas brincadeiras com Gina. Luzia representava Quixote e Gina mascarava-se de Sancho. As aventuras de Quixote foram lidas e relidas dezenas de vezes, e Luzia, ao longo da sua vida, manteve vivo este traço da sua personalidade, nunca deixando de ser a menina endiabrada que corria pela Quinta, imaginando-se D. Quixote, o cavaleiro digno e nobre, idealista, que tentava endireitar o que estava errado.

O espírito irreverente marca o tom de muitas passagens da sua obra, como quando refere: “O que mais me desagrada – revolta, ia eu dizer – na parte do género humano a que, convencionalmente, se chama sociedade, é o espírito de... rebanho. Ninguém pensa pela sua cabeça, ninguém vê pelos seus olhos. Como os carneiros, o que um faz, todos fazem, para onde vai um, todos vão”⁷⁸.

Tal é ainda mais visível na chamada alta sociedade, na qual tudo é construído sobre aparências, por baixo daquele manto colorido, e do alarido dos salões literários, nos quais se discutem arte e literatura, nada existe a não ser uma amarga sombra vazia:

*Como um terrível libelo acusador vinham-me à lembrança outras reuniões intelectuais. De todas saíra com a mesma impressão de cansaço e tédio, em todas, qualquer coisa de postiço e convencional, me chocara, em todas me sentira estranha, sem ter nada que dizer, ou, o que é muito mais grave ainda, com um louco desejo de dizer irreverências, atacar glórias consagradas... Entretanto eu julgo amar a literatura com o melhor do meu espírito, o melhor da minha alma!*⁷⁹

⁷⁷ *As Estéticas Literárias em Portugal, Volume II, Séculos XVIII e XIX*, Lisboa, Caminho, 2000, p. 320.

⁷⁸ *Lições da vida*, Lisboa, Portugalíia, 1941, p. 38.

⁷⁹ *Cartas d'uma vagabunda*, Lisboa, Portugalíia, s.d., p. 275.

Luzia, grande parte das vezes não suportava o mundo que se via obrigada a frequentar. A sua sensibilidade era, de certa forma, doentia, pois frequentemente se isolava, recusando-se a receber, porque o menor ruído, uma fala mais alta, uma claridade mais forte, tudo cansava o seu espírito. E nem sempre estava disposta a participar das paradas de elegância que o seu meio social exigia:

*O jantar foi deslumbrante de luxo e de uma louca animação. Bebeu-se só Champagne. Orquídeas magníficas enfeitavam a mesa. Mas por que estava eu tão triste, por que desaparecera tão depressa o meu prazer? O Champagne, que punha um brilho de febre nos olhos das raparigas, provocava-me a habitual enxaqueca. Todos riam. Eu queria fugir, esconder-me num canto escuro, solitário, onde contentasse o meu desejo de chorar... Se me perguntassem porquê, não saberia responder. Há lágrimas que não dizem as suas razões. E são as mais cruéis, as mais imperiosas, lágrimas que adivinham, talvez...*⁸⁰

A escritora circulava numa sociedade de aparências, e sabia-o talvez melhor que ninguém, e isso magoava a sua alma delicada e consciente. Luzia sentia uma imensa responsabilidade de viver, que não via na maior parte das mulheres à sua volta:

*Há eternas futilidades, mulheres que entram na velhice sem, durante um só momento, terem pensado que tremenda responsabilidade é viver! Nunca sentiram quanto pode pesar uma alma, nunca procuraram saber donde vêm, para onde vão. Nunca lhes doeu a sua inutilidade. Como os pássaros, cantam e voam até morrer... De vez em quando, apraz-me ou, pelo menos, diverte-me, encontrá-las no meu caminho. Fazem-me o efeito duma nota de zarzuela, quebrando a gravidade triste duma marcha fúnebre.*⁸¹

É com a escrita que Luzia, qual Quixote justiceiro, encontra uma forma de denunciar o meio que habita, fazendo uso da comédia, ridicularizando as vicissitudes, vícios e hábitos da alta sociedade, deixando um sabor amargo em muitos dos que a leem. Não se pode, porém, deixar de salientar que “mesmo o que se apresenta com aspeto jocoso de comédia, encerra muitas vezes lances dolorosos, ocultos, de dramas da vida interior”, como escreve Feliciano Soares⁸².

⁸⁰ *Última Rosa de Verão*, Lisboa, Portugal, 1940, p. 134.

⁸¹ *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa, Edições Europa, 1936, p. 105.

⁸² Feliciano Soares, *op. cit.*, p. 31.

São várias as temáticas sociais apontadas por Luzia. A condição da mulher é um alvo muito recorrente na paródia da escritora, desde o querer sempre esconder a idade, às futilidades relacionadas com modas, vestidos; a inveja das outras mulheres, principalmente das amigas íntimas, de quem desejam receber as mais recentes bisbilhotices para poder divulgar, e a arte de enganar. Para além da mulher, aparecem na obra de forma irónica os novos-ricos, o mundo snobe, os intelectuais, os casamentos arranjados, a moda da caridade, entre muitas outras temáticas.

Veja-se um diálogo entre mulheres que Luzia usa para retratar a hipocrisia social:

Joana – Já reparaste no vestido da Anita?

Teresa – Ora se reparei! “Signé Patou”, minha filha. Para aí três mil francos... e pico!

Joana – Mas ela não tem “chic” nenhum...

Teresa – O Visconde não é dessa opinião. Ainda não lhe tirou os olhos de cima...

Joana – Chega a fazer mal aos nervos...

Teresa – Faz, faz uma certa comichão nos nervos... Eu já lhe disse que ela tem uma doença de pele na perna direita...

Joana (ansiosa) – E então?

Teresa – Tenho as minhas desconfianças que não pegou.

[...]

Teresa (para Anita, que se conservou um pouco aparte, sempre acanhada e “gauche”) – Quer que a sirva, minha joia?

Ouve-se um grito. Todos se precipitam, de xícara na mão. Foi Teresa que entornou o chá sobre o vestido da condessinha.

Visconde (ar consternado, inconsolável, de quem assiste a uma catástrofe nacional) – “Quel dommage!”

Prima Amélia emerge dum prato de bolos e declara, com a boca cheia: – Se não tem açúcar, não põe nódoa...

Teresa desfaz-se em desculpas.

Madame Carneiro exclama: – Um desgosto assim tão inesperado!

Joana explica: – É nervoso. Tem dias em que atira com tudo ao chão...

E as senhoras, contentíssimas no fundo, – toda a mulher odeia o vestido de outra mulher; não vem na sabedoria das Nações, mas é uma coisa mais do que provada – rodeiam a condessinha, num murmúrio de simpatia e pena.⁸³

⁸³ Os que se divertem, *A comédia da vida*, 3^a edição aumentada e com ilustrações de Bernardo Marques, Lisboa, s.e., 1929, pp. 17-18.

Este é um claro exemplo do meio no qual Luzia circulava, e de como a escritora tão bem exemplifica a cobiça, sempre centrada nas aparências, expondo, com um toque de humor, o que se passava nos “chás” entre amigas íntimas, capturando a psicologia feminina.

Como refere Gilberto Freyre, a forma de vestir também denunciava poder, visto que:

*o modo de as mulheres casadas se apresentarem em público constitui um dos meios dos seus maridos se afirmarem prósperos [...], ou socioeconomicamente bem situados. Sendo assim, é preciso que os vestidos de esposas ou de filhas variem, de menos a mais exuberantemente caros, e adornados como expressão, quer da constância de status alto dos maridos e pais, quer como expressão de aumento de prosperidade ou de ascensões socioeconómicas ou políticas ou na ocupação de cargos ilustres dos mesmos maridos ou pais.*⁸⁴

Luzia tinha noção que essa era a sociedade em que estava inserida, e que por muito que lhe desagradasse, era nela que tinha de viver, verificando como “para a vida íntima, a vida de família, a *toilette* pouco contava, mas infelizmente na sociedade, tinha uma importância capital. – Antes de te verem, vêm o teu vestido. Por ele avaliam donde vens, o que sentes, o que podes. – Eu protestava, indignada: – A mulher é que faz valer o vestido, não é o vestido que faz valer a mulher”⁸⁵.

Tendo esta opinião, satirizava cáustica esse mundo de aparências, chegando a retratar uma viúva, em que a maçada maior que sentia por ter perdido o marido era não poder usar, nos próximos tempos, o vestido vermelho, de última moda, que tinha mandado fazer em Paris, como se pode ler em *Rindo e Chorando*. Há também na sua obra, outras descrições caricatas de funerais, desde as bisbilhotices entre amigas, às “obrigações” da sociedade, que impedem as pessoas de estarem presentes no funeral de um amigo íntimo. Tal pode ser melhor percecionado, com a leitura do seguinte excerto, referente a um funeral:

(Entram madame Santos e Mariquinhas. Mariquinhas sobraça um enorme molho de lilases).

Joana – Ena pá! Aquele é que leva a palma a todos!...

⁸⁴ *Modos de homem & modas de mulher*, Rio de Janeiro, Record, 1986, p. 31.

⁸⁵ *Última Rosa de Verão*, Lisboa, Portugalá, 1940, p. 133.

Maria da Luz – Que admiração! Se eu tivesse a fortuna do Papá Santos até trazia uma árvore...

Maria do Céu – Com raízes e tudo...

Joana – Um pinheiro d'oiro...

Maria da Luz – Com pinhas de brilhantes...

[...] [agora relativamente a Gonçalo, que vai jogar bridge, em vez de comparecer no funeral da amiga]

Maria da Luz – Nesse ponto desculpo-o... O pobre Gonçalo tinha mandado dizer que não ia... Mas faltaram os parceiros... A Teresa insistiu...

Maria do Céu – Realmente quem anda na sociedade tem obrigações...

*Maria da Luz – Por uma pessoa morrer não se há de desmanchar uma partida...*⁸⁶

Luzia retrata de forma acutilante o meio que a envolve, e tal como referido acima, apesar do tom jocoso que usa, percebe-se uma certa amargura de ter de viver no meio de uma sociedade tão vazia de princípios, em que o parecer é mais importante que o ser.

Descreve de forma magistral como é que o snobismo transforma as pessoas, e confessa que também ela, por vezes, faz parte desse meio que retrata e satiriza:

Por ventura, nasceste sincero. Contudo o snobismo condena-te a uma eterna mentira. Deves mostrar-te encantado pelo livro de que nem uma folha abriste, falar de músicos, que sempre te foram incompreensíveis, com os olhos em alvo, a boca em ponto de exclamação: Oh! Wagner! Oh! Bravel – declarar-te íntimo de pessoas que não conheces, frequentador assíduo de casas onde nunca entraste... E não têm conta os teus sacrifícios, os teus sustos!

Quantas humilhações, quantas sabujices, para conseguires que um... tal, te estenda as pontas dos dedos! Quantos pretextos, subterfúgios e transes mortais, para escapares à companhia do parente, considerado... gebo, que te teima em descer contigo o Chiado!

Bem entendido, eu menciono apenas os sintomas mais flagrantes desta horrível... doença.

*Outros existem, porém, escondidos ou que julgamos escondidos, no segredo dos corações e, quer tu queiras, quer... “eu” queira, quer não, todos somos escravos, “snobs”, de alguma coisa, de alguém...*⁸⁷

⁸⁶ Rindo e Chorando, Lisboa, Portugal, 1922, pp. 60-61.

⁸⁷ Lições da vida, Lisboa, Portugal, 1941, p. 95.

Para expor de forma mais clara esta ideia, incluem-se mais dois excertos demonstrativos e representativos da intelectualidade presente na grande maioria da alta sociedade. No primeiro excerto, Luzia descreve uma parte do dia de uma mulher rica e com muitos títulos, num capítulo chamado “A escrava do *chic*”, não tendo esta mulher nunca tempo para si, em virtude dos vários compromissos sociais em que tinha de participar ao longo do dia,

– Maria, depressa. Aquele livro que veio há dias e eu nunca abri. Depressa... Dê cá... Não... Abra-o você... E, entretanto, dê-me a lima para arranjar as unhas, que não posso perder tempo... Já abriu, Maria? Está bem... Deita a lima no chão. Tem um sapato calçado, outro na ponta do pé. Lê o título. Lê uma frase em cada capítulo. Lê o fim. Recolhe-se. E numa doce voz – a voz que ele chama de cetim “liberty”. Cetim “liberty”! Tem tanta originalidade! Outro qualquer diria cetim sem mais nada – murmura: Que deliciosa sensação de arte eu lhe de devo, Armando! Como me senti bem, a sós com o seu livro, no jardim, sob as mimosas em flor! Que poder de análise, que psicologia a sua! Como conhece bem as mulheres! A cada página, eu exclamava: Mas é a Joana, mas é a Carlota... E depois, a nota elegante! Despe-nos a alma e veste-nos o corpo com igual mestria... Eis o que não é fácil, meu amigo.⁸⁸

O segundo excerto diz respeito a determinados conselhos que Luzia transmite a uma amiga, sempre sob o manto da fina ironia, sobre as atitudes que deve ter perante a arte, os livros e a música, para ser aceite e respeitada no meio da alta sociedade, esse meio de aparências:

Sobre livro, música ou quadro, que entendas à primeira, exclama, com a careta mais feia que fores capaz de fazer: – Horror!
Sobre livro, música ou quadro que entendas à segunda, com trejeito enfadado ainda, declara: – Banalidade!
Sobre livro, música ou quadro que após horas de concentrada meditação, de esforço tremendo, as fontes latejando, suores frios humedecendo-te a testa, consigues enfim decifrar, resmunga: – Mediocridade!
Porém, daquele que ficou sempre para ti latim, decreta, sem hesitação: – Obra-prima! – E logo todo o cenáculo reconhecerá, na tua pessoa, afinidades, parentescos espirituais...⁸⁹

⁸⁸ Os que se divertem, *A comédia da vida*, 3^a edição aumentada e com ilustrações de Bernardo Marques, Lisboa, s.e., 1929, pp. 54-55.

⁸⁹ *Cartas d'uma vagabunda*, Lisboa, Portugal, s.d., pp. 37-38.

A escritora usa também a ironia para denunciar os vários eventos que são feitos em nome da caridade no seu meio social, pois a caridade não é o objetivo maior de tais acontecimentos, mas sim ver quem organiza o acontecimento com maior impacto, quem se veste melhor nessas ocorrências, quem maioritariamente contribui. Resumindo, é mais uma atividade alicerçada nos pilares da aparência. Observe-se o exemplo: “Teresa vai promover uma récita de caridade para um asilo de surdos. Surdos, mudos ou gagos é o que menos lhe importa... Promove a récita, única e simplesmente, porque a Joana, sem lhe dizer nada, arranjou um benefício no Politeama e teve um sucesso doido, representando a *Dama das Camélias*, com o visconde no papel de Armand Duval”⁹⁰.

Outro tema também recorrente é o dos novos-ricos, classe que Luzia abomina, devido à sua ostentação e mesquinhez, o desprezo pela vida (alheia), e a quem frequentemente satiriza: “D. Belmira (ao *chauffeur*) – À rua da Palma. E vá depressa. Se atropelar alguém, paga-se...”⁹¹.

Por fim, a análise deve versar um dos pecados sociais retratados por Luzia, referente à bisbilhotice, por esta ser talvez a mais referida ao longo da obra, e por ser um dos traços que a escritora assinala como intrinsecamente ligado à alta sociedade, fazendo notar a sua distribuição generalizada porquanto: “[...] foi-nos administrada a primeira dose de bisbilhotices que, de norte a sul do país, fazem as delícias da mais alta e seleta camada social”⁹².

“Bisbilhotices” que eram proporcionalmente mais valiosas consoante o grau de intimidade e de notoriedade da pessoa a que dissessem respeito: “A cidade que me encanta, nem de leve interessa à minha amiga, [...] Muito mais do que ver florir um jacarandá, aprez-lhe ver despontar uma bisbilhotice mazinha, sobretudo se tiver por objeto alguma amiga íntima...”⁹³.

Luzia, sem marido, filhos, família, vê-se rodeada destes amigos, presa numa rede social, que sabe, no fundo, não lhe proporcionar nenhum suporte. Muito poucos eram aqueles em quem podia de facto confiar, já que no meio em que estava inserida era praticamente impossível ser-se genuíno. Tinha de se pensar muito bem nas atitudes, nos desabafos, correndo-se o risco de

⁹⁰ *Rindo e Chorando*, Lisboa, Portugaláia, 1922, p. 137.

⁹¹ *Os que se divertem, A comédia da vida*, 3^a edição aumentada e com ilustrações de Bernardo Marques, Lisboa, s.e., 1929, p. 225.

⁹² *Última Rosa de Verão*, Lisboa, Portugaláia, 1940, p. 264.

⁹³ *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa, Edições Europa, 1936, p. 118.

se espalhar pela cidade o acontecimento ou sentimento que era suposto ter sido guardado na intimidade. Outro exemplo para ilustrar esta corda bamba em que se movimentavam as pessoas da alta sociedade pode verificar-se no trecho carregado de humor, em que três amigas (uma das quais a narradora) vão à bruxa, com esperanças de verem resolvidos vários infortúnios das suas vidas. Constate-se nesta passagem a hipocrisia, o medo e a desconfiança instaurados nos relacionamentos:

[...] Enfim: eu estava morrendo por comprar a cabeça de víbora... Mas surpreendi um sorrisinho nos lábios finos de Mariana. E uma malícia passou também no olhar de Ritinha. Diante delas... Para toda a Lisboa saber amanhã... [...]

E eu afirmei também que madame Saida jamais me impingiria a cabeça de víbora, benzida pelo sacristão torto.

Mas, esta manhã, quando tornei a subir a escada do Poço do Borratem, para adquirir, às escondidas das minhas amigas, o precioso talismã, esbarrei com Ritinha, que descia, airosa e leve, segurando o seu embrulhinho de pomada milagrosa; e mal tínhamos começado uma difícil e emaranhada explicação, avisamos Mariana que, deitando os bofes pela boca, corria também a encomendar os maravilhosos trabalhos para a felicidade.⁹⁴

Nestes trechos, a bisbilhotice é caracterizada como o rumor que difama, a “bisbilhotice enquanto rumor, especialmente do tipo sensacional, alimenta-se da inveja e da insinuação para difamar o carácter e arruinar vidas”⁹⁵. Tal é o que se tem observado ao longo destes exemplos, em que a presença da inveja na alta sociedade representa a ruína dos conhecidos e dos bem-sucedidos. O que vem demonstrar a oposição entre o ser/parecer deste meio social, temática cara aos realistas como Eça de Queirós. As personagens desejam, aparentam ser e ter uma realidade, que nunca serão ou possuirão.

E Luzia, com o seu acutilante poder de observação, capta a sociedade e descreve-a muito bem na sua obra, sabe que essa é a realidade em que se movimenta, e ela mesma vive um antagonismo semelhante, pois amaldiçoa esses factos, essas ocorrências, mas reconhecendo que, por vezes, não consegue evitar participar da mesma realidade que critica, discernindo neles “dias [que] passaram, inúteis...”, lamenta: “Cansei-me. Provei vestidos. Comprei

⁹⁴ *Os que se divertem, A comédia da vida*, 3^a edição aumentada e com ilustrações de Bernardo Marques, Lisboa, s.e., 1929, pp. 172-173.

⁹⁵ *O Livro dos Símbolos, Reflexões Sobre Imagens Arquétipas*, op. cit., p. 482.

um chapéu. Tratei as mãos, queimadas, estragadas pelo sol da minha terra. Ondeei o cabelo. Perdi dinheiro ao *bridge*. Disse e ouvi tolices. Disse e ouvi mentiras. Bem vês, já retomei todos os meus hábitos de civilizada”⁹⁶. Como que sentindo-se, prisioneira do esplendor da alta sociedade, Luzia ao mesmo tempo que lhe pertence, abomina-a. Proferindo,

*Antes mil vezes antes, a solidão de Pau do que esta solidão por entre gentes que invade a minha vida, altera os meus hábitos, vem visitar-me à hora em que costume jantar, e fica até às nove, muitas vezes até às nove e meia, falando de coisas que não me interessam, potins duma sociedade que se julga civilizada e é apenas uma paródia da civilização, em que todos disputam os lugares mais honrosos e todos se rasgam entre si... [Pois já se] tinha esquecido de tanta má-língua, de tanta intriga, da inconsciência e inconsistência das opiniões, das pseudoamizades – porque amizades a valer não existem, creio eu [...]*⁹⁷

⁹⁶ *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 74

⁹⁷ *Apud Evocação de Luzia, no 11º aniversário da sua morte*, Funchal.

Capítulo 3

O reino encantado de Luzia

3.1 – As paisagens dos seus reinos mágicos

*Foram amáveis as fadas que presidiram à minha vinda ao mundo, que me deram uma alma tão fácil, e através de tanto sofrimento me conduziram a esta paz serena, com que atravesso, como se atravessa um bonito jardim em que as flores têm espinhos mas tanta beleza também, a vida misteriosa, a vida cheia de imprevisto.*¹

Luzia conduz os leitores a testemunhar as suas experiências, de forma descritiva, a mergulhar nas suas memórias, que são, também, a criação de um outro mundo, de alguém que se (re)constrói. A singeleza das expressões e das experiências respiram, contudo, um tumulto desejoso de liberdade.

Esse outro mundo encontra-se presente na sua obra de tal forma que se entrelaça com a realidade que descreve. Os seus livros abordam as mais diversas temáticas, desde a sátira social, literatura, política, todos os acontecimentos do meio envolvente exterior, os eventos mais interiores do ser humano, os sentimentos, sonhos, ilusões, paixões, memória, são porém pontuados de

¹ *Apud Evocação de Luzia, no 11º aniversário da sua morte, Funchal.*

pequenas portas que se abrem para um reino mágico, encantado, habitado por seres de um outro mundo, e onde todo o leitor é convidado a entrar.

As ilusões desfeitas, as vicissitudes sofridas, um constante deambular pelo mundo das sombras e dos mortos, alimentam esse mundo paralelo: “Com a maior angústia que até hoje tenho sentido em uma voz humana, disse: – Tudo acaba. – Um longo suspiro fugiu-lhe do peito. E o que era foi como se nunca tivesse sido”². Apesar de tudo isto, uma luz nunca abandonou Luzia:

*Oh! minha tia, porque fez Deus então o céu do mais puro transparente azul, porque criou o perfume dos lilases, o riso dos pássaros?
Bem entendido, a ventura de que ela prudentemente negava a existência, a que negava até o direito de existir, resumia-se, aos meus olhos, em ter, de manhã à noite, o dia todo para brincar... Mais tarde, outra quis, pressenti, não realizei. Mas tão maravilhosa foi a da minha infância, que bastou para encher-me de claridade uma vida inteira...*³

Neste excerto percebe-se a extrema importância que teve para Luzia a infância, e a influência dos ambientes territoriais na sua narrativa, principalmente nas narrativas que irão ser abordadas no presente ponto, relacionadas com a criação e o seu reino fantástico e maravilhoso. Só há dois tipos de escritores, de acordo com o estipulado pelos seus discursos – os lógicos e os mágicos: e ela foi ambos.

As fadas e os seres mitológicos ou fabulosos começaram a povoar o seu consciente de forma mais marcada com a leitura dos livros presentes na biblioteca infantil do tio, tal como se pode constatar no seguinte fragmento:

*Sim, dias há em que a chuva não cessa de bater nos vidros da janela e tão negro está o céu que, mesmo de manhã, já parece noite. Na Igreja vizinha, os sinos tocam tristemente, teimosamente, como a chuva cai. As frieiras torturam-me, trago as mãos inchadas, mal posso andar... Porém Joana d’Arc, pequenina e já tão grave, fia na sua roca de alvo linho... Em vão a chamam, pretendem levá-la outras crianças que brincam sob a árvore das fadas. Joana prefere a solidão do seu jardim, certo canto de sombra onde vozes misteriosas lhe dizem: “Joana, corre em socorro do rei, salva o reino de França...”
Aubignette guarda os perus, distribui a aveia, varre os sótãos do velho castelo*

² Última Rosa de Verão, Lisboa, Portugal, 1940, p. 90.

³ Última Rosa de Verão, Lisboa, Portugal, 1940, p. 90.

de Murcy. Nenhuma humilhação é poupada à sua triste infância. Quase tão pobre e tão triste, decorre-lhe a adolescência. Mas passa o Tempo – esse grande feiticeiro – e troca-lhe os vestidos desbotados por sumptuosas sedas, faz da infeliz pastorinha a muito alta e poderosa Marquesa de Maintenon, que Luís XIV, um rei como nunca houve outro, o rei de Versailles, escolhe para esposa... Ah! quantos prodígios, que fáceis parecem os milagres! Fecho o livro com pena. Julgo que nenhum outro pode conter tamanhas maravilhas. E já a Condessa de Ségur – que Jules Lemaitre chama “avó das crianças francesas” e, com mais justiça, parece-me, eu chamo “avó das crianças de todo o mundo”... enquanto, no mundo, houver crianças – me prepara um novo encantamento... [...] Vêm depois as fadas: “Cendrillon” que se chamava a Gata Borrallheira quando eu, nem mesmo em português, sabia ler, e, nunca farta de ouvir-lhe a história, pedia à minha criada Claudina: – “Conta, conta outra vez...”⁴

Os textos da Condessa de Ségur, a vida de Joana d’Arc, contos como a Gata Borrallheira, livros lidos e relidos, enchem de sonhos, de sentido de justiça e de encantamentos a alma de Luzia, que já de si era sensível, marcada pelo seu ainda curto percurso de vida e pelo maravilhoso jardim da Quinta da Madeira, onde já brincava com as fadas:

*Inventei uma bruxa horrenda, com brasas nos olhos e brasas na boca, vivia escondida na mata de carvalhos e tanto me sugestionei que por fim, acreditava nela como se a tivesse visto e não passava na mata, sem que os dentes me batessem de terror...
Em compensação, o jardim era o domínio das fadas minhas amigas, que haviam de dar-me tantas coisas, quando eu fosse grande... Vestidos feitos de sol e mantos feitos de luar e um príncipe com cabelos d’ouro...⁵*

Foram tantos os jardins que foram fundamentais para Luzia, que alimentavam e transportavam a escritora para o seu reino mágico, que é vital que aqui se dê a conhecer mais alguns deles.

Há, no fundo deste velho jardim, um canto que faz as minhas delícias. Ensombrado pelas árvores dos quintais vizinhos, tem qualquer coisa de misterioso como os bosques... A erva cresce entre o musgo. Aqui e ali, surge, na sua haste delgada, uma papoila vermelha. Contra o muro vivem, exuberantes, a hera, o alegra-campos e, onde pode suspender um raio de sol, debruça-se, miudinha,

⁴ *Idem*, pp. 32-34.

⁵ *Os que se divertem, A comédia da vida*, 1ª edição, Lisboa, s.e., 1920, p. 158.

*clara, uma roseira de tocar. No inverno, cheira a violetas, a terra húmida. Na primavera, tem um perfume especial de erva fresca, de folhas tenras. O rouxinol, que ama o mistério e a sombra, escolheu este canto de jardim, para nele exalar as suas lágrimas musicais, as suas harmoniosas queixas... Se eu tivesse a voz do rouxinol, era ali que chorava, que me queixava também...*⁶

Este era um dos jardins de uma das casas onde viveu, um jardim que passara a fazer parte constituinte do tecido de Luzia, levando-a a vê-lo como objeto estético e artístico, tornando-o sujeito da escritora. No Anexo 3, encontra-se a fotografia de um conjunto de azulejos, com palavras de Luzia, que se encontra nesse mesmo jardim.

Outra paisagem de um dos seus reinos mágicos é a Quinta da Ribeira de Nisa, da qual refere: “Ribeira de Nisa! A Quinta! Como estas palavras fazem palpar ainda o meu velho coração! Já tantas vezes vista, percorrida, era a eterna surpresa que, cada dia, levantava uma ponta do seu véu, para revelar novos, maiores encantos”⁷. Luzia via esse espaço como seu, eram os seus campos, as suas flores, as suas árvores, e descobria o seu reino, corria-o enfeitada de colares de flores, como uma fada, à semelhança do que ainda hoje em dia as raparigas fazem na região celebrando as Maiais:

– *Nem as dríades aqui faltam!* – exclamara um amigo do tio, vendo-nos surgir, assim enfeitadas de oiro, no fundo ensombrado de uma alameda...
– *Sabes o que é uma dríade?* – perguntei eu imediatamente. Georgina não estava bem certa. Resolvemos consultar o dicionário. – *Com y grego, lembra-te.*
– *E com o competente y grego, como se escrevia nesse tempo, lá encontramos. Porém a significação “nínfa dos bosques” deixou-nos também a vernavios, o que não nos impediu, aliás, daí em diante, de mutuamente nos chamarmos: “- Ó dríade!” “- Ó nínfa!” Quanto à linda hora do pôr-do-sol, representava apenas a desagradável obrigação das ninfas recolherem...*⁸

Eram estes os campos de que tinha saudades de cada vez que estava longe, e quando voltava, quando avistava à distância as oliveiras da sua terra, chorava, sendo depois um deleite, cada dia que lá passava, pondo até de lado os seus tão viciantes livros, conforme confessou: “Passo os dias na mais vergo-

⁶ *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa, Edições Europa, 1936, p. 37.

⁷ *Dias que já lá vão*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1946, p. 71.

⁸ *Idem*, p. 103.

nhosa ociosidade. Nem sequer leio. Ando em lua-de-mel com este campo, que é meu”⁹.

Referindo-se ainda à Quinta das Assomadas, na Ribeira de Nisa, Luzia conta:

*Junto ao muro, estava a olaia, “coquette”, linda no seu vestido de primavera, o seu vestido de baile. Envoltas em brandas musselinas, voavam as doidas borboletas. Eu exclamava: “– Ah! quem pudesse andar com elas pelo ar!” – Menos ambiciosa, a minha companheira respondia: “– Pode-se sempre dançar.” – Ao cheiro penetrante das glicínias, dos jasmims, dos lilases, juntava-se o fino aroma da magnólia que o meu pai trouxera da Madeira e logo se aclimatara. Às vezes perguntava-lhe: “– Por que te mostras tão viçosa e forte, longe da tua terra, onde abrem rosas pelos caminhos e não morre de frio uma planta?” – Julgava ouvi-la dizer: “– Este ar é puro como o diamante. Tenho os beijos do orvalho, os mais doces beijos do amor. E às rosas de todo o ano, eu prefiro as rosas de Maio...”*¹⁰

A borboleta e o orvalho são detentoras de profundo simbolismo, como se explica em *O Livro dos Símbolos*, coordenado por Ronnberg: “Desde tempos antigos que a borboleta, *Psique*, tem significado, não apenas os mistérios da metamorfose física, como as mais enternecedoras mutações da alma. [...] Em todo o mundo a beleza diáfana da borboleta, a sua beleza alada e a espantosa saída de um casulo, tem simbolizado o renascimento da alma saindo do seu encapsulamento de crisálida”¹¹. Tal como a alma de Luzia, que continha um tumulto desejoso de liberdade, “– Ah! quem pudesse andar com elas pelo ar!”, diz a narradora, ansiando já algo mais: “Não meramente uma forma mercu-rial de entendimento, mas incorporando valores de sentimento, o “orvalho” aludia à capacidade da psique para restaurar e reanimar a personalidade desidratada pela inconsciência da sua substância anímica”¹².

Os beijos do orvalho são comparados aos beijos do amor, e era de amor que Luzia sentia falta, era a este que ansiava para restaurar a sua personalidade sofrida. Tal como a magnólia, Luzia também teve de se aclimatar a um ambiente e vivências muito mais agrestes, depois da morte do pai.

⁹ *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 14.

¹⁰ *Dias que já lá vão*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1946, p. 58.

¹¹ *O Livro dos Símbolos*, op. cit., p. 234.

¹² *Idem*, p. 74.

A escritora tem também uma forte ligação com a água. Ao longo da obra são inúmeras as referências aos regatos murmurantes, cascatas, às levadas, às fontes, e claro, a ligação de amor com o mar, que já foi mencionada anteriormente. A fonte e a água são representadas da seguinte forma: “Era ali a fonte que, na hora do sol, quando tudo cintila, tudo dá luz, ao correr sobre as minhas mãos, as enchia de brilhantes”¹³.

Lê-se no *Livro dos Símbolos* que:

*A fonte é água que pressionada sai de uma nascente escondida. A qualidade animada da fonte, o jogo de luz solar ou lunar na água prateada, o tilintar melódico nas pedras e folhas sugere eternamente a presença dos espíritos da natureza e os “afloramentos” mágicos da mente. [...] Universalmente, a fonte é uma imagem das “águas vivas” que restauram a alma sequiosa de significado, criatividade e alegria.*¹⁴

Mas não só, porque inicialmente a fonte também representa, as “águas caóticas” do inconsciente a borbulhar para o consciente com a possibilidade de submergir assim como de fertilizar com as fantasias eróticas e desejos ardentes da vida não vivida”¹⁵. Posteriormente, através da reflexão e do sentimento a fonte representa o arrefecimento e o humedecimento de paixões.

Apesar da sua forte educação religiosa, o facto de Luzia ter crescido livremente entre campos, jardins e florestas, cultivou nela uma profunda alma pagã, que a escritora admitia e alimentava:

Só acredito nos deuses da Fábula, da Mitologia... Ceres farta e abundante, a encher de flores e de frutas os vergéis, Ceres, a alma perfumada das laranjeiras, é uma santa da minha devoção. – Esqueceu-se Fred, que tenho horror às mulheres gordas...

Pan, tocando a sua flauta de pastor, n’um canto florido de bosque, é o meu anjo da guarda!

Já depus uma complicada oferenda d’ovelhas e de pombas no altar escandaloso d’Eros!

Tenho um fraco pelos faunos, que se escondem nos maciços de madressilva para surpreender as ninfas, que nas brandas noites, dançam ao luar! – Em boa hora não se lembrou de dizer que faço parte do bailado!

¹³ Dias que já lá vão, Porto, Livraria Tavares Martins, 1946, p. 57.

¹⁴ O Livro dos Símbolos, op. cit., p. 608.

¹⁵ Ibidem.

*Acredito na virtude cantante das fontes e acho mais devotas de que as catedrais,
as árvores, erguendo para o céu, as torres de verdura!*

*Se, nas doces tardes de maio, alguém me viu no mês de Maria, é porque nessa
devoção cristã, a uma virgem coroada de rosas, erra ainda, perfumada e bela,
a alma do velho paganismo!...*

Mais nada, senhor inquisidor-mor?...

*Ah! reconheço que toca as raías da idolatria este meu desordenado amor pela
terra quente, musical, palpitante...*

Sou uma grande amorosa das coisas.

*Não se esqueça, Fred, que vivi muitos anos no campo. Conheceu a quinta onde
passei toda a minha solitária infância.*

*Nunca brinquei com bonecas. Preferia as flores, achava-as mais vivas, mais
leves, manejava-as melhor entre os meus dedos pequeninos. Estudava-lhes os
hábitos, adivinhava-lhes os segredos.¹⁶*

Não se podia deixar de citar este trecho, que evidencia a forte ligação de Luzia com a Natureza, com a Terra e que demonstra o conhecimento da escritora pela mitologia celta.

Como pessoa sonhadora que era, com a mente povoada de doces histórias e mitos, Luzia acreditava no fantástico a ponto de subscrever a telepatia: “Estás longe, bem sei, mas eu creio na transmissão do pensamento, creio em tudo o que é sobrenatural, maravilhoso”¹⁷.

Por conseguinte, o mundo das fadas era bem real e concreto para a escritora. A sua obra está repleta de “convívios” com fadas, são numerosos os trechos em que o maravilhoso se entrelaça com o real. Observe-se o que Luzia escreve numa epístola, após ter aconselhado a leitura a uma amiga de um livro sobre as fadas do mundo, e a amiga, intimidada com o tamanho do livro nem o abriu, ao que Luzia ripostou:

Quanto a “Vie et mort des fées”, cujas quatrocentas e vinte e seis páginas – concordo que é de respeito – te assustaram a ponto de nem as abrires, faz favor de penitenciar-te também. A sua autora, Lucie Félix Faure Goyau, nem por sombras merece o teu desprezo. [...]

Mas o curioso livro de Lucie Félix Faure Goyau não se limita à França. Vai por aí fora numa linda erudição. É, pode dizer-se, a história das fadas de todas as literaturas e de todos os países. [...]

¹⁶ Os que se divertem, A comédia da vida, 1ª edição, Lisboa, s.e., 1920, pp. 156-157.

¹⁷ Última Rosa de Verão, Lisboa, Portugal, 1940, p. 27.

Porém, esta história universal das fadas não menciona – nem de passagem – uma única fada portuguesa. Lucie Félix Faure Goyau, conhecendo como os seus dedos, todos os mais remotos autores, desde Homero até o Tasso, jamais suspeitou a existência do Auto de Gil Vicente e cairia certamente das nuvens se alguém lhe dissesse que, tão linda como Mélusine, tão poderosa como Viviane, Alina, a fada de Garrett, encerrou num raminho de murta, todo o destino de Ben-Afan.¹⁸

As fadas estiveram presentes na vida de Luzia desde a infância até à velhice. Onde quer que ela brincasse, o que quer que ela lesse, observasse, encontrava sempre uma referência às fadas. Se o mau tempo não lhe permitia encontrá-las no jardim, onde tinha feito planos com as amigas para brincar no domingo, ia desencantá-las no armário das bonecas:

Falta o passeio, projeto, sonho de toda a semana, e até no jardim só Zapa, que adora a chuva, o frio – lembram-lhe decerto a sua Rússia distante – se aventura, apesar dos meus prudentes conselhos: – “Zapa, olha que andam por aí tantas constipações!” Mas temos licença de abrir certo armário, durante a semana hermeticamente fechado: o delicioso armário das bonecas. Aurora, Bela, Florinda acordam do seu sono, longo como o sono das fadas.¹⁹

Preterindo mesmo, aqui, a mestra de francês, atribuindo-lhe papel secundário na sua formação, como elucida, claramente dizendo: “Mas – que a excelente senhora me perdoe – as minhas grandes mestras de francês foram a Condessa de Ségur e as fadas de Perrault”²⁰. Até na capela Luzia se lembra do feiticeiro Merlin e das fadas: “De boca em boca, anda a profecia do feiticeiro Merlin: – A salvação da pátria virá de uma menina. – O feiticeiro, na capela! Ah! que a Santa me perdoe... Eu agora não rezo, converso, falo-lhe da nossa infância, do meu conto de fadas...”²¹.

E já adulta, quando tenta falar das fadas a uma criança, tem a maior das decepções:

Daí a pouco, vendo-a absorta defronte dum cogumelo, caí na tolice de confessar-lhe, que, no tempo da minha infância, os cogumelos serviam de chapéu-de-sol às fadas... [...]

¹⁸ *Cartas d'uma vagabunda*, Lisboa, Portugalíia, s.d., pp. 55-58.

¹⁹ *Dias que já lá vão*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1946, p. 43.

²⁰ *Idem*, p. 35.

²¹ *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa, Edições Europa, 1936, p. 150.

*Já não há crianças. As vidas desabrocham precocemente emurhecidas. Desapareceu do mundo a linda fantasia. Morreram as doces lendas, evolveram-se os queridos feitiços... Só para mim que, como sabes, estou na segunda meninice, o palácio da Carochinha, conserva abertas as suas divinas portas. Ainda gosto de ouvir – querido, saudoso eco de vozes que se calaram – o velho: Era uma vez... Mas tu não tens culpa da minha demência.*²²

Todavia, Luzia continuava a ser criança e sempre acreditou na existência das suas fadas, considerando que foi o reino mágico onde se reconstruiu, que lhe deu a luz, quando se sentia impotente perante a escuridão,

Porque a noite estava clara, dum formosíssimo luar e porque é tão pacífica, sem perigo, a qualquer hora, a doce terra da Madeira, recolhi só, vagarosamente, através das ruas desertas, cujo silêncio rompia apenas, no seu cantar incessante, a água das levadas. E pela voz da água quantas vozes me falaram, na solidão, no mistério da noite prateada!

*Maria, tu ris quando eu te asseguro que, último refúgio de fadas e ninfas, as fontes e os regatos falam; zombas de todo esse mundo gentil e alado que dá à minha imaginação as suas lindas festas... porém, se estivesses há pouco comigo, eu te provaria, ah! eu te provaria até à evidência, que as minhas fadas existem e são mais que uma ilusão as minhas brancas ninfas... Tê-las-ias ouvido e visto, como eu ouvi e vi, murmurar, suspirar, rir, cantar, dançar, desfiar pérolas, tecer luar, nas musicais levadas da Madeira.*²³

O reino mágico é um reino de amor. Foi o que procurou toda a vida, foi o que sonhou, já que antes ainda de saber ler, ouvia a criada a contar o “era uma vez...” repleto de fadas, no qual o bem impera sobre o mal, no qual apesar de todas as dificuldades e amarguras por que passam os personagens, chega sempre a altura da recompensa, e no fim faz-se justiça. Luzia esperou sempre por essa justiça, Luzia esperou sempre pelo amor: “Por encanto, como nas histórias de fadas, o tempo recuou. Voltei para trás, sou nova outra vez. Tenho a minha alma de paixão. Os meus braços ainda sabem prender, guardar. A minha boca ri, para ti e para a vida. Tenho sede de amor.”²⁴ – conforme (variadas e repetidas vezes) admite.

²² *Cartas d'uma vagabunda*, Lisboa, Portugal, s.d., p. 64.

²³ *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, pp. 203-204.

²⁴ *Última Rosa de Verão*, Lisboa, Portugal, 1940, p. 23.

3.2 – Luzia: fada, mulher e escritora

*Sofreu como uma Senhora e encantou como uma fada. Mas perdeu-se dos compêndios da lusofonia e afundou-se na solidão das multidões e modas.*²⁵

Lendo o que amigos e conhecidos escreveram sobre Luzia, tanto em jornais, como em livros, uma opinião generalizada transparece: Luzia foi durante toda a sua vida uma elegante, tanto na sua linha indumentária e perfil físico, como nas suas atitudes e no trato com os demais.

Esguia, “silhueta de adolescente”, e admiráveis mãos, iluminadas de joias discretas, a que se juntava, discreto também, o seu brasão de armas, mãos que tinham gestos doces, mãos para acariciarem os que sofrem e se abrirem em dádivas generosas aos que junto dela choravam sem pão e sem abrigo.

*Grande Senhora que a Alta Costura de Paris se honrava de servir com a última palavra das suas criações, Luzia impressionava todo aquele mundo elegante que, nos salões doirados faz as lindas paradas de elegância. À sua figura esbelta e às suas conversas cheias de talento e graça, sem sombra de afetação, se prestava um verdadeiro culto feito de admirações e simpatia.*²⁶

Para além de ter sido uma elegante, Luzia era igualmente conhecida pela bondade e compaixão. Talvez por ter sido também uma sofredora, tinha “mãos para acariciarem os que sofrem”. Este traço de personalidade não passou despercebido na sua vida, já que Luzia se condoía pelos injustiçados, pelos filhos da má sorte, ajudando-os sempre que podia.

A sua obra demonstra essa mesma faceta, tanto em frases construídas com o propósito de levar o outro a refletir, propondo que “não tenhas pressa de julgar, de condenar. O que sabes tu, o que sabemos nós, uns dos outros? Para lá das aparências – esse maior dos enganos – o que veem os olhos, o que percebe o coração?”²⁷, como nos momentos em que fala dela mesma, evidência passível de se constatar no seguinte excerto do seu primeiro livro: “A

²⁵ Joaquim Castanho, “Do Verbo Andarilho nas Fadas de Portus Alacer” in *Plátano, Revista de Arte e Crítica de Portalegre*, n.º 5, 2012, p. 6.

²⁶ Feliciano Soares, *op. cit.*, p. 5.

²⁷ *Lições da vida*, Lisboa, Portugal, 1941, p. 24.

noite estava linda. No meu jardim o cheiro das açucenas embebedava. Deitei-me cansada, triste, com um imenso fastio da vida, um imenso desejo d’outra coisa, d’um mundo menos injusto, onde houvesse menos pérolas no pescoço das milionárias e menos lágrimas nos olhos das criancinhas pobres, onde se não jogassem libras e nunca faltasse a humilde moeda de cobre com que se compra o pão²⁸.

Ajudava todos os que se aproximavam dela pedindo pão ou abrigo, e mesmo na altura da sua morte, pensou em todos. No seu testamento deixou perences e dinheiro a todos os seus criados, deixando inclusive uma casa à sua criada pessoal, Rosa:

*Lego o usufruto vitalício do meu prédio urbano ao Caminho dos Barreiros, freguesia de São Martinho, à minha criada Rosa Ramos Cascão, solteira, comigo residente, nesta cidade; e lego a propriedade deste mesmo prédio, em partes iguais, ao Concelho Central das Conferências de São Vicente de Paula do Funchal, à Associação das Damas de Caridade desta cidade e à Santa Casa da Misericórdia do Funchal. [...] Lego mais à mesma minha criada Rosa a quantia de dois mil escudos.*²⁹

Luzia, de alma bondosa, qual fada caridosa espalhando tesouros pelos mais desfavorecidos, tinha uma presença tão poderosa e fina, que todos gostavam de a ter presente nas suas salas e reuniões. A sua figura atraía, as suas conversas estimulavam, como testemunha Feliciano Soares:

*Acolhedora, de trato despretenso, sem, todavia, entrar pela simplicidade vulgar mas também sem altivez, Luzia inspirava respeito e cerimónia. Era a realceza do talento, e da elegância, e da graça, tocada duma delicada, leve ironia que lhe dava aquela majestade que se admira, respeitando e que se rodeia com cerimónia. Flor já desabrochada, sem jardim, sem família que lhe aquecesse a alma, Luzia faz-se Vagabunda de hotéis.*³⁰

Apesar de Luzia ser uma presença estimada, e de se pressentirem naquela alma tantos sonhos, adivinhava-se também nela uma imensa solidão. O sentir da escritora é muito diferente dos demais daquela época, e, ainda hoje,

²⁸ *Os que se divertem, A comédia da vida*, 1ª edição, Lisboa, s.e., 1920, p. 153.

²⁹ Testamento de Luísa Grande, Arquivo Regional da Madeira.

³⁰ *Op. cit.*, p. 15.

Luzia iria sentir-se da mesma forma, sozinha por entre as gentes, lembrando o decadentismo de Cesário Verde, em que está presente um tédio e sufoco provocado pela cidade, mas ao mesmo tempo um fascínio.

Para a escritora, a “felicidade é este escorregar das horas, sem imprevisto, sem emoções, hoje igual a ontem, amanhã igual a hoje, doce monotonia, embalada pela voz dos sinos e pela voz do Gave, atmosfera de sonho em que tudo se atenua, se suaviza, como, nos véus da bruma, se atenuam e suavizam os ásperos cumes das montanhas”³¹.

Luzia era, portanto, uma sonhadora: “Fechei o livro – um romance qualquer – para seguir o capricho das chamas que, em pequenos estalos secos, vai desenhando grinaldas e cachos de luz. Oh! deliciosa companhia do lume, do bom amigo lume! Como ele convida a sonhar, que grande é o seu poder de evocação! E eu que, para sonhar, para evocar, nunca me faço rogada, já vou por aí fora...”³².

Como já foi referido anteriormente, a autora não era só dada a nostalgias, sonhos e solidão, dado que uma certa irreverência caracterizava o seu ser desde pequena: “E quando o meu riso soa um pouco mais alto, a tia Maria Vitória explica a D. Paulina, a senhora de maior cerimónia: – Foi sempre aquilo desde pequena... Nunca houve maneira de ter propósito...”³³. Uma irreverência que a levou a andar sempre um passo à frente do seu tempo, a se assumir como mulher escritora, a usar a ironia, a apontar os caricatos da alta sociedade, a rir alto quando era suposto fazer silêncio, e a discutir juntamente com os homens, assuntos em que as mulheres não teriam acesso nem voto de opinião: “As senhoras refugiam-se num silêncio modesto... Eu e os homens é que fazemos todas as despesas da conversa. Discute-se política e literatura”³⁴.

As gargalhadas nos salões, o discutir política e literatura no meio dos homens, o recurso à ironia na sua obra, podiam fazer acreditar a um leitor mais desatento que Luzia era uma escritora que tentaria masculinizar a sua escrita e os seus modos para ter um maior sucesso no seu meio, mas Luzia era orgulhosamente feminina.

³¹ *Cartas d'uma vagabunda*, Lisboa, Portugal, s.d., pp. 230-231.

³² *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa, Edições Europa, 1936, pp. 41-42.

³³ *Cartas do Campo e da Cidade*, Lisboa, Portugal, 1923, p. 22.

³⁴ *Idem*, p. 21.

Feliciano Soares, que conviveu de perto com a escritora, relata que esta era “elegantemente feminina”, que a sua prosa tinha a “transparência de porcelana fina”, uma graciosidade e leveza de linguagem, “que só uma mulher de talento, exclusivamente feminina consegue realizar.”³⁵

*Porque, na verdade, foi neste ambiente, neste clima, de elegância feminina que ela sempre viveu, fazendo-se rodear de tudo quanto concorresse para, pelo menos na aparência, maior beleza dar a todas as horas da vida: flores – rosas, as lindas rosas do seu jardim que todo o ano dava rosas – móveis com história saudosa, retratos amigos. E toda esta moldura duma cativante impressionante harmonia era o perfeito reflexo do seu modo de ser moral e intelectual, em pleno acordo com a elegância dos seus hábitos, com o requinte das suas “toilettes”, com a aristocracia da sua figura esbelta e insinuante. E as suas lindas mãos vinham mornas de sol, depois de colherem rosas no seu jardim sempre florido, tecer essa linda teia de prosa que é toda a obra de Luzia.*³⁶

É o mesmo autor que põe em destaque a originalidade de Luzia e nos revela em que é que esta era diferente das suas contemporâneas: refere autoras como Maria Amália Vaz de Carvalho, Caei, Teresa Leitão de Barros, Domitília de Carvalho, Virgínia de Castro e Almeida e salienta que estas escritoras, apesar de terem uma ou outra composição marcada pela graça feminina, alinhavam na literatura masculina e viril, trabalhando entre estantes austeras de gabinetes, ao invés das rendas, retratos queridos, rosas, livros e mesinhas de chá, que rodeavam Luzia e marcavam o tom da sua escrita:

*O modo de ser literário e psicológico de Luzia não se harmonizaria com a realização do “Duque de Palmela”, a obra prima de Maria Amália, com o carácter sociológico da Obra de Caei, com as “Escritoras de Portugal”, de Teresa Leitão de Barros, com a trilogia “Terra Bemdita”, “Trabalho Bemdito”, e “Capital Bemdito” de Virgínia de Castro e Almeida e muito menos com “A Praga” e “Inocente” da mesma autora, contos admiráveis dum realismo aflitivo. O próprio teatro de Virgínia Vitorino – deliciosa poetisa dos “Namorados” e do “Apaixonadamente” – o teatro, primoroso, vive num ambiente Literário que não é o dos diálogos de Luzia, que não quis nunca fazer teatro.*³⁷

³⁵ Op. cit., p. 28.

³⁶ Op. cit., p. 29.

³⁷ Idem, p. 30.

Em Luzia, como se pode constatar ao ler a sua obra, apercebe-se um pouco da sua alma em todas as páginas, mesmo as que relatam acontecimentos históricos, políticos, sociais ou mais objetivos. Tudo é sentido na sua obra. As paisagens, as personagens, tudo são quadros vivos com que a escritora vibra, porquanto “toda a expressão traduz um pensamento, um sentimento ou uma atitude interior ou exterior. E por mais complicado que seja o pensamento, o sentimento ou a atitude que tem a exprimir, a frase sai-lhe natural e simples, sem nunca deixar de ser elegante e artística”³⁸, como refere Feliciano Soares.

A leitura de Luzia não se consegue apressar porque a escrita é visualizadora. Os olhos detêm-se nas palavras, que transportam o leitor para os locais, vêm-se os raios de luz, as árvores, sentem-se os cheiros, as saudades, a nostalgia, e almeja-se que as frases não acabem nunca, para sempre deseja-se ficar a ver os poentes cor-de-rosa do Alentejo, ou uma cor que desmaia no céu.

*Amo – quem sabe se de preferência – o aroma que guardam, entre as páginas dum livro, certas velhas flores; o sorriso, a graça juvenil que persiste em alguns antigos retratos... E amo os longos crepúsculos de verão, aquela indecisa hora que já não é dia e não quer ser noite, quando antes de fundir-se nas trevas, desmaia, cor de lilás, o céu que foi azul...*³⁹

Saboreiam-se as palavras, as pausas e as cores, a escrita de Luzia é inteligente, não elitista, e é cheia de rendas e aromas, convidando a entrar sempre em espaços mágicos.

O todo da obra é maior que a soma das suas partes, já que ao ler-se a obra toda, compreende-se uma dimensão diferente, como se um clique interno estalasse, e uma porta se abrisse para a dimensão de Luzia, pois a obra da escritora é como um imenso vitral que só pode ser compreendido absolutamente no seu todo. Um detalhe interessantíssimo é que a obra de Luzia, lida de trás para a frente, ou seja, do último livro publicado em direção ao primeiro, é de uma doce revelação, pois há pedaços desse vitral que são só compreendidos quando a obra é lida do “avesso”, parece que dessa forma se atinge a sua total beleza, que, só assim, determinados vidrinhos assumem a sua correta posição, revelando-nos pormenores que de contrário passariam despercebidos.

Começando a ler a obra do último livro para o primeiro, todas as peças se encaixam, todo o vitral se ilumina, todos os protagonistas são comuns e

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa, Edições Europa, 1936, pp. 67-68.

reconhecidos, e isto porque as últimas obras são de carácter mais autobiográfico, revelando ao leitor pormenores que seriam impossíveis de descortinar, ou apreender nos primeiros livros. Lendo a obra em ordem inversa à da publicação, é possível descobrir Luzia por detrás de muitas das personagens por ela criadas. E dá-se conta de quanto daquele quotidiano retratado ao acaso é minimamente casual, comprovando-se antes ser arte e engenho aquilo que se julgava ser apenas natural espontaneidade no cursivo dos (seus) dias, como refere Emonts, há “um jogo irónico permanente com o que é ao mesmo tempo estranho e familiar”⁴⁰.

A obra de Luzia expressa o ser profundo do seu autor, Luísa, que se quer libertar das amarras, desilusões e tristezas do seu mundo real, servindo-se de Luzia e da sua escrita, para se reconstruir:

A minha história?

Quando eu nasci uma estrela dançava...

Tal e qual como a Beatriz de Shakespeare...

Por isso sou assim um nadinha telhuda e ando sempre meio a sonhar... Meu Deus! Que tempo tão lindo e tão quente!

Junho, o mês azul. Parece que foi o céu que floriu os jacarandás.

Sinto-me morrer de calor e de preguiça. E quer que eu lhe conte...

O sol queima, abrasa, devora... Já estragou as minhas “Captain Christy”.

Já bebeu o manso fio d’água que cantava na cascata. Os pássaros escondem-se entre os ramos das acácias. Cirano anda com a língua de fora...

*Hoje sinto em mim uma alma pagã, a alma d’uma ninfa! Não, não é isso. Hoje parece-me que não tenho alma nenhuma. Sou apenas um corpo preguiçoso que vou estender na “chaise longue” da minha varanda, e uns olhos ávidos, encantados que vão beber toda a beleza da terra... A minha história?... “La suit au prochain numéro”...*⁴¹

Que se espere pela próxima edição...

Nem Luísa já sabe bem qual a sua história, uma vez que se reconstruiu exaustivamente em Luzia, e há memórias das quais já duvida se viveu. A obra revela uma busca de um tempo perdido, quase como a de Proust, e como tão bem refere Joaquim Castanho:

Nos romances epistolares Luzia mete-se também de fora (de si) e quem executa as missivas é uma ou várias personagens, e à vez, contando-nos algo que está

⁴⁰ Op. cit., p. 208.

⁴¹ Os que se divertem, A comédia da vida, 1ª edição, Lisboa, s.e., 1920, pp. 155-156.

*inequivocamente à distância de todos, do leitor, do escritor, do pseudónimo e de alguns personagens, embora lhes pertença igualmente – e por inteiro. E nesta atitude é mais que óbvia a intenção artística e literária (exploração do labirinto original, em espiral que parte dela, ou o escrever concêntrico de pedrinha que cai na água de Proust, originando um número infinito de ondas circulares em volta desse momento) de Luísa Grande, declarada sobretudo com a criação do pseudónimo Luzia, que outra não é senão si mesma, em que tudo o que esta publicou/editou é inegavelmente arte e artifício, perfilando uma obra literária – e de excelência!*⁴²

Luísa e Luzia são inseparáveis, reinventando-se uma à outra. Não se sabe onde começa Luísa e onde acaba Luzia. Reconstruíram-se em tudo o que foram criando ao longo da vida, como refere João Bigotte:

Eu não consigo nem imaginar a operação em que o artista se desprende da pele do homem, de modo a ficarem, se não irreconhecíveis, pelo menos facilmente identificáveis. [...]

*O rosto, a pele, a alma não se mudam assim, como se muda de roupa. Numa arte que seja o reflexo do homem interior – o que é a única arte autêntica –, ela há de exprimir fatalmente o ser profundo do autor.*⁴³

É, assim, através da sua arte de escrita, que Luzia se revela em toda a sua profundidade, e revela também Luísa, pois uma é a outra, e vice-versa.

A 8 de dezembro de 1956, Alberto F. Gomes publica um artigo sobre os *Aspetos autobiográficos da obra de Luzia*, expondo a ideia de que:

*A feição autobiográfica da obra de Luzia empresta-lhe uma beleza e emoção particulares e distintas – esse encanto mágico que se evola das confissões íntimas que tornaram inconfundíveis as páginas de Katherine Mansfield e Marcel Proust. Em cada período fala uma Luzia que não é uma vaga figura de ficção, mas a alma inteira de uma mulher que amou e sofreu. Este poder, quase vocacional, de confessar o próprio drama íntimo e de saber comunicá-lo sem o tornar vulgar ou insípido, é o segredo do interesse e da originalidade da sua obra literária.*⁴⁴

⁴² Um ponto de vista..., consultado em 20 de junho de 2012 através de <<http://escribalistas.blugspot.pt>>.

⁴³ João Bigotte Chorão, *O escritor na cidade*, Lisboa, Editorial Verbo, 1986, p. 133.

⁴⁴ *Apud Evocação de Luzia, no 11º aniversário da sua morte*, Funchal.

Luzia, mulher elegante, compassiva, possuidora de um sentir tão diferente dos demais, vertendo-se e reconstruindo-se nas suas páginas, reinventando os mundos por onde sempre desejou deambular, busca um tempo perdido, e marca a literatura feminina da época, como Mansfield ou Proust.

3.3 – O fim da magia, o que fica depois da morte?

*Como havemos de estranhar que os estrangeiros nos ignorem, se nós próprios, gostosa e propositadamente, nos ignoramos?*⁴⁵

Chega enfim o dia do eterno descanso de Luzia. O seu corpo repousa no Cemitério de Nossa Senhora das Angústias.

Luzia redigiu uma última versão do seu testamento a 21 de julho de 1945, no qual integrou dois apontamentos referentes às suas obras e aos seus papéis que são importantes referir, pois deixou-os a duas amigas distintas: Laura de Castro Soares e Teresa Leitão de Barros.

Laura de Castro, que usou o pseudónimo de Maria Francisca Teresa, nasceu no Funchal em 1870 e casou com o escritor e jornalista de Aveiro, Feliciano Soares. Foi a grande e íntima amiga de Luzia, desde a infância⁴⁶. No seu testamento Luzia escreve: “Lego à minha amiga Laura de Castro Soares a quantia de dez mil escudos, um anel rodeado de pérolas que pertenceu à sua mãe, o par de castiçais de prata que está na sala, uma bolsa de prata antiga e ainda todas as minhas cartas, papéis e retratos podendo-lhes dar o destino que quiser”⁴⁷.

É a esta amiga que Luzia confia os seus papéis mais privados, todas as cartas, todos os retratos e também todos os diários íntimos, não deixando a nenhum familiar o precioso legado.

⁴⁵ *Cartas d'uma vagabunda*, Lisboa, Portugalíia, s.d., p. 59.

⁴⁶ Visconde do Porto da Cruz, *Notas & Comentários para a História Literária da Madeira*, III Volume, 3º Período 1910-1953, Funchal, Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1953, p.49.

⁴⁷ Testamento de Luísa Grande, Arquivo Regional da Madeira.

Tal como não é a nenhum familiar que Luzia entrega a propriedade das suas obras e os seus inéditos que tinha deixado prontos para publicação, mas sim à amiga de Lisboa, Teresa Leitão de Barros, jornalista e escritora: “Deixo a Teresa Leitão de Barros, residente em Lisboa, a quantia de vinte mil escudos e a propriedade de todos os livros escritos e publicados por mim, a minha maior bandeja de prata e um tinteiro antigo de latão amarelo”⁴⁸.

Após a morte de Luzia, Teresa Leitão de Barros, em parceria com Fernanda de Castro, publicam o livro *Dias que já lá vão*, uma obra que Luzia tinha começado, mas que tinha deixado a meio. Não se consegue é compreender o porquê desta escolha das escritoras, pois Luzia tinha deixado *Pelos Caminhos da vida, Jornal I*, já pronto para ser editado, estava dactilografado e rigorosamente corrigido. Porque nunca foi publicada a última obra em que Luzia tanto empenho e esforço tinha colocado? Esta é uma questão a que não se conseguiu dar resposta, embora as leituras tenham apontado para o caráter inflamatório da obra, devido a serem satirizadas figuras de grande influência e poder na sociedade da época.

As investigações levaram a que se concluisse que Luzia e Fernanda de Castro cultivaram uma amizade de longos anos. Na Fundação António Quadros podem encontrar-se 75 cartas escritas por Luzia a Fernanda de Castro, perfazendo mais de 350 páginas manuscritas. No entanto, nos dois volumes de memórias de Fernanda de Castro, nos quais se esperam encontrar referências a Luzia, surgem apenas duas:

*Como acontece a todas as pessoas que escrevem nos jornais, eu recebia bastantes vezes cartas de rapazes e de raparigas que frequentemente transformavam em versos os seus recalques, as suas frustrações, os seus anseios, devido em geral a uma vida provinciana, sem horizontes. Eu respondia sempre a encorajá-los nos seus primeiros voos, como outros – Branca de Gonta, Luzia, o conde de Sabugosa –, poucos anos antes me tinham encorajado a mim.*⁴⁹

Neste trecho, descobre-se o que já tinha sido sugerido no início deste trabalho, sendo revelado por Fernanda de Castro que, antes de publicar os seus trabalhos, os enviava sempre primeiro a Luzia para ter a sua opinião, e que foi esta uma das pessoas que a incentivou a escrever. O segundo trecho referente a Luzia consta do volume II e pronuncia o seguinte:

⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ *Ao Fim da Memória (Memórias 1906-1939)*, vol. I, Lisboa, Verbo, 1986, p. 232.

Pode a razão dizer-me: “Luísa morreu”, que o coração não acredita. A morte é o desaparecimento total, e, para mim, a morte da Luísa Grande é apenas ausência. Vivía na Madeira desde o princípio da guerra – e as suas cartas traziam-me regularmente notícias do seu corpo martirizado, da sua alma inquieta, sensível, nostálgica. Tinha verdadeira angústia da morte e, embora às vezes a desejasse, por excesso de sofrimento, nunca ninguém me deu uma sensação de maior, de mais profundo, mais violento amor à vida. Falava das coisas da Natureza, do céu, da cor de um crepúsculo, da chuva a bater nas vidraças, das pétalas molhadas duma violeta... com uma compreensão que só encontrei em Katherine Mansfield – com quem, aliás, tinha parecenças de irmã.

Há pessoas que não deveriam nunca morrer, porque fazem falta à vida – e Luísa Grande fez-lhe falta, uma grande, imensa falta. Quem há de agora falar, por exemplo, do mistério das flores por abrir, dos pássaros por nascer, da água de rocha, fina como um diamante, das árvores pesadas de folhas e de neveiro, da penugem cor-de-rosa do amanhecer? Não, Luísa não morreu. Luísa Grande fez mais uma vez as malas e mais uma vez partiu. Para onde? Para um país secreto, misterioso, que é a pátria das almas, e onde um dia, levada pela mesma corrente impetuosa do tempo, irei procurá-la para matar esta grande, dolorosa saudade, e mais uma vez, com ela, falar da vida, amar a vida, glorificar a vida.⁵⁰

Ainda mais curioso é que este trecho foi escrito em dezembro de 1945, quando Luzia morreu, e foi publicado no início de *Dias que já lá vão*, livro este que saiu em 1946 na “Coleção Contemporâneos”, dirigida por António Ferro, e no qual Fernanda de Castro e Teresa Leitão de Barros dedicam algumas palavras a Luzia. Este facto levanta a questão do porquê Luzia praticamente não aparecer nas “Memórias” de Fernanda de Castro.

Foram várias as personalidades que depois da morte de Luzia, a continuaram a referenciar e elogiar nos anos seguintes. Visconde Porto da Cruz refere que, depois de Maria Amália Vaz de Carvalho, Luzia foi a Senhora que mais ilustrou a Literatura feminina de Portugal: “Pelo seu imenso talento, pela sua vastíssima cultura literária e pela elegância do seu estilo, foi uma das maiores Escritoras de Portugal”⁵¹.

Um interessante livrinho composto de recortes de notícias sobre Luzia, bem como alguns inéditos da mesma, e sem autor, foi encontrado na biblioteca da Universidade da Madeira, e testemunha que, em 1956, por algum mo-

⁵⁰ *Ao Fim da Memória (Memórias 1906-1939)*, vol. II, Lisboa, Verbo, 1986, p. 49.

⁵¹ *Op. cit.*, p. 85.

tivo que se desconhece, foi feita uma grande evocação a Luzia na imprensa madeirense, bem como na nacional.

Um dos artigos é considerado um texto inédito de Feliciano Soares, grande amigo de Luzia que acompanhou de perto a sua vida literária, e que já tinha falecido na data desta evocação à escritora. Neste artigo, Feliciano Soares refere que a obra de Luzia é Ela mesma: “Ela mesma a contar-nos a sua inteligente, elegante Vagabundagem por terras e almas, por salões e jardins rindo e chorando, talvez sofrendo sempre, mesmo quando sorria, enternecida, para uma paisagem doirada de sol, ou ria sem amargura nem desdém, antes com sincera indulgência, dos mil ridículos de que é feita a vida”⁵². Para além dos elogios à escritora e à sua obra, Feliciano Soares revela um acontecimento extremamente importante, e que demonstra o quanto Luzia era lida, reconhecida e apreciada na sua época: “É ainda digno de nota o facto de que quando a Lisboa chegou a dolorosa notícia do falecimento de Luzia, as livrarias exporem nas suas montras, lado a lado, os livros de Eça e os de Luzia”⁵³.

No mesmo artigo, faz também uma comparação entre a escrita de Luzia e a de Eça de Queirós, expondo quais as diferenças e quais as semelhanças entre os dois. Para além disso, salienta o facto de como Luzia era apreciada e elogiada pelos grandes nomes da literatura portuguesa da época.

O fim deste artigo traz um apelo, que acaba por ser comum em todos os corações que leram e apreciaram Luzia, mesmo na atualidade:

*Se tivermos a honra do Sr. Presidente da Câmara do Funchal ler estas desvaliosas notas, certo que, pela sua inteligência, pelo seu amor – de sobejo provado – ao desenvolvimento cultural de esta terra, há de sentir que a cidade não pode deixar de perpetuar a memória de Luzia, a Grande Dialogista e Epistológrafa, que na Madeira viveu uma parte da sua vida e aqui escreveu alguns dos seus melhores livros. Não, não pode ser esquecido o seu Nome, a sua Vida, a sua Obra.*⁵⁴

Também Horácio Bento Gouveia participa nesta evocação a Luzia, compondo elogios à escritora e explorando algumas das suas obras, salientando

⁵² Evocação de Luzia, no 11.º aniversário da sua morte, Funchal.

⁵³ *Ibidem.*

⁵⁴ *Ibidem.*

a inovação de umas e a analogia de outras com as de João do Rio, concluindo que:

*A sua obra é reflexo de um espírito que repartiu o mundo em duas partes: em uma, a vida flui de fora para dentro, o humano se desvenda por um sétimo sentido, acurado, da psicóloga que mediu o pulsar das mínimas vibrações emotivas de seu semelhante; em outra, corre de dentro para fora, da memória para os sentidos: tudo é colorido daquele intimismo, saudosismo repassado de melancolia sem cura, o qual saudosismo é libertação de pesadelo, escape de um braseiro de lume brando que só ficará reduzido a cinzas quando a morte puser termo à matéria. [...] Foi Luzia da estatura intelectual daquelas mulheres de espírito superior que, quando envelhecem e caminham para a morte, nunca chegam a morrer.*⁵⁵

Ricardo Nascimento Jardim, em dezembro de 1956, também contribui com um artigo para a evocação de Luzia, artigo esse, anos mais tarde, anexoado ao seu livro *Fantomas e Fantoches*⁵⁶, publicado em 1987, em que no fim abre um parêntese para transcrever as quase quatro páginas que redigiu em memória de Luzia.

O escritor conta que em adolescente frequentava a casa de Luzia, pedindo-lhe conselhos sobre um romance que andava a escrever e que Luzia acalentara o seu desejo de ser escritor. Ricardo Nascimento Jardim refere a autora como uma grande escritora impossível de se esquecer: “*Última Rosa de Verão* há de ser colocado no plano dos melhores romances portugueses escritos por mão feminina. Nele se revela domínio absoluto da técnica e estrutura de romance, a par de uma prosa maleável, elegante e sugestiva”⁵⁷.

M. Amândio Rodrigues contribuiu para a evocação a Luzia com um longo artigo, traçando um perfil da sua obra, da sua vida, das suas qualidades de escritora e lembrando que com a morte de Luzia “extinguiu-se um espírito de escritora notabilíssima onde avultavam, em conjunto impressionante, características de surpreendente capacidade intelectual”⁵⁸.

A 10 de dezembro de 1956, Teresa Leitão de Barros, num artigo de jornal refere que os “intelectuais do Funchal e a esclarecida imprensa madeirense

⁵⁵ *Idem.*

⁵⁶ *Fantoches e Fantomas*, Funchal, s.e., 1987.

⁵⁷ *Idem*, p. 164.

⁵⁸ *Evocação de Luzia, no 11º aniversário da sua morte*, Funchal.

prestaram hoje homenagem à escritora que mais «declarações de amor» fez à Madeira”⁵⁹, Luzia, e, nesse mesmo artigo, Teresa Leitão de Barros presta também homenagem a Luzia, traçando-lhe um breve percorrido biográfico, bem como uma exposição sobre as obras que escreveu, referindo que para além das obras publicadas, escreveu “outras obras, constituídas por simples apanhados dos milhares de páginas – «Correspondência» e «Jornal» – que ia escrevendo sempre que o sofrimento lhe concedia horas de tréguas”⁶⁰.

Ainda no mesmo artigo, bastante extenso, conta peripécias da amizade travada com Luzia, referindo que:

*Como derradeira prova de afeição e confiança, Luzia deixou-me a propriedade literária das suas obras e os seus manuscritos inéditos. Espero que graças a estes – e publicando apenas uma pequena parte do muito que preciosamente guardo – ainda apresentarei mais um testemunho de que Luzia foi, na verdade, uma escritora “impar” em nossa assembleia magna de poetisas [...] O seu encontro com as letras não foi um “béguin” de senhora de sociedade, ociosa e fútil – como alguns, ou sobretudo “algumas” quiseram fazer crer – mas uma afirmação de real valor, que a sua obra póstuma só virá confirmar.*⁶¹

José Martins dos Santos Conde refere também, no seu livro, um artigo de Teresa Leitão de Barros, publicado no *Diário de Lisboa*, a 10 de dezembro de 1956, em que a jornalista menciona, tal como no artigo de jornal anterior, que não sabe bem que aspeto revestiram, no Funchal, as comemorações de mais um aniversário da morte de Luzia. E ao longo do artigo conta algumas das peripécias que viveu com Luzia, referindo mais uma vez a posse dos inéditos da escritora: “As suas obras inéditas, em meu poder – última e desvanecedora prova de confiança que lhe fiquei devendo [...]”⁶².

Infelizmente, Teresa Leitão de Barros, munida de tão preciosos documentos de Luzia, nada mais publicou, deixando que a amiga caísse no esquecimento nacional, apesar de a escritora lhe ter confiado e dado tanto.

Também o *Diário Popular*, a 13 de dezembro de 1956, lembra a morte de Luzia, onze anos antes, com um pequeno artigo que entre outras coisas, refere a fina sensibilidade de Luzia, comentando que “sob a forma da ironia

⁵⁹ Artigo de jornal escrito por Teresa Leitão de Barros, em 10 de dezembro de 1956, fotocópia cedida por Conceição Saporiti (prima de Luísa Grande) sem referência ao nome do jornal.

⁶⁰ *Ibidem*.

⁶¹ *Ibidem*.

⁶² *Luzia, o Eça de Queiroz de Saias*, Portalegre, Edição de autor, 1990, p. 93.

suave e despretensiosa escondia-se um espírito compassivo, atento às dores do mundo e às ansiedades do coração”⁶³.

O *Diário de Notícias* de 13 de dezembro de 1956⁶⁴ faz uma homenagem a Luzia, com um artigo de Augusto de Castro em que este começa por referir o fulgor do olhar de Luzia, descrevendo uma visita que lhe fez “na sua linda casa do Funchal”. Expõe que, nessa visita, num período em que a escritora ainda convalescia de uma doença que a deixara quase moribunda, Luzia lhe diz que lhe escreveu uma grande carta, pois queria fazer-lhe umas recomendações. Mas, como estava melhor, ficava para outra vez, quando fosse a última. Augusto de Castro refere que Luzia morre pouco tempo depois, e que nunca chegou a receber “a carta que ela provavelmente rasgou e que deveria ser qualquer coisa como o seu testamento literário”. Augusto de Castro tece ainda elogios a Luzia, à sua personalidade, sensibilidade e qualidades literárias, contando as suas viagens por Itália e França, e referindo que “Luzia era, ela própria, um salão literário”, deixando impresso no artigo o receio: “que as novas gerações não compreendam muito esse lento e subtil jeito de vaguear sobre as ideias e as pessoas, os sentimentos, a arte e a vida que era a grande vocação dessa viajante literária que foi Luzia”⁶⁵.

Em 1957, a *Revista de Cultura da Sociedade de Concertos da Madeira*, publica três inéditos de Luzia, mencionando:

Na passagem de mais um aniversário da morte [...] de “Luzia”, a imprensa do país prestou unanimemente homenagem à sua memória, pondo em justo e merecido relevo essa aliciante figura de mulher e de intelectual.

*Os principais jornais e revistas portugueses publicaram então estudos firmados por nomes largamente acreditados nas letras nacionais. A personalidade de Luzia, espiritualmente alta, inconfundível, foi vista sob múltiplos aspetos, sobretudo como mulher de letras – conquanto nunca lhe tivesse agradado esta designação específica, posto que escrevia por necessidade de comunicação, num espontâneo movimento interior de desabafo e de compreensão, o que empresta particularmente à sua obra o carácter epistolar, tão vivo, rico e expressivo.*⁶⁶

Conde apresenta também um artigo de Maria do Carmo Rodrigues, que apareceu no *Diário Ilustrado*, a 2 de fevereiro de 1957, artigo este que tece largos

⁶³ *Diário Popular*, 13.12.1956.

⁶⁴ *Diário de Notícias*, 13.12.1956.

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ “Três Inéditos de Luzia”, *op. cit.*, p. 12.

elogios à alma e à obra de Luzia do qual se apresenta apenas um pequeníssimo excerto:

Ninguém melhor do que Luzia falou do céu, dos crepúsculos, dos silêncios do *Hameau*, do cantar do rouxinol... no canto do jardim. Verdadeira artista na arte de ouvir vozes. Mais do que literatura, há vozes nos seus livros. Tão espontaneamente transpostas que temos a impressão de assistir a um espetáculo onde se movimentam figuras tão vivas e humanas, que logo as ficamos conhecendo por dentro”⁶⁷.

A 9 de agosto de 1973, o *Diário de Notícias* publica um artigo sobre Luzia, referindo-se à iniciativa da Câmara Municipal de Portalegre de dar o nome de Luzia à principal avenida do novo bairro de S. Bernardo. Para além disso, neste mesmo artigo, há a referência aos seus inéditos, referindo que a escritora nunca gostou que lhe chamassem “mulher de letras”, “não obstante ter publicado uma dezena de obras e deixado, inéditas, centenas de páginas de um curiosíssimo «Diário» e de «Correspondência», à altura das melhores que escreveu, mas à espera de editor”. É referido também que Teresa Leitão de Barros é a guardiã dos imensos inéditos, e sendo companheira de trabalho de quem escreve o artigo, pôs à disposição deste os papéis, dos quais ambos escolhem ao acaso um apontamento datado de março de 1910, no qual Luzia se mostra entristecida com tudo o que a primavera promete “e vem-me o terror da estação amorosamente linda que começa, que promete mil coisas e acorda mil coisas, esperanças, saudades...”⁶⁸.

A 22 de maio de 1974, Irene Gil escreve sobre Luzia no *Notícias de Lourenço Marques*, terminando o artigo da seguinte forma:

Nascida no último quarto do século passado em Portalegre, foi em 1945 que para sempre os olhos se lhe fecharam no Funchal, cidade que muito amava. Conhecida e admirada pelos seus contemporâneos julgo que, talvez por não ter tido filhos que por isso velassem, as edições dos seus livros se foram pouco a pouco esgotando, e difícil será hoje encontrá-los. Mas a sua recordação perdurará nos leitores para quem a sua prosa foi fonte de perene encantamento – aqueles ami-

⁶⁷ Maria do Carmo Rodrigues, *apud* José Martins dos Santos Conde, *Luzia, o Eça de Queiroz de Saias*, Portalegre, Edição de autor, 1990, pp. 98-99.

⁶⁸ *Diário de Notícias*, 09.08.1973, fotocópia de artigo cedida por Conceição Saporiti (prima de Luísa Grande) sem referência ao nome do autor do artigo.

*gos desconhecidos de quem – e com quanta verdade! – ela dizia serem os que melhor nos conhecem.*⁶⁹

Em 1981, Luísa F. Lopes da Silva escreve que Luzia tem “no mundo das letras um lugar de destaque; um lugar estável, donde jamais sairá, e cujo acesso tão difícil se torna a qualquer mortal. Se Luzia não teve um lar fixo, teve, e disso não resta dúvida, uma obra admirável a rodeá-la, e que o tempo jamais destruirá”⁷⁰.

Como se pode observar ao longo destes trechos, são várias as referências feitas a inéditos e à obra que Luzia deixou pronta para publicação, mas que ficou até aos dias de hoje resguardado pelas sombras. Ricardo Nascimento Jardim refere: “O sopro de alento que lhe restava, permitiu-lhe escrever ainda outro livro que infelizmente nunca chegou a ser publicado”⁷¹. Também no *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses* é feita uma referência a este inédito: “Tinha em preparação o livro «Pelos Caminhos da Vida»”⁷².

Esta obra tantas vezes referida acabou por perder-se mesmo *pelos caminhos da vida*, bem como todas as obras da autora, que acabaram por cair no esquecimento nacional, sendo a autora apenas lembrada e conhecida por muito poucos.

No seu livro, José Martins dos Santos Conde menciona que “Luzia foi uma pena brilhante, de projeção nacional e mesmo europeia, e uma artista de sensibilidade profunda e vibrátil. Sem dúvida, ela deve ocupar um dos primeiros lugares no panorama da literatura feminina portuguesa”⁷³.

O estudo desta autora e da sua obra consolida essa ideia. Reconhecida e elogiada pela sociedade da sua época, continua a ser tida como uma excelente escritora por quem a conheceu mesmo depois da morte, até cair nas teias do esquecimento quando os que conviveram com ela ou se interessaram pela autora acabaram por falecer.

⁶⁹ Irene Gil, *apud*, José Martins dos Santos Conde, *Luzia, o Eça de Queiroz de Saias*, Portalegre, Edição de autor, 1990, p. 102.

⁷⁰ *Roteiro e subsídios para a história da cidade de Portalegre*, Portalegre, s.e., 1981, p. 95.

⁷¹ Ricardo Nascimento Jardim, *op. cit.*, p. 165.

⁷² *Op. cit.*, p. 251.

⁷³ *Op. cit.*, p. 132.

CONCLUSÃO

Luzia, uma alma sensível, errante e vagabunda por entre as multidões. Alma de poeta, cheia de sonhos, ilusões e paixões que a vida foi desgastando.

Luísa e Luzia dois nomes que se fundem. Vida e obra, realidade e ficção entrelaçam-se para contar uma história, para dar a conhecer o verdadeiro “eu” da fada, mulher e escritora. O encontro consigo mesma foi o que Luzia procurou toda a sua vida, experimentando-se, estranhando-se, vagabundando.

Vivia deslocada do seu meio, do seu reino alado, rodeada de gentes e modos que não compreendia, que não se ligavam ao seu sentir, e a amarguravam, obrigando-a a usar máscaras, com as quais muitas vezes se enganava a si própria, fazendo uso da irreverência, do riso, e da ironia como forma de se proteger do ambiente árido em que achava que vivia:

Continuo triste e estranha, embora todos me achem alegre, divertida, como sempre tive fama de ser e, na engrenagem dos “bridges”, jantares e chás em que, sem saber como, já me sinto metida, o meu riso canta tão alto, tão sonoro que, às vezes, a mim própria engana. Mas o engano não dura. Rio por orgulho, talvez que também por um resto de “coquetterie”. Toda a mulher consciente ou inconscientemente é “coquette” até morrer. Sei que o riso me rejuvenesce. É o meu “maquillage”...

*Quando ao voltar a casa, tiro a máscara, tenho vontade de chorar...*⁷⁴

Por detrás de todas as imagens que cria, da sua multiplicidade, a escritora é um ser essencialmente romântico, já que dentro do seu ser é o sentimento romântico que prevalece, roçando frequentemente uma tendência decadentista. Um ser romântico que habita numa época de tendências realistas

⁷⁴ Apud *Evocação de Luzia, no 11º aniversário da sua morte*, Funchal.

e que tem de lidar com o mundo de máscaras no qual vive, com a dualidade do ser/parecer, adotando na sua análise da sociedade uma lente irónica e crítica, queirosiana. Luzia movia-se num meio em que prevaleciam as aparências, e tantas vezes teve de usar máscaras para se adaptar ao meio, queixando-se da dificuldade em saber qual o seu verdadeiro “eu”.

O reino encantado (desde a infância, que as fadas e a natureza lhe serviram como uma proteção em relação ao mundo exterior) e o seu sentido crítico em relação à sociedade, serviam-lhe de refúgio, eram locais onde o seu “eu” ainda se matinha íntegro.

Esta investigação pretendeu dar a conhecer quem foi Luzia, quais as circunstâncias marcantes da sua vida, como se relacionava e via o seu meio a partir do ser delicado que era, tanto na sua constituição física e indumentária, como nas suas atitudes e formas de se relacionar com os demais.

Até os amigos que com ela conviviam, a consideravam um ser alado. Augusto de Castro escreve num artigo de jornal: “Passaram onze anos sobre o desaparecimento desse admirável e frágil espírito – tão forte, tão aladamente frágil! – que viveu de ramo em ramo, de árvore em árvore, de jardim em jardim, espalhando convívio, amizade, «rosas de verão» e talento, num bater de asas douradas e inquietas”⁷⁵.

Percebe-se através deste estudo de que forma a vivência de Luzia e a sua busca do “eu” marcaram a estrutura da sua obra literária, pois este processo de experiência/conhecimento é o verdadeiro sujeito/objeto da sua produção estética.

As várias referências à morte do pai, pessoa que mais adorou em toda a sua vida, pontuam as obras da autora, pois foi a partir deste sentimento de perda que Luzia iniciou a sua eterna busca do “eu”, explorando temáticas recorrentes em toda a obra, como a saudade, as sombras e a sensação de estranheza em relação aos outros e ao mundo.

A desilusão e sofrimento vividos com o casamento e posterior divórcio quase fizeram Luzia perder o contacto com a própria realidade, tal foi a escuridão em que mergulhou e que expressa nos seus textos. Foi a sua ligação à natureza e aos reinos mágicos que construía e privilegiara na infância a que recorreu mais uma vez, permitindo-lhe o distanciamento de uma situação que a assustava, a permanência na loucura. O seu reino mágico é um

⁷⁵ *Diário de Notícias*, 13.12.1956.

reino de amor, o reino no qual a escritora volta atrás no tempo e volta a ser ela mesma, cheia de sonhos, ilusões, paixão e amor.

Para além do contacto com o reino alado, outra tábua de salvação para Luzia foi a leitura, paixão e paraíso de Luzia desde tenra idade, no qual a escritora se refugiava de tudo o que lhe fazia mal e que teve também uma grande influência na sua escrita.

Através da análise da vida de Luzia, das suas cartas, papéis íntimos e dos seus livros, conclui-se que a obra revela toda a sua vida, embora muitos dos nomes, acontecimentos e factos fossem, quase sempre, trabalhados literariamente, ficcionalmente. As cartas, diários e blocos de notas foram a matéria-prima da sua obra. A forma como compilou, organizou e reescreveu, transformando em quadros vivos tudo o que descrevia, dá ao leitor vontade de experimentar e visualizar cada paisagem, sem nunca se apressar, demonstrando a escritora de excelência que foi Luzia, que criou uma obra em que o seu todo é maior que a soma das suas partes.

Os grandes nomes da literatura da época, as personalidades ilustres admiravam e teciam considerações elogiosas a Luzia e à sua obra.

O seu nome, como se pode observar com o decorrer desta investigação, andava lado a lado com os nomes que hoje reconhecemos como relevantes para a história da literatura portuguesa, sendo unanimemente considerada uma mulher de letras, admirada por todos, e que deixou um traço de originalidade na sua época.

Escreveu e assumiu-se como mulher, sem se esconder atrás de uma voz informal ou masculina. Este é o seu fator distintivo no contexto nacional, numa época em que muitas mulheres escreviam, mas dedicando-se comumente à pedagogia, literatura infantil, ou tentando imitar o estilo de escrita masculino.

Mesmo depois da sua morte, Luzia continuou a ser referenciada e elogiada, existindo um consenso comum, entre as personalidades da época, em considerar Luzia como uma das maiores escritoras portuguesas, existindo a convicção de que Luzia tinha criado uma obra que jamais seria destruída com o passar do tempo. Como é possível, então, que uma escritora que teve os seus livros expostos nas montras das livrarias, lado a lado com os de Eça de Queirós, continue a ser ignorada no panorama literário português?

Com esta investigação foi possível trazer à atualidade a memória de uma escritora, que, como se pode ver, caiu injustamente no esquecimento. A in-

investigação demonstrou a riqueza dos seus textos literários, as múltiplas faces dignas de uma continuação de estudos sobre a obra da autora. Contudo, no decorrer da investigação não se chegou a nenhuma conclusão irrefutável sobre a causa do esquecimento de Luzia. Apenas se pode avançar com suposições sobre algumas das causas. O facto de não ter tido filhos que zelassem pela sua obra é uma delas. Crê-se também que a obra de Luzia, especialmente os seus inéditos, desagradariam pelo conteúdo a muita gente de poder na sociedade de então, e possivelmente também à família, uma vez que Luzia deixou os seus papéis a duas amigas distintas, e não a um membro da família e pede também, em testamento, para ser sepultada no jazigo da prima, D. Ana de Ornelas Cisneiros Gubian, em detrimento do jazigo do avô Nuno de Freitas Lomelino.

Apesar de todo o empenho e esforço concedido a esta investigação, muitas questões ficaram por responder, deixando em aberto caminhos para futuras pesquisas, que não caberiam no teor deste livro.

A obra e a vida de Luzia merecem ser investigadas e analisadas, pois os seus textos possuem riqueza e relevância para a cultura e literatura portuguesa. Das descrições do meio ambiente e social da Madeira, ao relato sobre o meio social português de início do século XX, passando pela descrição de momentos históricos nacionais e mundiais de extrema importância, Luzia foi testemunha do seu tempo, de forma crítica e bem-humorada, retratando o mundo que a rodeava.

Luzia merece uma detalhada e profunda análise literária, que a coloque de novo como uma das melhores escritoras de Portugal e que a resgate para o panorama literário atual, reconhecendo-lhe o valor e o traço de originalidade com que marcou a sua época.

Luzia, mulher e escritora, desde muito jovem percebeu a efemeridade da vida, mas usou a escrita para fixar as *nuances* efémeras da existência, denunciando, sonhando, rindo e chorando, vagabundando pela sociedade e pela alma humana.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Luzia:

“A lenda das estrelas” in *Correio da Manhã*, 08.01.1894.

Os que se divertem, A comédia da vida, 1ª edição, Lisboa, s.e., 1920.

Os que se divertem, A comédia da vida, 2ª edição, Lisboa, Guimarães & C.^a, s.d.

Os que se divertem, A comédia da vida, 3ª edição aumentada e com ilustrações de Bernardo Marques, Lisboa, s.e., 1929.

Rindo e Chorando, Lisboa, Portugalíia, 1922.

Cartas do Campo e da Cidade, Lisboa, Portugalíia, 1923.

Cartas d'uma Vagabunda, Lisboa, Portugalíia, s.d.

Sobre a vida... sobre a morte, máximas e reflexões, Lisboa, s.e., 1931.

Almas e terras onde eu passei, Lisboa, Edições Europa, 1936.

Última Rosa de Verão, Lisboa, Portugalíia, 1940.

Lições da vida, Lisboa, Portugalíia, 1941.

Dias que já lá vão, Porto, Livraria Tavares Martins, 1946.

“Ruas”, *Bem Viver* (dir. Fernanda Castro), ano 1, n.º 7, 1953, Lisboa.

Obras de apoio:

BACHELARD, Gaston, *A Água e os Sonhos, Ensaio sobre a imaginação da matéria*, São Paulo, Martins Fontes, 1998.

BAUMER, Franklin, *O Pensamento Europeu Moderno*, Volume II, *Séculos XIX e XX*, Lisboa, Edições 70, 1990.

BRAGANÇA, António, *Lições de Literatura Portuguesa, 2º Ano do Curso Complementar, (Séc. XIX e XX)*, 12ª ed., vol. 3, Porto, Livraria Escolar Infante, 1978.

CASTRO, Fernanda, *Ao Fim da Memória (Memórias 1906-1939)*, vol. I, Lisboa, Verbo, 1986.

CASTRO, Fernanda, *Ao Fim da Memória (Memórias 1906-1939)*, vol. II, Lisboa, Verbo, 1986.

CARVALHO, Ana, “Filipa Nesse Dia de Urbano Tavares Rodrigues: uma viagem deli(er)rante e «heliocêntrica» ou a busca do sentido”, in *Literatura de Viagem*, Ana Margarida Falcão, et al. (org.), Lisboa, Ed. Cosmos, 1997.

CASCÃO, Rui, “Família e divórcio na primeira república” in *A Mulher na Sociedade Portuguesa, Visão Histórica e Perspectivas Actuais, Actas do Colóquio*, 1, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 1986.

CASTANHO, Joaquim, “Do Verbo Andarilho nas Fadas de Portus Alacer” in *Plátano*, Revista de Arte e Crítica de Portalegre, nº 5, 2012, pp. 5-7.

CHEVALIER, Jean, CHEEBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos, Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, Lisboa, Teorema, 1994.

CHORÃO, João Bigotte, *O escritor na cidade*, Lisboa, Editorial Verbo, 1986.

CIDADE, Hernâni, *O Conceito de Poesia Como Expressão da Cultura, Sua Evolução Através das Literaturas Portuguesa e Brasileira*, 2ª Edição, Coimbra, Armínio Amado, 1957.

CLODE, Luís Peter, *Descendência de D. Gonçalo Afonso D’Avis Trastâmara Fernandes, O Máscara de Ferro Português*, Funchal, Direção Regional dos Assuntos Culturais, 1987.

CLODE, Luís Peter, *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses, século XIX e XX*, Funchal, Caixa Económica do Funchal, 1983.

CLODE, Luís Peter, *Registo Genealógico de Famílias que passaram à Madeira*, Funchal, Typografia Comercial, 1950.

CLODE, Luís Peter (direção), “Três Inéditos de Luzia”, *Das Artes e da História da Madeira*, Revista de Cultura da Sociedade de Concertos da Madeira, v. 5, n.º 25, 1957.

CONDE, José Martins dos Santos, *Luzia, o Eça de Queiroz de Saias*, Portalegre, Edição de autor, 1990.

CRUZ, Visconde do Porto da, *Notas & Comentários para a História Literária da Madeira*, III Volume, 3.º Período 1910-1953, Funchal, Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1953.

EMONTS, Anne Martina, “*Cartas do Campo e da Cidade*”, LUZIA no seu jogo de identidades, in *Lusofonia: Tempo de Reciprocidades, Actas do IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Vol. I, Porto, Edições Afrontamento, 2011.

FREYRE, Gilberto, *Modos de homem & modas de mulher*, Rio de Janeiro, Record, 1986.

HOE, Susana, *Madeira Women, History, Books & Places*, Oxford, Holo Books, 2004.

JARDIM, Ricardo Nascimento, *Fantoches e Fantasma*s, Funchal, s.e., 1987.

LOPES, Ana Maria Costa, *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos – Percursos de Modernidade*, s.l., Quimera, 2005.

MEIRA, Maria José, “A viagem no imaginário ficcional de Mário de Sá-Carneiro” in *Literatura de Viagem*, Ana Margarida Falcão, et al. (org.), Lisboa, Ed. Cosmos, 1997.

MOISÉS, Massaud, *As Estéticas Literárias em Portugal*, Volume II, Séculos XVIII e XIX, Lisboa, Caminho, 2000.

OLIVEIRA, Américo Lopes de, *Dicionário de Mulheres Célebres*, Porto, Lello & Irmão, 1981.

ONFRAY, Michel, *Teoria da Viagem, Uma Poética da Geografia*, Lisboa, Quetzal Editores, 2009.

PESSOA, Fernando, *Livro do Desassossego, Composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*, 3^a edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001.

REIMÃO, Cassiano, *Consciência, Dialética e Ética em J.-P. Sartre*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

RONNBERG, Ami (dir.), *O Livro dos Símbolos, Reflexões Sobre Imagens Arquéticas*, s.l., Taschen, 2012.

SAINZ-TRUEVA, José, “O Solar de Nossa Senhora da Piedade” in *Atlântico. Revista temas culturais*, n^o 20, 1989, pp. 295-304.

SILVA, Luísa F. Lopes da, *Roteiro e subsídios para a história da cidade de Portalegre*, Portalegre, s.e., 1981.

SOARES, Feliciano, *Luzia – Espectadora das Comédias do Mundo*, inédito, Instituto de Coimbra, s.d.

TRIGUEIROS, Luís Forjaz, “Literatura de Viagens”, in *Dicionário de Literatura*, 3^a ed., Vol. 4, Porto, Figueirinhas, 1987.

Periódicos, documentos de arquivo e outros:

Artigo de Jornal escrito por Teresa Leitão de Barros, em 10 de dezembro de 1956, fotocópia cedida por Conceição Saporiti (prima de Luísa Grande) sem referência ao nome do jornal.

Cartas de José Martins dos Santos Conde a José de Sainz-Trueva, relativas a Luzia, espólio de José de Sainz-Trueva, Arquivo Regional da Madeira.

CASTRO, Augusto de, “Assim foi Luzia” in *Diário de Notícias* de 13.12.1956.
Diário de Notícias do Funchal, 04.04.1896.

Diário de Notícias de 09.08.1973 (fotocópia de artigo cedida por Conceição Saporiti, prima de Luísa Grande, sem referência ao nome do autor do artigo).

Diário Popular, 13.12.1956.

Evocação de Luzia, no 11º aniversário da sua morte, Funchal, s.e., s.d.

“Justa Homenagem” in *A Rabeca*, 02.08.1973.

LEITE, Fausto Correia, *Lados da Vida*, Antena 1, 8 de junho de 1988 (peça radiofónica).

Madeira na Escrita, entrevista realizada a Martina Emonts, relativa a Luzia, emitida em 28 de outubro de 2007, Funchal, RTP Madeira.

Manuscrito de Luísa Grande ao seu parente Rui Bettencurt da Câmara, espólio de José de Sainz-Trueva, Arquivo Regional da Madeira.

Postal escrito a Luísa Grande, espólio de José de Sainz-Trueva, Arquivo Regional da Madeira.

Registo de batismo de Ana Luísa (irmã de Luísa Grande), Arquivo Regional da Madeira, livro 1372.

Registo de batismo de Luísa Grande, Arquivo Distrital de Portalegre.

Registo de casamento de Luísa Grande de Freitas Lomelino e Francisco João de Vasconcelos Couto Cardoso, Livro 6814 A, Arquivo Regional da Madeira.

Registo de óbito de Luísa Grande, nº 1569, Arquivo Regional da Madeira.

Registo de óbito de Luísa Lomelino Dias Grande (mãe de Luísa Grande), Arquivo Distrital de Portalegre.

Registo passaporte de Luísa Grande, Passaporte nº 613, Arquivo Regional da Madeira.

Registo de passaporte de Francisco João de Vasconcelos Couto Cardoso (marido de Luísa Grande), Passaporte nº 8, Arquivo Regional da Madeira.

Registo de Passaporte de Rosa Cascão (empregada pessoal de Luísa Grande), Passaporte nº 614, Arquivo Regional da Madeira.

Testamento de Luísa Grande, Arquivo Regional da Madeira.

Documentos eletrónicos:

CASTANHO, Joaquim, *Um ponto de vista...*, consultado em 20 de junho de 2012 através de <<http://escribalistas.blogspot.pt>>.

ANEXOS

Anexo 1 – Estrangeirismos presentes na obra *Os que se divertem, A comédia da vida*, 2^o edição

Abat-jour, *fr.* Quebra-luz. “Acendem-se as luzes, veladas por discretos **abat-jours**.” (“As quintas-feiras de Joana”, p. 18).

All right, *ingl.* Tudo certo, muito bem, isso mesmo, de acordo. “**All right**. Às 4 horas.” (“Em casa da Bruxa”, p. 115).

Almées, *fr.* Mulher Indiana cuja profissão é improvisar versos, cantar e dançar em festas, acompanhada de flautas e címbalos. “– Ou como as **almées** nos romances de Loti...” (“As conquistas de João”, p. 91).

Ancient regime, *fr.* Antigo Régimen; antiga ordem das coisas; inicialmente; o estado social e político da França até à Revolução (1789); a antiga monarquia dos Bourbons. “Pousa para o género respeitável, **ancient regime**.” (“Chá de novas ricas”, p. 159).

Appartement, *fr.* Já adaptado em *apartamento*: instalação composta de várias divisões; aposento, quarto, residência. “S. Ex.as tomaram um **appartement** de príncipes no Hotel Meurice...” (“Duelo”, p. 63).

At home, *ingl.* Em casa, no lar. “Madre Paula nos Alamos, fica **at home**, quase como em Odivelas.” (“As cartas de Clara”, p. 155).

Baccarat, *fr.* Jogo de cartas. “Por causa do **baccarat**? Houve outra vez rombo nas finanças?” (“Mariquinhas tem ciúmes...”, p. 77).

Bahuts, *fr.* Caixa de madeira. “Os preciosos **bahuts** da tia Duquesa revolidos de cima a baixo.” (“Boatos”, p. 100).

Bandós, *fr.* Cada parte do cabelo que, em certo penteado feminino, assenta de cada lado da testa “– Farto-me de repetir-lhe isso todos os dias. Já lhe aconselhei que use **bandós**...” (“A educação de Mariquinhas”, p. 70).

Barrette, *fr.* Barrinha; alfinete de segurança. “Põe-se-lhe uma **barrette**, madame Santos, não lhe dê cuidado.” (“Na loja dos chapéus”, p. 21).

Béguin, *fr.* Paixão amorosa passageira; pessoa que é objeto dessa paixão; gosto especial por qualquer coisa. “Mariquinhas ainda te há de inspirar um **béguin**.” (“Paulo vai casar”, p. 44).

Béret, *fr.* Boina. “D. Rosalina, a *vendeuse* magra, pasmava para nós, com um **béret** vermelho na mão.” (“Na loja dos chapéus”, p. 23).

Bibliothèque Rose, *fr.* Coleção de livros para crianças. “Era tudo o que pode haver de mais secante, em género **Bibliothèque Rose**.” (“As cartas de Clara”, p. 149).

Bijou, *fr.* Joia, mimo. Usa-se em português em sentido figurativo: “belezinha”. “o ranchinho passou logo a discutir a grande amiga da Sr.^a Viscondessa, essa secretária da Rússia, para uns, estranho **bijou** de mulher, com os seus olhos garços e o seu cabelo loiro, para outros implicativa boneca, pintada, estofada, pretensiosa e estúpida.” (“Uma escrava do *chic*”, p. 41).

Blasé, *fr.* Enfastiado, farto; que tem os sentidos amolecidos pelos excessos; que fica indiferente perante o que lhe diz respeito. “MARIA DA LUZ (irónica) – **Blasé**? PAULO (sombrio) – Farto até aos olhos...” (“Mariquinhas tem ciúmes...”, p. 77).

Bluff, *ingl.* Burla, engano, logro. “Uma maçada, filha! Joguei o **bluff** em casa da Mariana, que toda a noite descompôs os parceiros. Perdia cinco mil reis.” (“As quintas-feiras de Joana”, p. 10).

Bon gré mal gré, *fr.* Quer queira quer não. “No meu terror doentio da multidão, fui a última a subir e como me demorasse um pouco, atrapalhada com o regalo, o chapéu-de-chuva e a capa de peles que Antónia, **bon gré mal gré**, me pendurara no braço, o condutor berrou furioso.” (“No elétrico d’Algés”, p. 133).

Bonbon, *fr.* Confeito para ser trincado ou chupado. “Recebi ontem de manhã os **bonbons**, à noite os cigarros, esta manhã as orquídeas, os cravos.” (“Mariquinhas tem ciúmes...”, p. 80).

Bonnet, *fr.* Gorro. “Dois rapazes passaram de **bonnet** sobre os olhos, calças estreitas de fadistas, gravatas vermelhas, e disseram alto muito provocantes [...]” (“Boatos”, p. 98).

Bouquet, *fr.* Ramalhete; aroma do vinho. “Quinta do Duque, um **bouquet** lindo de árvores, com as folhas doiradas, debruçava-se do muro.” (“No eléctrico d’Algés”, p. 139).

Boutade, *fr.* Dito espirituoso. “MARQUEZA (atalhando vivamente; tem o terror das **boutades** de Pedro) – Contem-me vocês, toda essa reinação...” (“Velhas”, p. 202).

Bric-à-brac, *fr.* Amontoado de objetos desusados para venda, estabelecimento de antiquário. “No indicador uma esmeralda monstro, que pertenceu a Nero (comprou-a ontem no **bric-à-brac** da rua do Alecrim).” (“Chá de novas ricas”, p. 160).

Bridge, *ingl.* Tipo de placa dentária; jogo de cartas derivado do *whist*, praticado por quatro elementos, dois contra dois, com baralho de 52 cartas. “Só anteontem no **bridge** da Joana, ela deu um arzinho da sua graça, começou a domesticar-se...” (“As conquistas de João”, p. 18).

Buffet, *fr.* É uma forma de servir comida a uma grande quantidade de pessoas. De maneira geral a comida é exposta em uma ou mais mesas para que o consumidor se sirva sozinho em uma ou mais passagens. “Depois, num movimento brusco, levantou-se, enfiou-lhe o braço, pediu-lhe que a levasse ao **buffet**. Tinha uma destas fomes!” (“As conquistas de João”, p. 88).

Canaille, *fr.* Pessoa desonesta, sem moral. “O tango divertia-a, achava pândego, **canaille**, tinha pilhéria, lembrava coisas ...” (“As conquistas de João”, p. 89).

Canotier, *fr.* Tipo de chapéu de palha para homem. “Mariquinhas Santos, que é amarela e magríssima, desaparecia sobre um enorme **canotier** onde uma grande pomba abria as asas inquietas.” (“Na loja dos chapéus”, p. 21).

Capeline, *fr.* Tipo de chapéu para senhoras. “enquanto Mariquinhas, cada vez mais triste e mais amarela, tornava a desaparecer, sob as asas duma **capeline** enorme, onde uma vistosa galinha da Índia, se agachava como para chocar os ovos.” (“Na loja dos chapéus”, p. 22).

Carnet, *fr.* Caderno, pequeno livro de notas. “Toma aspirina. Consulta o seu **carnet**.” (“Uma escrava do *chic*”, p. 33).

Chaise longue, *fr.* Canapé com encosto só numa das extremidades. “Sou apenas um corpo preguiçoso que vou estender na **chaise longue** da minha varanda, e uns olhos ávidos, encantados que vão beber toda a beleza da terra...” (“As cartas de Clara”, p. 151).

Champagne, *fr.* Do top. *Champagne*, região de França. Já aportuguesado: *champanhe*. “Não há como o **Champagne** para dar ideias alegres.” (“As conquistas de João”, p. 88).

Chauffeur, *fr.* Já aportuguesado em *chofer*, com sinónimo motorista. “A Sr.^a D. Teresa seguiu há bocado para lá, mas por precaução, levava um mari-nheiro ao lado do **chauffeur**.” (“Boatos”, p. 95).

Chef d’oeuvre, *fr.* Obra-prima. “Mas a carta do poeta, aliás bem escrita... Oh! um pequeno **chef d’oeuvre**, em que se reúne os seus dois géneros – nebuloso e para gente conhecida – põe-na fora de si.” (“Uma escrava do *chic*”, p. 35).

Chic, *fr.* Já aportuguesado: *chique*. “Paulo, ultra distinto. Ultra **chic**. Agora é que os seus olhos cortam como aço...” (“A educação de mariquinhas”, p. 69).

Chiffons, *fr.* Trapo; tecido. “A gordíssima *Lady Stanhope*, envolta em véus, em *écharpes*, em **chiffons**, fingia de magra, como sempre.” (“As cartas de Clara”, p. 147).

Cloche, *fr.* Sino. Tipo de chapéu de senhora. “Aproximava-se a hora do chá. Tirei o meu **cloche**.” (“Na loja dos chapéus”, p. 29).

Cocotte, *fr.* Mundana, mulher galante. “Oh! Paris, Paris, chás do Ritz entre elegantes diplomatas, ceias na Abbaye, entre bonitas **cocottes**... e todas, diplomatas e **cocottes**, doidas, perdidas de amor por ele!” (“As conquistas de João”, p. 86).

Coquetterie, *fr.* Elegância, graciosidade, galanteria, garridice. “Ah! Maria da Luz, receio que desta vez a tua desalmada, cruel **coquetterie** tenha consequências funestas.” (“Mariquinhas tem ciúmes...”, p. 81).

Coup de foudre, *fr.* Acontecimento súbito; paixão à primeira vista; mais raro, desgraça repentina. “Foi o **coup de foudre!**” (“Paulo vai casar”, p. 48).

Crochet, *fr.* Trabalho de malha ou renda, feito com agulha especial; adaptado: croché. “Faziam-se preparativos. Levava-se merenda e **crochet**.” (“No elétrico d’Algés”, p. 135).

Croquette, *fr.* Pastel cilíndrico de batata com recheio de peixe ou carne. “Pedi **croquettes**, depois aquela salada de frutas que rescendia a ananás.” (“As conquistas de João”, p. 89).

Dandy, *ingl.* Janota, peralta. “Na porta da Havaneza postavam-se irrepreensíveis, tão antigos alguns e parecendo novinhos em folha, os **dandies** que lá tínhamos deixado no princípio do verão...” (“No Chiado”, p. 127).

Darling, *ingl.* Querido, querida. “**Darling**. (noutro tom) Está claro ela foi logo ao dicionário...” (“Mariquinhas tem ciúmes”..., p. 80).

Démodé, *fr.* Fora de moda, desusado, antiquado. “Mrs. Hill tinha um vestido de veludo, um pouco **démodé**, que lhe acentuava aquele seu lindo ar de figura de leque antigo.” (“As Cartas de Clara”, p. 146).

Diseur, *fr.* Declamador, recitador. “Dois dias depois, no Palacete da Lapa, diante da mais seleta assistência, Julinho de Paiva, o nosso incomparável **diseur**, recitava com ênfase dirigindo-se ora para o lado de Teresa, ora para o lado de Joana.” (“Intrigas...”, p. 112).

Drapé, *fr.* Emprega-se com tecido arranjado de maneira que fique ondulado, espesso, estofado. “viera provar um *tea gown* de veludo cor de cravo e resolvera encomendar mais seis vestidos que, já se vê, eram **drapés** como as túnicas gregas, sobre o seu corpo perfeito d’estatua.” (“Boatos”, p. 93).

Écharpe, *fr.* Faixa de tecido; banda. “A gordíssima *Lady Stanhope*, envolta em véus, em **écharpes**, em *chiffons*, fingia de magra, como sempre.” (“As cartas de Clara”, p. 147).

Éclair, *fr.* Relâmpago; fecho de correr (por causa da rapidez com que funciona); bolo recheado com creme. “Um **éclair**, Sr. Girassol?” (“Crianças”, p. 180).

Édredon, *fr.* Coberta de cama muito leve. “É a forte tentação, a almofada de penas, com a sua fronha de Bretanha finíssima – um tamanho de luxo de *lingerie*! – o quente **édredon**, segredando-lhe mil coisas frementes e doidas...” (“Uma escrava do *chic*”, p. 31).

Égayer, *fr.* Alegrar. “Detalharam minuciosamente todos os recantos mais íntimos daquele saboroso escândalo de gente conhecida, que viera, com as primeiras rosas e as primeiras andorinhas, **égayer** a nova primavera.” (“Uma escrava do *chic*”, p. 39).

Fauteuil, *fr.* Cadeira com costas e braços. “Uma sala verde musgo. Conforto inglês. **Fauteuils** Maple. Muitas plantas, muitas flores, etc., etc. ...” (“A tal pessoa que eu cá sei...”, p. 215).

Filoselle, *fr.* Bucha separada da seda fina durante a fiação dos casulos; fio de seda têxtil antes de ser tingido. “Pedimos **filoselles**. Os **filoselles** para a célebre colcha, género antigo, que ando a planear há um ano, sem conseguir decidir-me pelas cores.” (“No Chiado”, p. 131).

Five o’ clock (tea), *ingl.* Chá das cinco horas. “E, sem nos apressarmos, desfiando as mil pequeninas futilidades que nos interessam, lá fomos a caminho da Garret, onde, cada tarde, das seis para as sete, a Lisboa, que tem automóvel e pérolas, paródia com chá morno e bolos d’ovos, o íntimo, o incomparável **five o’ clock tea**.” (“No Chiado”, p. 132)

Flirt, *ingl.* Ato de flirter; brincadeira, partida galanteio, namoro, namorada. “E há três anos o **flirt** escandaloso com a secretária da América, aquela lambisgoia loira, que usava sempre um grande chapéu de plumas...” (“Duelo”, p. 66).

Fox-terrier, *ingl.* Tipo de cães de origem inglesa. “Passeiam nas ruasinhas do jardim. Segue-os Joy, a cadelinha **fox-terrier**.” (“Gracinha faz as honras”, p. 193).

Front, *fr.* Frente (de combate); linha de combate. “Tanta miséria que vai por esse mundo, disse Clementina, com uma sombra de tristeza nos olhos bons, e nós a pensarmos em chapéus! O que o Carlos conta do **front** é horrível...” (“Na loja dos chapéus”, p. 26).

Frou-frou, *fr.* Delicado ruído de vestuário feminino. “E o visconde que nesta reunião de mulheres elegantes, entre o **frou-frou** de tantas saias, o per-

fume de tantos lenços, vai tomando um ar cada vez mais idiota e mais feliz [...]” (“As quintas-feiras de Joana”, p. 14).

Gaffe, *fr.* Inépcia, negligência, deslize, lapso. “Percebe que fez uma *gaffe*, levanta-se um pouco embaraçado, vai até à janela.” (“Porque eles voltam”, p. 56).

Galantine, *fr.* Carne picada e cozida. “Descobriria uma *galantine* que parecia deliciosa, quis prova-la declarou-a digna dos deuses: – Certamente no Olimpo não se comia melhor.” (“As conquistas de João”, p. 88).

Gauche, *fr.* Esquerdo, o lado esquerdo; acanhado, deslocado, despropositado; desajeitado, sem maneiras. “Entra Anita, uma radiosa rapariga de vinte anos. A frescura das primeiras rosas da primavera. Tímida. Um pouco *gauche*. Cora a cada instante.” (“As quintas-feiras de Joana”, p. 10).

Gavotte, *fr.* Antiga dança francesa. “Num leque aberto esboça-se, gentil, maneiroso, um passo de *gavotte*...” (“Velhas”, p. 201).

Habitué, *fr.* Habitual frequentador (de lugar ou instituição); visitante regular, freguês. “Pedro então afirmou que realmente os *habitués* da Brasileira – gente tão distinta! – tinham travado uma verdadeira batalha, ninguém sabia bem porquê.” (“Boatos”, p. 99).

High-life, *ingl.* Alta vida, alta-roda, a alta sociedade. “As frágeis Princesas de Lamballe, as maliciosas Margaridas de Navarra, etc., etc., voltaram a ser as interessantes senhoras do nosso *hight-life*, que vão todas as tardes ao chá da caridade, envolvidas em peles ricas [...]” (“Velhas”, p. 207).

Home, *ingl.* O lar, a Pátria. “Sente-se em tudo a elegância, o delicado arranjo de um *home* perfeito.” (“Duelo”, p. 67).

Khédive, *fr.* Príncipe, senhor; título de antigos governadores do Egipto. “Matilde precisava um frasco de Tília e eu aquele delicioso Amber, que dá aos meus *khedives* um saborsinho oriental.” (“No Chiado”, p. 132).

Lady, *ingl.* Título dos pares britânicos usado antes do seu nome patronímico. “*Lady* Stanhope, após numerosas e infrutíferas tentativas de sedução, junto do desdenhoso Hill, resignara-se a falar da *season*, em Londres com Mrs. Birch.” (“As cartas de Clara”, p. 148).

Lingerie, *fr.* Conjunto das peças de roupa interior, sobretudo de senhora. “É a forte tentação, a almofada de penas, com a sua fronha de Bretanha finíssima – um tamanho de luxo de *lingerie*! – o quente *édredon*, segredando-lhe mil coisas frementes e doidas...” (“Uma escrava do *chic*”, p. 31).

Lorgnon, *fr.* Pequeno instrumento de ótico com cabo. “Ainda ninguém percebeu se é realmente míope ou se usa *lorgnon* como uma arma de guerra, mas Lisboa, em peso, treme diante do seu *lorgnon* terrível.” (“As quintas-feiras de Joana”, p. 9).

Madame, *fr.* Senhora. “Diana atravessou a sala no seu andar de deusa e *madame* Martin declarou-se às ordens daquelas senhoras.” (“Boatos”, p. 94).

Mademoiselle, *fr.* Menina, pessoa do sexo feminino ainda solteira. “A *mademoiselle* deve ficar com a *capeline*.” (“Na loja dos chapéus”, p. 23).

Manquée, *fr.* Defeituoso, errado, falhado, vencido. “Mas, festa em que V. Ex.^{as} não apareçam, é uma festa *manquée*.” (“As quintas-feiras de Joana”, p. 12).

Manteaux, *fr.* Manto ou capote. “E falávamos de novembro, na grande cidade, da Palace Vendôme, à hora dos chás elegantes e dos primeiros *manteaux* e das primeiras violetas, quando entramos no Pato, o famoso Pato retroseiro, onde cada carro de linhas custa uma fortuna.” (“No Chiado”, p. 130).

Ménage, *fr.* Vida comum de homem e de mulher; governo de casa; os objetos necessários à vida doméstica; conjunto de tarefas que exige a manutenção na casa. “Nada. Um aparte. E quem é o pomo da discórdia em *ménage* tão unido?” (“Mariquinhas tem ciúmes...”, p. 77).

Merengue, *esp.* Tipo de bolo de cor branca. “E enquanto um galego so turno e mal-humorado lhe serve o chá, declarando que não há pão com manteiga e que já se acabaram os *merengues*, a Sr.^a Viscondessa impinge ao autor do *Jupon da Duquesa* a lição estudada de manhã [...]” (“Uma escrava do *chic*”, p. 37).

Minois, *fr.* Cara delicada de criança, de jovem rapariga, ou jovem mulher. “Denise, a manequim, flexível, graciosa, com um delicioso *minois* parisiense, em que tudo é irregular e tudo é encantador.” (“Na costureira francesa”, p. 165).

Miss, *ingl.* Menina, mulher solteira. “Queria vê-lo doido por **miss** Mary!” (“As conquistas de João”, p. 88).

Mousseline, *fr.* Tecido de algodão muito fino e transparente. “Fred, cansado dos *flirts* com as bonitas estrangeiras, que passam o inverno no Hotel Reed e tomam chá, cada tarde, vestidas de leves **mousselines**, na varanda do Casino Pavão, reparou que Clara é encantadora.” (“As cartas de Clara”, p. 141).

Nuance, *fr.* Matiz; cambiante, gradação. “Joana recebe com uma amabilidade encantadora, cheia de **nuances**, aliás, segundo a importância e categoria de cada convidado.” (“As quintas-feiras de Joana”, p. 14).

Pedicure, *fr.* Pessoa que trata dos pés, unhas, calos, etc. “– Ele é os chefes, as criadas, os mordomos, os escudeiros, os calistas... – Diga antes **pedicure**, minha amiga...” (“Chá de novas ricas”, p. 163).

Pendentif, *fr.* Joia que se usa suspensa por cordão ou cadeia; pingente. “Um anel não, ficava grande de mais, um broche, um **pendentif**.” (“As conquistas de João”, p. 89).

Rage, *ingl.* Raiva. “Houve uma **rage** de variar da cabeça. Que isto de ter a mesma todos os dias.” (“Velhas”, p. 206).

Rendez-vous, *fr.* Encontro, conversa, entrevista. “Clementina despediu-se, recusando o nosso convite para tomar chá depois no **Rendez-vous**; uma pândega...” (“Na loja dos chapéus”, p. 27).

Robe de chambre, *fr.* Vestido de quarto, roupão. “E sem ao menos o deixarem vestir uma sobrecasaca, lá marchou em **robe de chambre**, entre baionetas, para o governo civil, onde ficou no segredo.” (“Boatos”, p. 97).

Sandwich, *ingl.* Sande. “Ponha-me aqui defronte um bom prato de **sandwiches**.” (“As conquistas de João”, p. 88).

Season, *ingl.* Estação, época; moda. “Acabará a **season** elegante.” (“As cartas de Clara”, p. 142).

Shake-hand, *ingl.* Aperto de mão. “Empurrada por Maria da Luz, Teresa estendeu a mão a Joana, que, empurrada por Maria do Céu, apertou a mão a Teresa. Mas foi ainda frouxo, constrangido este primeiro **shake-hands**.” (“Intrigas...”, p. 112).

Shocking, *ingl.* Repugnante, escandaloso, detestável, muito mau. Parece impossível. “Mas diga lá, ponha para aí tudo o que tem feito... O que não for **shoking**... já se vê...” (“As quintas-feiras de Joana”, p. 12).

Soirée, *fr.* Reunião após o jantar; festa, espetáculo, concerto, baile à noite. “Mas por um supremo esforço de vontade consegue dominar-se e arrasta-se ainda até à **soirée** das Morais.” (“Uma escrava do *Chic*”, p. 40).

Tailleur, *fr.* Alfaiate; veste de senhora, composta de saia e casaco. “Duas rosas vermelhas alegravam-lhe o **tailleur** escuro, de talhe impecável.” (“As conquistas de João”, p. 92).

Toilette, *fr.* Toalha de toucador; o toucador, móvel; ato de se lavar e se vestir; conjunto de roupas com que alguém se apresenta. “A **toilette** das mulheres tornou-se, à imagem do seu coração, desesperadamente enigmática!” (“Uma escrava do *chic*”, p. 42).

Up to date, *ingl.* Até esta data; ao corrente, em dia, atualizado; moderno. “Bem-falante, com alguns desmandos de linguagem. Pousa para a mulher do mundo **up to date**.” (“Chá de novas ricas”, p. 160).

Vendeuse, *fr.* Vendedeira que, no entanto, não traduz exatamente o que se pretende com o francesismo. “E como D. Rosalina, a **vendeuse** magra, nos perguntasse pela terceira vez: – O que desejam V. Ex.^{as}?” (“Na loja dos chapéus”, p. 21).

Verve, *fr.* Entusiasmo, inspiração que anima um autor. “Depois, durante o jantar, já se vê, foi ela que falou e riu todo o tempo, com aquela sua **verve** endiabrada, nervosa, que me diverte dois minutos e logo me extenua.” (“As cartas de Clara”, p. 147).

Vitrine, *fr.* Já aportuguesado em vitrina, mostruário. “Na **vitrine** da florista murchava um ramo de crisântemos pálidos”. (“No Chiado”, p. 127).

Whisky, *ingl.* Forte bebida alcoólica obtida do malte. “Manuel toma o seu **whisky and soda** numa xícara rachada”. (“Boatos”, p. 100).

Anexo 2 – Autores, Obras e Personalidades nos livros de Luzia

(Neste levantamento acrescenta-se uma breve explicação do autor ou personalidade quando possa não ser do conhecimento público dos leitores)

Os Que Se Divertem (A Comédia da Vida), 2ª Edição

Autor/Personalidade	Obra	Citação
	<i>As Mil e uma Noites</i>	E descreveu a Tote o palácio que, em plena Lisboa, ressuscitava os esplendores das <i>Mil e uma Noites</i> [...] p. 94
	<i>Saint Nicholas</i> – Jornal popular para crianças. <i>Bibliothèque Rose</i> – Coleção de livros para crianças pequenas.	Quando eu tinha quinze anos estavam em moda as correspondências com raparigas francesas, que conhecíamos apenas por intermédio dum jornal chamado <i>Saint Nicholas</i> . Leu alguma vez, por acaso, o <i>Saint Nicholas</i> ? Era tudo quanto pode haver de mais secante, em género <i>Bibliothèque Rose</i> . Mas eu achava-o sublime... p. 149
	<i>A Bela e a Fera</i>	Mercedes – <i>A Bela e a Fera</i> ... p. 186
		Esse espetáculo, lindo aliás – Tote dança tão bem que poderíamos chama-la como <i>madame Hamelin</i> , <i>la valse personifiée</i> [...] p. 87
		Ao meu lado, uma senhora gorda, com duas papadas, lia atentamente, o último número do <i>Ouvrage pour Dames</i> . p. 134
Anatole France (1844-1924) Jacques Anatole François Thibault		
Anatole France		Maria da Luz – <i>Paroles d'amour, semblables aux fleurs dans leur perpétuelle nouveauté!</i> Não és da opinião de Anatole France... p. 81
Anatole France	<i>Livre de mom ami</i> <i>Lys Rouge</i>	Carminho (espevitada) – Anatole France? Não li mais porque não me apeteceu. Comecei o <i>Livre de mom ami</i> e faltou-me a coragem d'ir para adiante. Que chatice! [...] p. 184 Mercedes (superior) – Evidentemente no <i>Lys Rouge</i> ... p. 184
Anna Élisabeth de Brancovan, Comtesse de Noailles (1876-1933) Poetisa francesa de origem romana. Foi mecenas em Paris dos salões literários e travou amizade com a elite literária e artística da época, incluindo Marcel Proust, Francis Jannes, Colette, André Gide, Frédéric Mistral, Robert de Montesquiou-Fezensac, Paul Valéry, Jean Cocteau, Pierre Loti, Paul Hervieu, e Max Jacob. Foi a primeira mulher a se tornar comandante da Legião de Honra, a primeira a ser recebida na Academia Real Belga de Língua e Literatura Francesa, e recebeu o “Grand Prix” da Academia Francesa em 1921.		
Comtesse de Noailles		<i>Elle a de l'héroïsme dans sa sottise et sa vanité, elle rendrait une visite de politesse avec la grippe en hiver. Elle pensera à ces choses au milieu de la fièvre et des transpirations de l'agonie.</i> p. 31

Comtesse de Noailles	<i>Nouvelle Espérance</i> , 1903.	Paulo – <i>Nouvelle Espérance</i> , Comtesse de Noailles. Tudo literatura feminina. Este deve ser doido varrido... p. 55 Paulo (abre, lê ao acaso) – <i>Voilà on ne pense a rien, on est content, ou s'habille le soir, on se met des robes de tulle ou l'on est à moitié nue...</i> (rindo) E ainda ela não viu o que vai por cá!... <i>On se vide des flacons d'odeur sur les bras et on va à cela en riant sans se douter comme on est brave.</i> Cela, o que vem a ser? Josefina – O amor... Paulo – Ah! (continua lendo) <i>Est c'est la plus affreuse maladie, avec les tâches bleues sur l'âme...</i> p.55
Blaise Pascal (1623-1662) Físico, matemático, filósofo moralista e teólogo francês.		
Blaise Pascal		De resto, para ela, Pascal ou Bourget é tudo a mesma súcia... p. 38
Charles Perrault (1628-1703)		
Charles Perrault	<i>O Barba azul</i>	Carminho – <i>O Barba azul...</i>
Colette Willy é a romancista francesa Sidone-Gabrielle Colette (1873-1954).		
Colette Willy		Teresa acha Gyp superior a tudo. Porém, o visconde expõe uma grave opinião: Parece-lhe que Gyp está um pouco <i>demodée</i> , usa-se mais Colette Willy... p. 15
Colette Willy	Série de 4 livros <i>Claudine</i> , 1900-1904.	Carminho – Querem ver que foi <i>Rocambole...</i> Gracinha (dando-se ares) – <i>Rocambole</i> já eu conhecia aos doze anos. Foi... as <i>Claudines</i> ... p. 186
Alexandre Dumas	<i>D'Artagnan</i>	<i>Brise de mer</i> , adorava o <i>opoponex</i> e d'Artagnan, achava uma indignidade a minha predileção pela alfazema e por D. Quixote. Estivemos mesmo, vai e não vai, a brigar por causa do cavaleiro da Triste Figura, porém, Musset reconciliou-nos e em atenção à <i>Nuit de Décembre</i> , foi-me perdoada a aventura dos moinhos. p. 150
Miguel de Cervantes	<i>D. Quixote</i>	
Musset	<i>Nuit de Décembre</i>	
Félix-Henri Bataille (1872-1922) Dramaturgo e poeta francês. Os seus trabalhos foram extremamente populares entre 1900 e o início da primeira Guerra Mundial.		
Félix-Henri Bataille	<i>L'Amazone</i> , 1916.	Josefina – [...] A propósito: Conheces a <i>Amazone</i> de Bataille? p. 63 [...] Josefina – É mais um drama sobre a guerra. As eternas tretas heroicas... p. 64
François Fabié (Fablé) (1846-1928) Poeta regionalista francês		
François Fabié		<i>Savoir vieillir...quel art! Et combien difficile!</i> p. 201

Gaston Arman de Caillavet (1869-1915) Dramaturgo francês. Inspirava-se muito em Anatole France. De 1901 a 1915 colaborou com Robert de Flers em muitos trabalhos, e tiveram muito sucesso.		
Gaston Arman de Caillavet	<i>Habit Vert</i> – Comédia de quatro actos. Paris, Théâtre des Variétés, 16 de Novembro de 1912.	Maria da Luz (rindo) – Talvez queiras que te faça o rascunho... És único! Olha, diz-lhe como a duquesa do <i>Habit Vert</i> : <i>Nous allons disloquer...</i> p. 49
Henrik Ibsen (1828-1906) Foi um dramaturgo norueguês, considerado um dos criadores do teatro realista moderno.		
Ibsen		Pedro – Forte trapalhada! Estás quase tão nebulosa como Ibsen...p. 219
Jean Richepin (1849-1926) Poeta, novelista e dramaturgo de língua francesa. Foi membro da academia francesa. Talento vivo embora errático. Com o seu livro <i>Chanson des gueux</i> , revela a grande qualidade lírica, mas a linguagem e texto explícito levaram a que fosse multado e preso por ofensa à moral pública.		
Richepin		<i>Vous saignez! Je mettrai mes doigts dans la blessure. Et tâcherai d'avoir les doigts empoisonnés...</i> p.61
Judith Gauthier (1845-1917) Escritora e poetisa francesa. Foi iniciada nas ideias e costumes chineses, aprendendo também o japonês. Com ligações a Pierre Loti.		
Judith Gauthier	<i>Le livre de Jade</i>	Paulo – <i>Le livre de Jade</i> , Judith Gauthier. Não conheço... p. 55
Louis XV - (1710-1774)		
Louis XV		<i>Nos chers amis... les ennemis.</i> p. 7
Marcel Prévost (1862-1941)		
Marcel Prévost	<i>Sur la Beauté</i> , 1907-07-17 – <i>Le Figaro</i>	Maria da Luz – Tanto não. Nem é preciso. Já não é moda. Lê o <i>Krac de la Beauté</i> de Marcel Prévost. Muito instrutivo... p. 45
Marcel Prévost	<i>Automne d'une femme</i> (1893) O livro retrata as características das mulheres de um ponto de vista estritamente masculino.	Viscondessa – isso é do <i>Automne d'une femme</i> , de Marcel Prévost. Um livro admirável, que me assusta, porém... p. 204
Marquez de Ségur		<i>Il n'est de beaux romans que ceux qui restent en chemin et n'ont pas de dernier chapitre. [...]</i> p. 141
Maurice Barrès (1862-1923) Escritor e político francês.		
Maurice Barrès		As senhoras, que tinham tomado partido pela Teresa, falavam com os olhos em alvo de Maurice Barrès, de poesia futurista [...] p. 111

Octave Mirbeau (1848 – 1917) Escritor, crítico de arte, jornalista, entusiasta do anarquismo, nascido em França. Considerado uma das personalidades mais originais da literatura francesa da chamada “Belle Époque”. Publica romances considerados escandalosos, e tem uma visão à frente do seu tempo.		
Octave Mirbeau		<i>Tristesse qui fait rire, comique qui fait pleurer...</i> p. 3
Paul Bourget (1852-1935) Escritor e ensaísta francês, romancista e crítico literário, autor de romances psicológicos. Exerceu grande influência nas letras no período que antecedeu o naturalismo, o qual combateu.		
Paul Bourget		Armando, <i>le coer a des raisons que la raison ne connait pas...</i> como disse... Bourget. Eu já expliquei que a Sr. ^a Viscondessa nunca se lembra de quem diz as coisas. Mistura várias vezes alhos com bugalhos. p. 38
Paul Gerdaldy (Paris 1885) O seu sucesso como poeta foi tão grande, que tende-se a negligenciar o seu sucesso no teatro. Ficou eternamente conhecido como o poeta das mulheres e das coisas do coração.		
Paul Gerdaldy	<i>Toi et moi</i>	Fala-se de literatura. Uma senhora, franzina e loira conta que ficou doida pelo <i>Toi et moi</i> , de Gerdaldy. Joana não se lembra, mas parece-lhe que não leu Gerdaldy. Teresa explica logo: - Lêste filha! É um que pede à amante para não pôr o vestido novo. p. 15
Paul Gerdaldy	<i>Expansion</i>	Miguel (muito precioso) – <i>Expansion</i> de Paul Gerdaldy. É um dos modernos...[...] <i>Oh! Je vous aime! Je vous aime! Vous entendez? Je suis fou de vous. Je suis fou...</i> <i>Je dis des mots toujours les mêmes, Mais je vous aime, je vous aime!</i> p. 197
Pierre Alexis Ponson du Terrail – Escritor francês que escrevia romances góticos, de crime e ficção.		
Ponson du Terrail		Mercedes – Pelo menos não confundo Ponson du Terrail com Anatole France. p. 184
Ponson du Terrail	<i>Rocambole</i>	Carminho – Querem ver que foi <i>Rocambole</i> ... Gracinha (dando-se ares) – <i>Rocambole</i> já eu conhecia aos doze anos. Foi... as <i>Claudines</i> ... p. 186
Pierre Loti (1850-1923) Pseudónimo de Julien Viaud, romancista francês e oficial da marinha. Admirador de Marcel Proust, casou com uma japonesa.		
Loti		- Adoro a dança, João. O meu ideal era ser bailarina. Queria dançar como Salomé diante de Herodes. [...] – Ou como as <i>almées</i> nos romances de Loti... [...] – Ou como Otero na dança do ventre... p. 91

Loti	<i>Madame Chrysanthème</i>	Viscondessa – É verdade... Eu no baile da Joana estava <i>mousmé</i> . O Paquinho chamou-me <i>Rosée Matinale</i> , o nome duma heroína de Loti... p. 206
Robert de Montesquieu (1855-1921)		
Montesquieu	<i>Les hortensias bleus</i>	Pensei no livro de Montesquieu de que Fred gosta tanto: <i>Les hortensias bleus</i> [...] p. 146
Sibylle Aimée Antoinette Gabrielle de Riquetti de Mirabeau , Condessa de Martel de Janville “Gyp” (1849 – 1932). Escritora francesa que escrevia sob o pseudónimo Gyp. Gyp escreveu rábulas humorísticas e romances que descaradamente denunciavam a própria sociedade moderna, assim como a classe política da República Francesa. Por causa das suas opiniões inoportunas, a condessa foi vítima de vários atentados contra a sua vida, bem como de um sequestro sensacional.		
Gyp		Teresa acha Gyp superior a tudo. Porém, o visconde expõe uma grave opinião: Parece-lhe que Gyp está um pouco <i>demodée</i> , usa-se mais Colette Willy... p. 15
Théroigne de Méricourt – mulher política francesa, intensamente apaixonada, heroína da revolução.		
Padeira d’Aljubarrora Maria da Fonte – ou revolução do Minho, nome dado a uma revolta popular.		
Théroigne Padeira d’Aljubarrota Maria da Fonte		Prudentemente, deixei passar adiante a terrível mulher, que no seu espírito já tomara proporções das megeras celebres, - Theroigne, a Padeira d’Aljubarrora, Maria da Fonte – e desci com a devota certeza de que, só por milagre da santa, eu escapara na tormentosa viagem. p. 139
Verlaine (1844-1896)		
Paul Verlaine		Carminho (entusiasmada) – Verlaine! Que encanto! De chaque branche Parte une voix Sous la ramée... p. 190
Watteau (1684-1721)		
Antoine Watteau		Pedro – Foram, alternadamente, frágeis Princesas de Lamballe, picantes Margaridas de Navarra, ingénuas pastorinhas de Watteau, sultanas perturbadoras, turcas misteriosas, finas japonesas... p. 206
William Shakespeare (1564-1616)		
Shakespeare		<i>That is the question</i> , como dizia o meu velho Shakespeare... p.42
Shakespeare		- João, a mulher é cruel, pérfida como a onda, lá o disse o velho Shakespeare. p. 90
Shakespeare		Tal e qual como Beatriz de Shakespeare... p. 151

Rindo e Chorando

Autor	Obra	Citação
Alfred Tennyson (1809-1892)		
Alfred Tennyson		... O death in life, the days that are no more! p. 223
Anatole France	Le jardin d'Epicure (1894)	<i>Plus je songe à la vie humaine, plus je crois qu'il faut lui donner pour témoins et pour juges l'Ironie et la Pitié, comme les Egyptiens appelaient sur leurs morts la déesse Isis et la déesse Nephthis. L'Ironie et la Pitié sont deux bonnes conseillères: l'une, en souriant, nous rend la vie aimable; l'autre, qui pleure, nous la rend sacrée. L'Ironie que j'invoque n'est point cruelle. Elle ne raille ni l'amour, ni la beauté. Elle est douce et bienveillante. Son rire calme la colère et c'est elle qui nous enseigne à nous moquer des méchants et des sots, que nous pouvions, sans elle avoir la faiblesse de haïr.</i>
Anatole France		<i>Ce n'est guère l'usage d'aimer ce qu'on a.</i> p. 107
Anatole France	<i>Les Contes Jacques Tournebroche</i>	Alexandre – Quer que lhe conte uma história de Jacques Tournebroche? p. 62
André Beaunier (1869-1925) Romancista e crítico literário francês.		
André Beaunier		<i>Et, que tu aies vécu ici bas, joui de mille voluptés et supporté mille tracas, sera la même chose exactement que si jamais tu n'avais existé.</i> p. 55
André Beaunier		Maria – Como no delicioso jardim, descrito por Beaunier, a única flor é a luz... E tão suave, tão discreta, que parece feita para os teus olhos magoados... p. 238
André Fontainas (1865-1958) Poeta belga simbolista e crítico. Passou grande parte da sua vida em França.		
André Fontainas		<i>En mon âme d'ennui jamais ne s'élève Le désir d'un désir, ni le rêve d'un rêve!</i> p. 233
André Theuriet (1833-1907) Poeta e romancista francês, estudou direito em Paris e entrou no serviço público, atingindo o posto de chefe de gabinete, antes de se aposentar em 1886.		
André Theuriet		<i>L'amour, l'amour qu'on aime tant Est comme une montagne haute On la monte toute en chantant On pleure en descendant la côte...</i> p. 271
Binet Valmer (1875-1940) Romancista e jornalista franco-suíço, o seu estilo era de uma precisão clínica com que ele dissecava as psicologias e motivações das suas personagens.		
Binet Valmer	<i>Passion</i>	Tote – Ora essa! Então eu não li de fio a pavio, o último livro que me emprestou a tal <i>Passion</i> , de Binet Valmer? p. 62

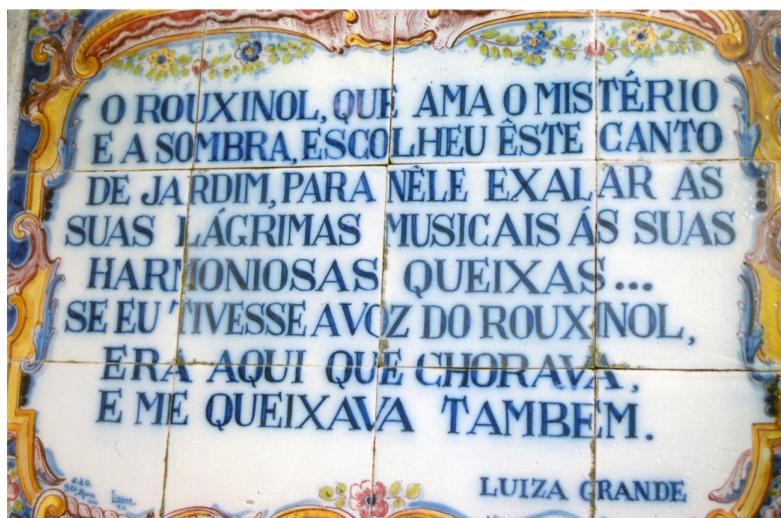
Bourget		Marta – Pois acabou-se. Venha. Do mal o menos. Se hei de ler Bourget... p. 96
Caillaux (1863-1944) político francês que ocupou o cargo de primeiro-ministro.		
Joseph Caillaux		Marta – Estou fartíssima d'atura-la. Vou declarar-lhe que sou republicana, socialista, bolchevista, que leio Anatole France, que adoro Caillaux, os judeus...Veja se se lembra de mais alguma coisa que a assarapante... p. 95
Charles Baudelaire (1821-1867)		
Charles Baudelaire	<i>Fleurs du Mal</i>	Rodrigo – Abri as <i>Fleurs du Mal</i> n'aquele verso: <i>Même quand elle marche on dirait qu'elle danse...</i> Lembrei-me se si... p. 93
Charles Baudelaire		Rodrigo – E o andar! Só o andar vale um império! Nunca a vejo que não me lembre o verso de Baudelaire: <i>quand elle marche on dirait qu'elle danse...</i> p. 119
Claude Adhémar André Theuriot (1833-1907) Romancista e poeta francês.		
Theuriot		Isabel – [...] Eternizava-se diante do mausoléu, onde dorme, embalada pelo verso de Theuriot, aquela estranha Marie Barkirtseff... p. 39
Claude Farrère (1876-1957) pseudónimo de Frédéric-Charles Borgone foi um escritor de novelas francesas e romances fantásticos.		
Claude Farrère	<i>L'homme qui assassina</i>	Pedro – <i>L'homme qui assassina</i> . De Claude Farrère.. p. 262
	<i>Mão do Finado</i>	Gracinha – [...] Eu, quando a Riquinha me emprestou a <i>Mão do Finado</i> e outros romances de crimes, andei espavorida, não pregava olho... p. 262
Eça de Queirós (1845-1900)		
Eça de Queirós		Pedro – A tia Maria Francisca vive indiferente ao Estado e ao Governo dos homens, tal e qual como o Jacinto do Eça, que V. Ex. ^{as} conhecem... p. 180
Eça de Queirós	<i>Os Maias</i>	- Eduardo. Gosta? - Muito. Lembra-me os Stuarts e o Carlos Eduardo dos <i>Maias</i> ... -Ah! Leu os <i>Maias</i> ? -Mil vezes. Eu tenho uma paixão pelo Eça. p. 251
Francisco I		Rodrigo – Então Francisco I, quando escreveu...? Marta – <i>Souvent femme varie...</i> ? Estava despeitado, naturalmente... p. 89
Françoise de Graffigny, Madame de Graffigny (1695-1758) Romancista francesa, é uma das mulheres mais importantes da literatura do século XVIII.		

Madame de Graffigny	<i>Letres Péruviennes</i>	Josefina (rindo) – Temos comparação...Vê lá não seja como <i>Madame de Graffigny</i> nas <i>Letres Péruviennes</i> ... p. 28
Gabriele D'Annunzio (1863-1938) escritor, poeta, militar e político italiano. Símbolo do decadentismo.		
Gabriele D'Annunzio	<i>Fogo</i>	Cecília – [...] Lembraste do que diz Annunzio, no <i>Fogo</i> ? p. 196
Gérard D'Houville é o pseudónimo de Maria de Heredia (1875-1963) foi uma escritora francesa, autora de romances e poesias. Filha do poeta cubano José Maria de Heredia, durante toda a infância teve contacto com poetas e artistas; Leconte de Lisle, Anna de Noailles, Paul Valéry eram frequentadores de sua casa. A sua vida sentimental e familiar foi bastante agitada, esposa de Henri de Régnier, foi amante de Pierre Louÿs, com quem teve m filho, e teve outros amantes incluindo Gabriel D'Annunzio.		
Gérard D'Houville		<i>Nous sommes tous esclaves de quelqu'un ou de quelque chose, d'une manie, d'une circonstance, d'une affection, d'une habitude, d'un préjugé, d'une dévotion, d'un amour ou d'un souvenir...</i> p. 149
Guido de Verona (1881-1939) Poeta e escritor italiano. Foi um grande admirador de Gabriele D'Annunzio.		
Guido de Verona		<i>L'amour ne mérite son nom que quand il arrive à être une infinie bonté.</i> p. 21
Jean-Jaques Rousseau (1712-1778)		
Jean-Jaques Rousseau		Marquesa – Um cantinho <i>ancient régime</i> ... Assim de quando os ares começaram a toldar-se, estavam em moda os <i>fichus</i> de musselina, Rousseau, a santa simplicidade... p. 27
Jeanne Julie Eleonore de Lespinasse (1732-1776) Escritora Francesa.		
Jeanne Julie Eleonore de Lespinasse	<i>Lettres de Mademoiselle</i> (1811)	Marquesa – [...] E não te pareses com <i>Mademoiselle de Lespinasse</i> ?! p.31
Júlio Dantas (1876-1962) Foi um médico, político e diplomata, que se distinguiu como um dos mais conhecidos intelectuais portugueses das primeiras décadas do século XX. Foi como dramaturgo que ficou mais conhecido.		
Júlio Dantas		No pequeno terraço, que o luar inundava, Maria da Luz, decotada até à alma, como se diz nos livros do sr. Júlio Dantas, parecia contemplar pensativamente as mansas ondas... p. 127
Lecomte de Lisle (1818-1894) Poeta francês cuja energia passional, a interpretação simbólica da natureza, o gosto pela cor e pelo exotismo e a liberdade na fantasia ligam-no ao Romantismo. Considerado um dos poetas franceses mais importantes do século XIX.		
Lecomte de Lisle		[...] um vestido de brocado antigo, género sumptuoso, género Sarah Bernhard na Cleópatra, recitar versos de Lecomte de Lisle, muito maçadores, mas sumptuosos como o seu vestido... p. 140

Louise d'Épinay, Madame d'Épinay (1726-1783) Escritora francesa celebrizada pelas suas ligações afetivas com Jean-Jacques Rousseau e Friedrich Melchior Von Grimm. Separou-se do marido e mudou-se para o Château de la Chevrette, onde manteve um famoso salão literário e se correspondeu com muitos membros da realeza europeia. Escreveu <i>Conversation d'Émilie</i> para a educação da sua neta, obra que foi premiada na academia francesa.		
Madame d'Épinay		Josefina (irónica) – Era melhor a educação no tempo em que Madame d'Épinay escrevia os seus famosos tratados? p.30
Luís de Camões (1524-1580)		
Luís de Camões		N'aquele engano d'alma ledo e cego ... p. 97
Madame de Pompadour (1721-1764) Cortesã Francesa e amante do rei Luís XV de França. Uma das figuras mais emblemáticas do século XVIII francês. Via o seu papel como uma secretária confidencial do rei. Natier (1685-1766) pintor francês retratista. Foi o pintor preferido das filhas de Luís XV.		
Madame de Pompadour		Visconde (apontando para uma magnífica cópia do retrato de Madame de Pompadour, por Natier) – Uma sua avó, decerto... p. 178
Natier		- Guizot quando amou <i>Madame de Lieven</i> ... p.252
Marguerite Burnat Provins (1872-1952) Nasceu em França, casou em Londres, viveu no Egipto e por fim adoptou a Suíça como sua casa.		
Marguerite Burnat Provins		<i>...Ton rire je ne le connais pas. Mais si l'heure de la fatigue et la vérité solitaire te font soupirer faiblement, cette plainte à peine exhalée, à travers toutes les distances, je l'entends...</i> p. 161
Marguerite Burnat Provins		<i>Si je te tenais dans mes bras, c'est là qu'il finirait l'adorable voyage et je veux voyager encore...</i> p. 243
Marie Barkirtseff		<i>Mon corps pleure et crie, mais quelque chose qui est au dessus de moi se réjouit de vivre quand même!</i> p. 43
Marie Barkirtseff		<i>Toutes les saisons sont belles, toute l'année, toute la vie...</i> p.33
Maurras (1868-1952) Foi um poeta monarquista francês, jornalista, anti-semita, germanófilo. Salazar estudou as suas ideias, que confessou terem sido relevantes na sua formação política.		
Bourget	Laurence Albani	Rodrigo – E os livros que lhe mandei?
Maurras	<i>Avenir de L'Intelligence</i>	Marta – Podia guarda-los para si. Abomino Bourget. Atirei <i>Némésis</i> ao tecto... <i>Laurence Albani</i> pela janela fora... quis recorrer a Maurras, não entendi patavina do <i>Avenir de L'Intelligence</i> ... enfim, nada me interessou... p. 93
Mélusine é uma personagem da lenda e folclore europeus, um espírito feminino das águas doces em rios e fontes sagradas. Ela é geralmente representada como uma mulher que é uma serpente ou peixe.		
Mélusine		Pedro (sorrindo) – Talvez o bosque onde Mélusine dançava, sobre pérolas, ao luar... p. 174
Pierre Loti		- Nem sequer um idílio Japonês, à maneira de Pierre Loti? p. 132
Shakespeare		<i>Pérfida como a onda...</i> p. 69

Shakespeare		Rodrigo – Digo-te como o velho Shakespeare: Duvida do sol e ... dos outros astros... duvida... Não me lembro de que mais ele mandava duvidar... esta cabeça, por tua causa, anda a razão de juros! [...] Marta – O velho Shakspeare era <i>volage</i> . Usava e abusava dessas cantigas... p. 100
Sully Prudhomme (1839-1907) Poeta francês, o primeiro a receber o prémio Nobel da Literatura.		
Sully Prudhomme		<i>Le meilleur moment des amours, N'est pas quand on a dit: Je t'aime! Il est dans le silence meme A demi rompu tous les jours.</i> p. 85
Vasco da Gama (1460-1524) D. João de Castro (1500-1548)		
Vasco da Gama D. João de Castro		- Ah! Creio bem, no tempo de Vasco da Gama ou quando aquele excelente D. João de Castro sacrificava as barbas... p.250

Anexo 3 – Fotografia de azulejo





FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

**Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT –
Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto
“UID/ELT/00077/2013”**

Esta investigação pretende trazer à atualidade a memória de uma escritora esquecida no tempo, Luzia. Apresenta-se a vida e obra desta autora, bem como a sua receção na sociedade da época. É realizado um relato das crónicas das suas vivências, das suas viagens, vagabundagens, bem como da busca do “eu” que a autora enceta, e que nos dá a conhecer através da obra. Faz-se também um roteiro por todas as suas obras, buscando as imagens mais significativas, que comprova a existência de um reino mágico, no qual Luzia por vezes habita.

É também realizada uma recolha de testemunhos da imprensa, anos depois de Luzia falecer, traçando qual a opinião que público e literatos tinham de Luzia, ao mesmo tempo que se tenta perceber os motivos que levaram ao esquecimento da escritora.

São também evidenciados os traços que distinguiram Luzia como mulher e escritora na sua época.